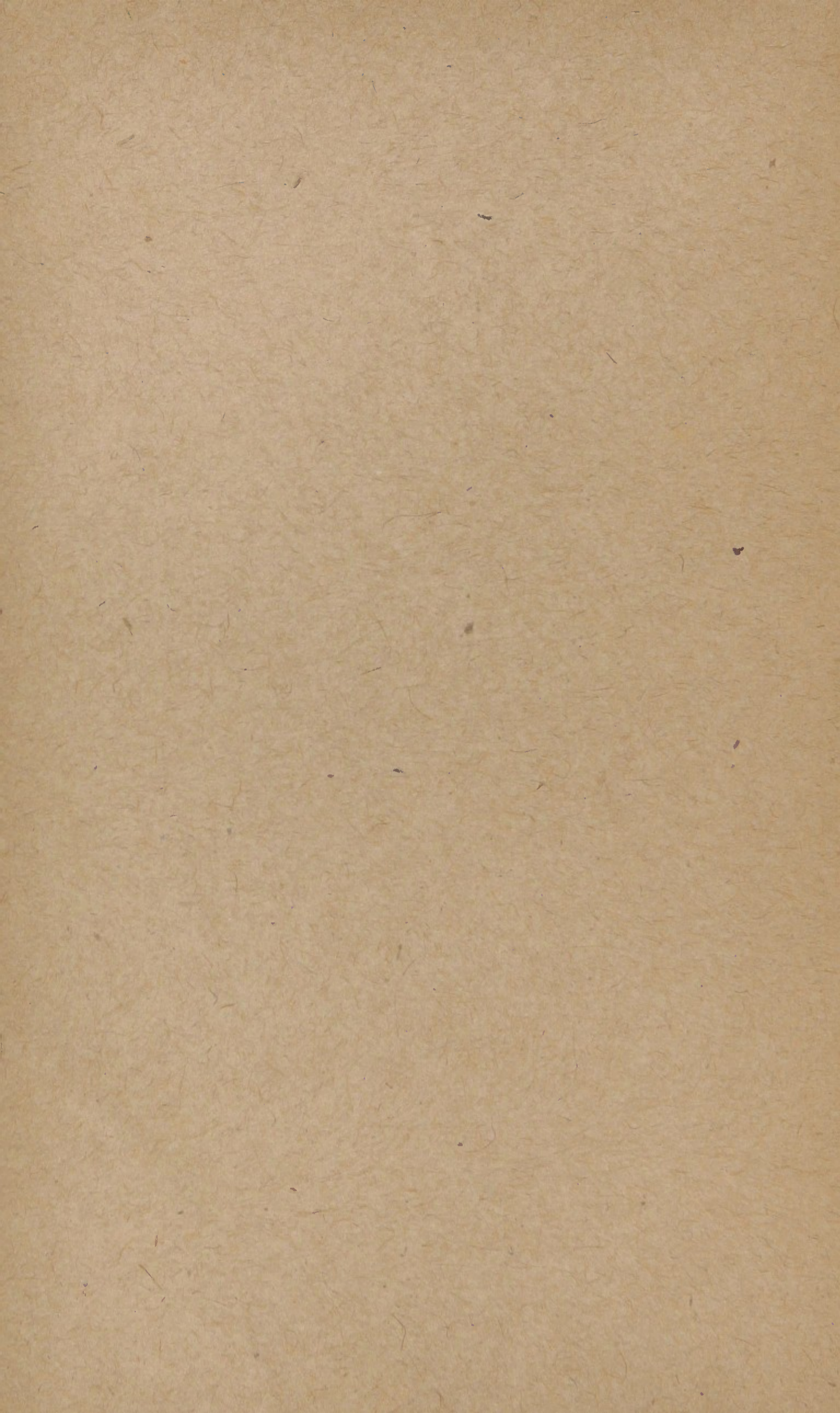


Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





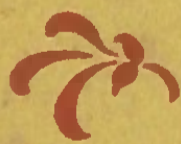


JOÃO DO RIO
(DA ACADEMIA BRAZILERA)



Psychologia Urbana

O Amor Carioca
O Figurino — Flirt
A Delicia de mentir
Discurso de recepção



LIVRARIA GARNIER
109, rua do Ouvidor, RIO DE JANEIRO
-:- 6, rue des Saints-Pères, PARIS -:-

AMAVEL LEITOR...

AMAVEL LEITOR...

Stendhal, que era um grande observador, desconfiava muito do numero dos seus leitores. Eu deconfio ainda mais, seguindo o exemplo superior. Terei cinco leitores? Terei dois? Terei um? Para a vaidade e a venda seria agradavel ter vinte e quatro milhões. Mas, particularmente para a liberdade do escriptor, para a franqueza completa, é muito mais agradavel ter apenas um. Um leitor é o sonho, um unico leitor é a maravilha. Deante de muita gente é preciso deitar importancia e um homem importante é quasi sempre secante. Para uma só pessoa está-se á vontade e chega-se a pensar mesmo ter espirito, quando a fallar mal dos outros. E' uma agradavel palestra intima, a despreocupaçãõ de que não ha muitos cavalheiros com inveja, com gana, com estupidez... Os antigos escriptores portuguezes, na duvida que me alanceia a alma, faziam sempre um prefacio, elogiando o homem decidido a lê-los; e começavam assim :

— *Amavel leitor...*

Eu desejaria ter a segurança desses falecidos homens de letras, porque, com tranquillidade certa, diariamente sentar-me-ia á mesa, chamaria o Leitor amavel, e assim seguro, discorreria na doce illusão do seu bom conceito. Vícios, usos, costumes, defeitos, excessos alheios, teriam o crivo e o tiroteio de phrases esmagadoras, quando a boa ação, tão rara de apparecer, não dêsse o ar de sua graça aborrecida. Porque é realmente muito aborrecido ao coração dos homens ler elogios ás ações alheias.

Agora por exemplo, eu teria, tomado a creatura amiga :

— « *Amavel Leitor.*

Como és unico e paciente podes concordar commigo. Concorda que nós temos o costume de falar mal da vida alheia. É uma doença, uma doença aguda. Só um pobre diabo, sem importancia alguma, é que poderá escapar á calumnia. Mas o phenomeno interessante é que quanto mais notavel é o sujeito mais atacado é e mais calumniado. O grande homem do Rio seria aquelle de que toda gente, mesmo sem o conhecer, dissesse horrores. Ter talento, ter capacidade, agir, brilhar, mostrar uma figura impressionante, é augmentar a lista dos desafectos gratuitos, dos espiões dos nossos gestos, dos pobres diabos que não podendo negar um esforço sério e superior, atiram-se ferozmente contra o bandido capaz de ser melhor. O mundo não muda,

e afinal, ao menos nisso, o Rio parece Athenas que desterrava Aristides apenas por elle ser bom de mais. »

Deante desse introito amargo e erudito (por causa da lembrança de Aristides muito a proposito) o amavel Leitor poderia ter a liberdade de interromper.

— Isso é serio?

— Quanto ha de mais serio.

— Vae fazer alguma conferencia?

— Ah! Amavel Leitor!... Não é exactamente isso. E' talvez peor.

A cidade só tem uma preocupação — ouvir e fazer conferencias. E' preciso fazer conferencias! E' preciso fazer conferencias! O delirio, a nevrose, a ancia da cidade — conferencias! Sempre conferencias! só conferencias! Nós estamos no paiz das conferencias. A principio era apenas uma por semana, toda a semana ruidosamente acclamada e neuralgicamente regular. Depois a moda fel-as duas em sete dias. Depois a necessidade de apparecer, as obras de caridade, augmentaram o numero mais um ponto. Depois o lucro, a necessidade de cavar a vida e de reclamar as instituições, exigiu mais duas. Agora, mais ou menos — temos umas dez conferencias diarias. Oh! as conferencias, a nevrose das conferencias!

O dia de uma senhora elegante está virtualmente tomado pelas conferencias. E' accordar

de manhã e ter uma conferencia preparatoria com a sua femme de chambre. Em seguida uma pequena causerie gustativa á maneira de Savarin á hora do almoço. Outra conferencia de toilette com a creada de quarto, meia hora de attenta attenção á dissertação da première sobre os tecidos da moda nos costureiros do tom e afinal o maremagnum da intellectualidade com toda a sua cambiante. E' só escolher. Ha conferencia sobre « Os cumes dos Andes », na Sociedade de Geographia, a da « Evolução do Assucar », no Mostruario dos Vinhos, a da Associação Christã sobre a « Virtude da Gymnastica. », a do conselheiro X, no Retiro sobre « Coimbra do meu tempo », a do Godinho sobre a « Cidade Nova », a do notavel poeta Antunes sobre o Beijo, a do critico musical sobre a ausencia da musica, a do joven e já conhecido poeta Jójoca, no Club Esperança do Campinho, a da dra. Chiquinha no Instituto dos Advogados sobre o « Divorcio », e ha fatalmente, inexoravelmente, a dos primeiros, a de meia duzia de cidadãos que tiveram a idéa de fazer isto aqui, ha tres annos, e que por isso mesmo continuam a fazer conferencias, aos sabbados, no Instituto.

Essas são as conferencias numa lingua geralmente entendida por todos. Ha outras em linguas estrangeiras : a de M^{me} Chose, explicando o motivo porque veiu ao Brasil, em francez; a de Clavaud, falando da lingua d'oc e da

lingua d'oil, tambem em francez; a do Centro Esperantista, em esperanto, e até si quizerem na Academia Berlitz, uma em inglez.

A dama elegante toma o seu coupé-automobile, consulta o carnet e, assustada, fala pelo phone de marfim ao chauffeur :

— Joseph, troisième vitesse...

O automovel vóa e pára á porta do primeiro edificio. A dama elegante salta. Ha sempre á porta reporters tomando nomes. Quando os jornaes não dizem que vão tomar nomes, a conferencia enfraquece tanto que os conferentes resolvem descompôr os redactores dos mesmos jornaes, feitos pela fatalidade tambem conferentes. A dama sabe disso. Entra, ondula, mostra o seu vestido, ouve tres ou quatro minutos o conferente que fala, sáe, o automovel corre de novo, esbarra num stopp subito, a scena recomeça mais além e, no fim da hora, a corrida snob foi cumprida. A dama elegante volta á casa a conferenciar com o cardapio do jantar. Está arrasada, mas satisfeita. Trouxe do passeio vertiginoso impressões muito interessantes! Na sala n.º 1 ouviu o conferente lêr uns versinhos de Campoamor; na sala n.º 2, o conferente assegurar que os labios tem assucar; na n.º 3, o conferente mimar um discurso de homem gago; na n.º 4 outro senhor asseverar que a vida é um sonho; na 6.ª, o joven X, um flirt delicioso, que não a deixou siquer vêr a cara do genio tagarelante; na 6.ª, as Praxedes olhando o seu chapéo

modelo, com uma inveja evidente; na 7.^a, a certeza de que nos Andes ha altitudes maiores que na Serra dos Orgams; na ultima, á sahida, os olhares curiosos dos cavalheiros, a variedade da gente d'alto tom.

Todas essas impressões : Campoamor, os Andes, a sahida, o flirt, o chapéo, as Praxedes, os labios com assucar, o homem gago, dão-lhe assumpto para uma pequena conferencia impressionista durante o jantar.

— Que tal achaste a conferencia sobre « A Margarida vai á fonte? » indaga o marido.

— Não cheguei a tempo de ouvil-a. Estive apenas na sahida. Mas, disseram-me que estive muito curiosa. O assumpto era bonito.

— Lindissimo. Eu não falto é á de amanhã na Escola de Medicina sobre as « Intoxicações moraes ». Psychologia, sabes...

— Ah! é verdade... psychologia.

— Mas, essa historia, atalha um conviva, de phychologia é cacete. Eu prefiro, a que o Faustino vai realizar sobre o tratamento da couve-flor nas zonas quentes.

— E eu, diz o filho do dono da casa, a de sabbado proximo sobre as danças languidas. Será verdade que a Sarah Pharah dançará a dança do ventre?

Um silencio tomba. A dama elegante vai mudar de toilette para ir ao theatro e principalmente tagarellar nos intervallos. No Lyrico ha muita gente que boceja e tem uma vontade

infinita de dizer que a grande actriz em tournée não presta. Mas, conferencia-se apenas sobre as conferencias. A dama elegante fala mal das que ouviu e bem das que não ouviu. Sobre a conferencia da « Margarida vai á fonte » conversa meia hora sem parar. E recolhe, feliz, a conferenciar com o somno, para voltar no dia seguinte á neurose do momento.

Oh! as conferencias! Quem havia de dizer, ha cinco annos, que esse mal incipiente se tornaria uma tão espantosa epidemia? Medeiros e Albuquerque voltára de Paris com a idéa das conferencias á maneira do « Odeon », falára a Olavo Bilac, e Bilac, no almoço offerecido a Luiz Mancinelli por Luiz de Castro, indagava de Alberto Nepomuceno, a meu lado :

— Dará resultado?

Dois sabbados depois, o extraordinario Coelho Netto apparecia no estrado do Instituto, com a conferencia escripta á maneira de Paris e de Londres, e alguns livros documentativos. Havia apenas meia casa... No outro sabbado, falando esse poeta perfeito que é Bilac, o salão regorgitava. E a serie foi um desdobrar de coisas eruditas, intelligentes, ensinadoras. Um dos conferentes, o Sr. Bomfim, chegou a dar na causerie uma theoria scientifica e complicadissima do ciume. O talento admiravel de Julia Lopes de Almeida revelou mais uma faceta de seu engenho; o padre Severiano de Rezende fez um dos mais sacudidos successos mundanos, discreteando, de

batina e solidéo, sobre os christos de fancaria da Arte Religiosa... Era um pequeno mal, elegante e distincto.

Mas, como fazer qualquer coisa neste paiz sem ser logo depois imitado? A imitação é instinctiva no homem e mais que instinctiva no brasileiro.

Logo, toda a gente quiz fazer conferencias, não simplesmente como quem publica um livro de versos ou dá um passeio de bonde, mas com uma attitude semi-aggressiva, vendo nos que tinham adaptado a fôrma das conferencias francezas um bloco, disposto a fazer sombra á sua personalidade, digna de todo o respeito, como aliás todas as coisas humanas.

Ao contrario do que esperavam — esses cavalleiros só encontraram apoio e encorajamento. E depois delles, a moda pegou e, literalmente, não ha ninguem disposto nesta cidade a deixar de fazer a sua conferencia.

Sim, antes de tudo, conferencias! As damas de caridade tinham até então olhado para os homens de letras e para os que teimam em ser das letras, com o desprezo com que se olha um ser inutil. Hoje, esses cidadãos são pretextos uteis. Como construir a capella da Gavea? Subscrição? Já não péga! Façamos uma conferencia, corramos a convidar o literato Umtal ou o distincto philosopho Cicrano! Aceítam ambos. Ha duas conferencias.

Sim, antes de tudo, conferencias! Passam-se

cadeiras de conferencias como de beneficios theatraes, espalham-se papeluchos no Lyrico como de récitas de actrizes, a conferencia é o primeiro recurso de todas as coisas. E são tantos os conferentes que já não é possível, na assistencia de taes divertimentos, conversar sinão de collega para collega, de confrade para confrade.

— *Estou achando fraco o Fulano.*

— *E' verdade. Quando é a sua?*

— *Amanhã.*

— *A minha foi adiada por causa da chuva. Mas depois de amanhã ha cinco...*

— *Tenha confiança!*

— *Eu passei os bilhetes. E depois vou falar de uma coisa interessante.*

— *Eu tambem...*

As coisas vão a um excesso tal, que, ao entrar numa loja, tem-se a impressão de uma série de conferentes a perorar, em frente aos caixeiros; vendo passar os bondes, vem a lembrança lotes de assistentes de conferencias, deante de um creado de restaurante, receio vê-lo descarregar uma conferencia sobre a lista.

Até os objectos inanimados dão impressões conferenciaes. Deante do automovel de um ministro outro dia quasi o ouço distinctamente dizer : meus senhores; cada arvore, cada columna, cada montra é um assumpto, um thema, e ao mesmo tempo um conferente.

Mas, deuzes amigos, assim discorrendo, o

amavel Leitor vê-me cair no contrasenso de fazer uma conferencia contra as conferencias!

E' desagradavel? Oh! muito... E para um homem discreto ainda peor é fazel-as que as ouvir.

Eu entretanto tive que as fazer tambem. Só fazemos aquillo que não desejamos — as mais das vezes... Apenas eram menos conferencias vagas e poeticas e eram mais pequenos estudos de observação urbana. Certo os que os ouviram nem já se lembram do que disse. Guardei alguns, pois, para o encanto intimo do Amavel Leitor, e porque a vaidade obriga um conferente a publicar as conferencias com a esperanza de que um Leitor vale mais que cem ouvintes.

A' colleccção chamei Psychologia Urbana, apenas porque me pareceu observarem esses trabalhos certos estados d'alma da cidade, de modo aliás urbanissimo. Aos estudos juntei um discurso de recepção na Academia, porque era ainda psychologia urbana urbanamente feita, e principalmente pelo desejo de mostrar que ha no observador um fio de philosophia que accentuou atravez dos annos com continuidade. Os observadores notam o que aos outros passa despercebido. A principio talvez por uma especie de hostilidade ao meio. Depois por prazer, por volupia. E de notar erros e ridiculos, acabam por amar a humanidade exactamente por tudo que no começo os ferira. Emfim : verba volant; scripta manent!

Para ler este livro, falado deante de tanta gente, eu desejaria apenas o Amavel Leitor. O leitor sorriria, e com bondade:

— Vamos a ver se concordo contigo, conversador psychologo.

Mas temo ter dois leitores. Quem sabe tres? E, si essa calamidade me acontecesse, já haveria opiniões contrarias (nem todos os leitores são amaveis) não poderia conversar com tanta intimidade, seriam capazes de considerar impertinencia o que é analyse e em breve talvez até me apontassem como o pretencioso.

Não. Stendhal estava contente com os seus cem leitores para um romance.

Para commentar o romance da vida, eu desejaria apenas dez; para ler as conferencias, depois de tantas conferencias apenas um e amigo, daquelles a que os portuguezes de 1810 denominavam : Amavel Leitor...

O AMOR CARIOCA

O AMOR CARIOCA

Ao prefaciar um livro sobre a Evolução do Amor, um escriptor galante permittiu-se abril-o com uma anedocta historica. As anedoctas historicas valem duplamente : fazem acreditar na historia por causa da pilheria e rir da pilheria porque tem valor de verdade. O escriptor contou que, de uma feita, celebrado ensaista fóra levar a Buloz, director da *Revista dos Dois Mundos*, um artigo a respeito de Deus.

— De Deus? interrogou serio Buloz. Não posso publicar. E' um assumpto sem actualidade.

O chronista galante assegura que Buloz não diria o mesmo do amor. Nós — vós que me ouvis, eu que vos converso — estamos inteiramente d'accordo quanto á opinião do chronista. O amor é em todos os tempos assumpto de actualidade palpitante. Até mesmo quando se

não ama, fala-se do amor, com saudade, com medo ou com odio. E' um assumpto que interessa sempre. E interessa porque exprime o instincto da vida e a juventude da alma.

Os gregos de resto já isso tinham dito de maneira excellente. Um velho sacerdote egypcio estando uma vez em Athenas pelo mez de Gamelion, quando se realisavam as festas leneanas, exclamou :

— Sereis sempre creanças, ó gregos, porque sois a juventude do mundo !

E um grego respondéu :

— Só jovens somos porque sabemos amar !

Diziam assim os gregos, os unicos homens que souberam criar, entre outras coisas eternas, deuzes eternos, intransitivos e intransitorios por que corporificavam em bellezas de carne sentimentos e instinctos que só acabarão quando o homem desaparecer da crosta terrestre e fôr a terra astro morto no espaço infinito.

Certo nenhum de nós comprehende o amor como o comprehendia a gente da Hellade : de raro em raro fatalidade inexoravel ; normalmente Eros gracil, filho de Cytheréa, de Cypris a mansa, menino terrivel de carcaz d'oiro e arco leve, frechando corações e espalhando no ambiente sonoro o sonoro riso das facilidades. Todos nós estamos presos a invenção horrivel a que commumente chamamos responsabilidades do codigo, ou ainda moral publica, ou ainda

com maior hypocrisia: as conveniencias sociaes.

Mas se não amamos como os gregos (ai não! que juventude como os homens tem o mundo uma só!) — ha pelo menos, senão artes de amar como as faziam em Roma Ovidio e varios eroticos poetas na libertinagem do seculo XVIII, — um grande desejo de continuar a amar, de soffrer com o amor e principalmente de analysar o effeito do amor nos outros. Essa analyse fez o successo de Bourget, o exito de Barrés, o triumpho tambem do Sr. Jorge Ohnet, e compõe anualmente essas infindaveis columnas de historias d'amor que formam o romance contemporaneo, a psychologar todos os amores imaginaveis, desde os das duquezas de coração duplo aos das creadas de quarto sem coração.

O amor é a grande preocupação, a preocupação visceral, como disse um humourista. Eu tremeria de analysar mesmo esse sentimento se de facto não quizesse, limitando o assumpto, mostrar como certa cidade comprehende o amor. Ha tantos livros, tantas phrases, tantos versos, tantas philosophias, tantas psychologias! Não vive mortal que não tenha feito uma frase sobre o amor, e em terra em que o sentimentalismo exerce tão grande influencia, fatalmente essa palavra deve apparecer muita vez nos labios do animal humano. Assim, eu não vos convido á repetição do quatro de Wat-

teau, ao *embarquement pour Cythère*. E limito a viagem : — Viagem a observações de bino- culo pelo paiz da nossa Ternura.

« Cada seculo dizia Michelet, tem a sua doença, e como o seculo XIII teve a lepra, o XII a peste negra, o XIX tem os dois polos da vida nervosa na idéa e no amor ». O seculo XX ainda anda mais polarizado. Era S. Paulo que afirmava : « Sem amor nós não somos nada ». Na viagem pela nossa ternura, se de longe uma voz como na canção indagar :

Pâle voyageur, connais-tu l'amour?

Cada um de nós pelo menos poderá respon- der :

Comme toutes choses, en revant un jour!

E porque? Porque

*O Amor é o Sal
Do sustento universal!
Sem Amor não haveria
Bom saber
De alegria.
Como sem a luz do dia
Ou luz de candeia acesa
Não podia
Haver côr
Nas coisas da Natureza...*

Eu entretanto não guardei definições — porque seria falar-lhes de critica. Ha dez annos arranjei um sacco de viagem muito grande

com pontas de metal. E escrevi por cima : Amor. Tudo quanto via, tudo quando lia do noticiario do amor, ia para alli guardando. Com o tempo ao abril-o verifiquei a media de como comprehendia o amor a cidade. E, de repente achei-me com a vâ fantasia de o dizer.

Desde Platão a Leon Blum e Claude Anet os escriptores procuram a definição do amor. Chamfort, La Rochefoucauld, Balzac, Mallarmé, Byron, Keats, Swinburn, quantos? Todos. Bourget define :

— Uma psychose sexual electiva.

Sthendal exclama :

— O amor? Uma porcaria de que accusam as creadas de quarto para mandal-as embora quando ellas se convencem da culpa...

É possível escrever volumes sobre o amor, sem nunca ter visto o amor.

Como o comprehendemos nós? Ha variedades de comprehensão nesse grave caso? Nós amamos de modo diverso que em França, em Hespanha ou no Portugal? Ha nuances? Serei eu capaz de as mostrar? Para fazer o processo verbal do estado affectivo de uma cidade, é preciso não perguntar apenas. Certas coisas não se confessam nunca. Em amor, quer da parte do homem quer da parte da mulher, ha uma irresistivel tendencia a contar mentiras. É mesmo o unico caso em que se mente sempre, mesmo quando se pensa estar dizendo a verdade pura. Por consequen-

cia era preciso surprehender os amigos, ser bastante civilizado para não ter ciumes, ir aos hospitaes, ao hospicio, á cadeia, fazer estatísticas, pedir cartas já lidas e relidas, apanhar pedaços de dialogo, peitar cocheiros, fazer de Sherlock Holmes e de aia intima, e só depois de muito tempo apanhar os taes papeis documentativos do meu sacco, revolvê-los — pedaços de coração, sangue coagulado, lagrymas mentidas, mortes, desvarios, cynismos, loucuras, nada, a vida — vir aqui, melodramatico, e gritar :

— Eis como ama a cidade! Eis o amor! Eis o *dossier* anonymo!

Eu jamais faria isso porque para fazer tal coisa sem ridiculo e sem ser desagradavel era preciso não ser nem muito moço, com impeto e loucura, nem mediocrementemente velho, com a raiva já de não poder continuar. Assim, como quando nasci, eu já tinha mil annos de desencantamentos, outra coisa faço. É uma viagem calma que iniciamos pelo coração dos contemporaneos. Algumas vezes, os viajantes terão o calor que o fallecido Stanley sentiu em Africa. Quasi sempre como Cook ou Peary enfrentaremos o movediço iceberg chamado Polo, e em cada um de nós a esperança viverá de encontrar o doce paiz dos beijos calmos em que as almas se transfundem.

Como comprehendemos nós o amor?

— A não ser que você queira fazer diferen-

ciações subtis, disse-me um cavalheiro, o amor é mais ou menos sempre a mesma coisa. Apanhe uma comedia de Terencio ou Plauto, leia um canto de Homero, trez tragedias gregas e verá que o amor de hoje é tal qual.

Era a opinião de um simples. Compreender o amor como os gregos seria para nós hoje uma infamia — porque nós somos muito peiores. Como o comprehendiam na idade media — cairiamos na fealdade. Como o comprehendiam no seculo de Luiz xv adaptariamos a libertinagem. Basta, para ver a espantosa maneira porque evoluimos, considerar os poetas, tomando apenas dois. Anacreonte nascido em Téos na Ionia e Goulart d'Andrade nascido em Alagôas, Brasil. Como o sentia Anacreonte? Elle o diz :

Um dia em que entranchava uma coroa, vi entre as rosas o amor. Tomei-o pelas azas e mergulhei-o no vinho. Depois, de um trago engoli-o. E ainda agora sinto em mim, dentro de mim, as coegas das sas azas.

Como o sente Goulart?

Estranha turbacão, desconhecido enleio,
Um suave calefrio a percorrer um seio,
Um constante languor da subita alegria,
A conjectura, o devaneio, a nostalgia
De uma ventura ignota, a aspiração nevoenta
Que não sabe o que quer, desconhece o que intenta;
Vago, leve anceio, em que a alma então se abysma,
Que é menos que desejo e muito mais que scisma...

E mais longe :

Amar e ter as mãos frias
E um vulcão dentro do peito,
E' nunca estar satisfeito
Nas menores alegrias,
E' sentir que é muito cara
A vida, tendo a alma a doer,
E' fechar os olhos para
Mais olhar e melhor ver...

A differença é radical entre as épocas. E tambem entre os povos, mesmo quando da mesma raça. Não precisamos procurar tribus exóticas. Basta tomar ao acaso gente conhecida. Os negros de Dakar teem uma opinião sobre o amor muito differente da de qualquer negro no boulevard Na Italia comprehende-se o amor de um modo; na Hespanha de outro, em Portugal de outro. Ha uma linha geral, uma noção theorica dessas coisas que os rapazes aprendem quasi quando aprendem geographia. Em cada região o homem e a mulher tem mais ou menos uma opinião assentada sobre o amor. Qualquer cidadão que tenha estado em Munich, por exemplo, sabe que as allemães da Baviéra são sentimentalmente pegajosas. A mulher portugueza é considerada o typo admiravel de penetrante dedicação. O homem é em compensação seco e brutal. O amor cerebral de Paris, um amor sempre literario que vae da odelette fescenina á grande tragedia é sempre novo e sempre incomparavel. Que digo eu? De região para região, no mesmo

paiz, a comprehensão varia. Tomemos dois typos — o do norte e o do sul. O paraense ou o bahiano amam como o rio-grandense do sul? Absolutamente não!

Antes de mais nada, apesar das brochuras francezas e do snobismo, ha o amor americano do sul como ha o europeu. Uma senhora ás trez primeiras frases de um galanteio conhece em Paris se é um europeu que lhe fala ou se um americano.

E o americano tem nuanças como o europeu, Estamos tão educados, sentimos tanto a aproximação da alma que melhor se harmonisa a nossa na comprehensão do amor, que nem é preciso falar. Um homem póde estar tratando de um problema serio, de que dependa a sua vida mesmo. Passa uma mulher. Uma mulher que seja bonita, porque as feias são como os principios de moral: — ninguém as olha.

As mais das vezes, o espirito do homem está longe, pensando em dinheiro, em honra, numa letra a pagar, em outra futilidade grave desse genero. E entretanto o seu corpo volta-se pelo instincto (façamos uma frase poetica) como o heliotropo para o sol. O mesmo deve acontecer ao sexo contrario porque afinal as mulheres não são nem simples machinas nem apenas animadas pelos diabos em penitencia, como affirmaram certos theologos sem espirito. D'ahi o previo conhecimento. Temos a preferencia. Ha homens que gostam especialmente

de francezas ou de espanholas, ou de brasileiras.

Nas mulheres o mesmo se dá. Porque? Porque ha o typo — um composto especial de certas formas de interpretar o grande fogo propulsor... E assim, indo do maior para o menor, desde que encontramos individualidade numa cidade, logo lhe encontramos uma feição de amar.

Nenhuma outra comprehensão de amor é tão facilmente decifrável como a carioca. Nesta cidade a comprehensão de amor repousa em dois principios fundamendaes. Um é a precocidade. Outro é esse receio de guloso sem animo para atacar, essa parada de canto e plumagem, essa confissão de farto cibato em que se não toca, copiada a um passaro das nossas florestas, palavra que desceu e se popularisou mas que será tão eterna como para o francez o é a palavra *chic* que pouco mais tem de um seculo. O outro é o *coioismo*. Sim, um coioismo nevralgico, um coioismo que só pode ser definido por essa palavra pastrana que parece exhibir-se num bamboleio. Sim! coioismo.

A precocidade é sabida. O sentimento do amor é como uma vaga libertinagem que toma creanças ao primeiro jacto d'ar nos pulmões. Elles parecem nascer com a idéa do instincto, antes do desabrochar desse instincto. As meninas aos quatro annos — é bem de ver que ingenuamente sem comprehender a gravidade

do assumpto — já se faceiram para namorar. Os meninos absolutamente innocentes já tem predileções. Como é curioso vel-os, interrogal-os.

— Então, o Armandinho?

— Elle anda com historias, mas é tão pequeno...

Pelo costume são os proprios paes que em ar de brincadeira falam de noivado. Eu conheci uma creança de cinco annos — é verdade que numa caixa de theatro — a que fui encontrar num camarim, trepada na cadeira da toilette, pondo *rouge* no labio, defronte do espelho. Era o camarim da grande actriz, uma velha senhora que se esmaltava para não fascinar mais as platéas. Ella, filha da creada da grande actriz.

— Que faz a menina ahi?

— Psio! fez a menina, que falava de vagar e muito explicado. Estou a ficar bonita para ver se o tenor José repara em mim. Tem uma voz linda, não acha?

A mãe veiu e deu-lhe umas palmadas. Era um caso de perversão de palco. Com mais alguns annos talvez representasse como a Duse ou a Lucilia Péres. Mas é que as senhoras não repararam ainda num encontro de sexos inimigos em creanças.

— Vae brincar, meu filho.

— Vae Olga, vae brincar com o Zeca.

Elles olham-se. Certo não pensam como nós. Mas que olhar de reconhecimento mutuo, que

olhar com recordações! E ha perguntas iniciaes, ha o desembaraço de um — porque nunca ha o desembaraço de ambos. Nem em gente grande. Em amor é preciso que um ataque e outro se defenda ou finja. Senão perde a graça.

— Gostas de brincar?

— Eu gosto.

— De que?

De preferencia é ella que pergunta, quando não é sentimental (em creança manhosa) e não prefere ser batida por elle — o conquistador. Dias depois procuram-se; dias depois as proprias mamãs indagam.

— Como vae esse namoro?

Mezes depois mudaram. Tudo acaba. Paulo e Virginia era fantasia africana. E nos collegios, então, nas escolas mixtas? A absorção confusa da idéa do amor é verdadeiramente espantosa. Os petizes falam de namoro com uma desinvoltura admiravel. E as senhoras meninas tambem. Durante algum tempo assisti á sahida dessas escolas. Os meninos saem juntos, em grupos. As meninas tambem. Solidariedade de sexo? Não! Brigadas de namorico. Esses grupos correspondem-se de modo geral em affeições. E os dialogos, os exquesitos dialogos de meninos de onze e doze annos, atiradiços, com meninas já de botão em flor a transformarem-se?

— D. Mariquinhas está esperando o Conde?

— Que tem com isso?

— Esta zangada?

— Não dou confiança a pirralhos...

— Pirralho é piolho de gallinha.

E os grupos a rir um riso de innocencia, até o petiz dizer :

— Deixe de fazer luxo, só porque o moço está alli...

Já tive em mãos a epistola amorosa de um cidadão de doze annos. Dizia assim : « Joaquina, não posso permittir que namores o Antonio. Quem gosta de ti sou eu. Dou-lhe na cara se tornar a levar-te flores com partes de que são para a professora. Espero-te na esquina ao sair da Escola. Papae está admirado como eu não quero jantar ha tres dias. Carlinhos. »

Logo que encorpam um pouco mais, essas creanças vão aprendendo vagamente o que no paraizo se soube de repente e como nas magicas. Ha sempre uma grande innocencia porque o amor, em ser um sentimento natural é sempre pelo menos para mim — innocente. O momento faz-se da indicação dos temperamentos. Para observal-os vale passear pelos bairros. Ha petizes de 15 annos que saem á noite para fazer o gyro das namoradas. Tem trez e quatro, uma em cada rua, e ficam furiosos quando encontram o lugar occupado. Já tive que separar dois pequenos que se esbofeteavam como loucos deante de um portão, donde prudentemente desapparecera a deuzza do sonho de ambos.

Que fazem elles ? Que pensam ellas ? Nesse

momento, pondo de parte mais ou menos carnalidade, elles acham que é obrigação e bonito; ellas que tem de ser assim. Trata-se de uma especie de exercicio de voluntarios especiaes. O menino péde sempre o seu primeiro beijo sem estar em idade de comprehendel-o. A menina recebe o seu primeiro beijo, relutando mas talvez comprehendendo um pouco mais.

Depois ha a grande separação — o Amor, a comprehensão do amor.

A mulher começa a comprehender o amor — as vezes antes de o sentir, pela idéa do casamento, a necessidade de casar. Na baixa sociedade encontramos o impeto, a paixão. Por isso dá-se o que a sociedade chama a perdição em muito maior numero que na burguezia e na classe um pouco dinheirosa que entre nós é o *high-life* e finge de fidalguia.

A nossa educação, graças a Deus, evoluiu bastante, de modo que a qualquer joven é possível conversar do amor, sem receio de que ellas desmaem de pejo, só ao ouvir a palavra — o que para mim era muitissimo peor. Interrogar os rapazes na idade em que elles entram na insulsez que se chama pandega e o namoro é um sport como o *foot-ball*, não vale a pena. O homem no amor torna-se cabotino, mentiroso — dos dezeseite em diante. Interrogar uma joven seria mais agradável. Servi-me da intimidade em alguns lares e interroguei uma meia duzia dessas jovens, absolutamente distinctas e das melhores fami-

lias e com um comportamento que nem de longe faria lembrar Marcel Prevost. De uma guarda textualmente uma conversa, dois dias depois do casamento da irmã.

— Agora chega a sua vez.

— Vez de que ?

— De casar. Creio bem que você não quer ir para um convento.

— Ah ! isso não. Mas é cedo.

— Cedo ? Você tem 16 annos e eu sei que tem namorados.

— No plural.

— Sim, no plural !

— Que policia.

— É' ou não verdade ?

— É, mas só para passar o tempo, porque as outras tem... O casamento é serio.

— Teria vontade de saber qual era o seu ideal.

— De policia virou confessar ?

— Olhe, um official de bigodes torcidos ?

— Um official não quero, porque passam dias fora de casa em viagem ; e eu acho que o marido deve ter obrigações para com a esposa, estar em casa a hora certa, divertil-a.

— E os bigodes ?

— Ah ! bigodes sim, porque acho feio a cara rapada.

— E como o desejaria, loiro ou moreno ?

— Sei lá...

Então passamos em revista todos os rapazes conhecidos — eu para ouvir-lhe o commentario.

E todos quanto eu achava rasoaveis ella os achava ridiculos. O que significa, que a respeito da belleza masculina as meninas tem uma opinião muito diversa da nossa.

Mas eu interroguei outras e tirei alguns principios definitivos: — os homens fizeram-se para amar as mulheres; o homem deve amar só a sua mulher mesmo que ella não o ame; o homem deve trabalhar para a mulher sempre; as mulheres só tem por obrigação obrigar o homem a um certo numero de papeis; os homens são uns idiotas interessantes com que ellas se tem de haver, brincando com elles como as creanças com polychinellos. A belleza masculina é para a maioria inteiramente indifferente. Os hespanhoes dizem que os homens quanto mais feios mais bonitos. Os homens que eu me esforçava de achar interessantes eram por votação secreta sempre indifferentes. Senti apenas a superioridade do loiro, a superioridade do ousado, isso mesmo em certas occasiões, e a superioridade dos menos intelligentes. Em questões de phisico: o horror geral do gordo.

Uma dessas demoiselles, falando-se um dia de mãos (porque capciosamente apanhava essas notas em conversas que nada tinham com o assumpto) disse-me as suas preferencias.

— Pés pequenos e mãos finas para homem, não acho bonito. A um rapaz ficam muito bem mão grande e pé grande.

Essa menina, que me disse isto é linda, é intel-

ligentissima e vae casar com um rapaz que tem mãos pequenas e pés pequenos.

O resultado d'essa precocidade, não se torna difficil. As meninas casam dos dezeseis em diante e ha rapazes, Deus de misericordia! que aos dezeseite já tem familia. Mas para mim, de começar muito cedo com intelligencia para analysar, dá-se na grande massa, quer dos homens quer das mulheres o que se poderia denominar o espanto temeroso do amor. O homem brasileiro e principalmente o carioca é um timido no amor. Ha os chamados temiveis, os arrogantes, os ouzados, os conquistadores, os que as familias temem. Examinai de perto os actos d'esses exatamente. Haveis de notar que cada bravata esconde uma timidez, e que são elles sempre os primeiros a ficar admirados dos proprias acções — quando as realisam...

D'ahi o coioismo, um coioismo doloroso. O homem segue a mulher admiradissimo; está acanhado diante d'esta, é dominado por ella. Falam de atavismo moral, prendendo o caso ao tempo da colonia, mas a evidencia é que são como folhas ao vento, sem impeto interior no normal. As mulheres estrangeiras sentem perfeitamente o phenomeno e ficam para dominar. O coioismo pode ser brincadeira, mas é susceptivel de todas as interpretações.

Assim a analysal-o como comprehensão do amor em varios circulos sociaes, cheguei a verificar :

1.º Que o amor, a paixão, cada vez mais só existe admiravel e exuberante na gente desclassificada, nos pobretões, nos ordinarios, nos fora da sociedade.

2.º Que quanto mais alta é a sociedade mais estorvos matam o amor.

3.º Que quanto mais civilisado é o meio, menos comprehende o amor, senão como phenomeno social com um lado pratico e um lado máo que é preciso evitar.

4.º Que quanto maior é a cultura e a civilisação menor é o amor.

O amor não existe bem nas classes cultas, e na alta sociedade, composta de snobs da civilisação. Basta analysar um pouco para se comprehender como o amor apparece cada vez menos nas classes superiores. Desde os casamentos.

Os casamentos, na alta sociedade, dão o exemplo do calculo, da falta de paixão, das conveniencias ás vezes mesmo quando ha um raptó. E as loucuras, as divinas loucuras? Não ha. Ou quasi. O « coup de foudre » é uma noite de baile, depois de muitos mezes de indifferença, em que ambos acham que se ageitarão na vida a dous. O amor ante-noivado é uma gymnastica de dar que fallar mal aos outros sem fazer nada. Ou quasi. Entramos no « a peu près », no quasi, na duvida, na analyse...

A civilisação incompleta, como a temos hoje, é, de facto, sendo o collete de todos os sentidos,

a estiolação do amor, pelo menos do grande amor ardente que se chama paixão.

A paixão é querer! E' uma fogueira que arde,
E' espasmo, sacrificio — amor devotamento,
Que para bem gosar supplica o soffrimento,
Que só tem um desejo, o da pessoa amada,
Que não quer placidez, mas a tormenta irada
Nas doidas convulsões de rubro cataclysmo,
Amor espinho, amor tortura, amor abysmo...

Os homens educados com viagens e cursos na Europa pensam talvez como aquelle sujeito de Chamfort : — « Ha duas coisas que eu sempre amei doidamente : as mulheres e o celibato. » As meninas certo não tem a opinião do presidente Taft contra o casamento : — « As moças julgam nulla a propria existencia antes do casamento, quando é precisamente o contrario ». De modo que toda aproximação é um calculo, elle defendendo-se, ella atacando. D'ahi excesso de flirt, immoralidade progressiva e ausencia de amor.

Na gente bruta não se pensa e não se calcula para amar. O amor não gosta de pensar. Pensar é envelhecer. O amor foi sempre menino. Póde-se comprehender o amor reflectindo : — Não; não fujo com ella porque o dinheiro não chega até ao fim do mez? Nunca! Essas creaturas têm a carne livre, o espirito livre. Abraçam-se, não pensam. Um sujeito do « high-life » que vá passear por ahi pelas ruas de trabalhadores e de gente anonyma, vendo rapa-

zes de lenço ao pescoço e rapariguitas de vestido de chita, por mais Bourget que tenha na cabeça, ficará humilhado. Só uma cousa na vida humilha verdadeiramente : a felicidade alheia no amor mesmo quando nós somos incapazes de a sentir... E Eros, no Club dos Diarios, jogador de pocker, em Botafogo analysta, sacode ahi simplesmente uma torrente de fogo. Ama-se de facto — ama-se com os dentes, com as mãos, com o sangue, com paixão. As raparigas nasceram para aquillo, sabem isso e tambem sabem que na terra nada é melhor. Os rapazes não contam com enxoval. A's vezes, crianças de dezeseis annos, sem real, não estão ligando; e entram, e tomam, e raptam, e brigam. Não ha idéa de mentira nem de dinheiro, não ha fraude. E' animal, dirão. E' o que nós não podemos fazer, digo eu.

A vida para elles é amar, dar vida, apodrecer, florir, amar. O sentimento lança-os á reproducção; e, na miseria, os pequenos, desde muito pequenos, já gostam, já exigem, já querem. E' ahi que as meninas de quinze annos tomam veneno, por não poder ter só para ellas o seu rapaz; é ahi que raparigas loucas despejam sobre o corpo latas de kerozene, ateiam fogo e deixam-se queimar porque elle não gostava mais; é ahi que rapazolas invadem casas e matam e matam-se. Ha tanto amor e tanto odio, que esfaqueando a mulher, como ainda outro dia, tomam da mesma faca, enter-

ram-na no peito, cheia do sangue della e lá dentro reviram a lamina, remexem, revolvem até cahirem sem vida. E' ahi que se ama sem mundanice, pelo amor, não resistindo quando se gosta, morrendo por gostar. Os versos de amor, os lances do renascimento de Italia, — tudo elles vivem sem o saber e por isso parecem-me bellos na sua mocidade, a mocidade que tem da harmonia da natureza e tanto recorda a arvore, como o animal, como a luz, Entre elles o amor ainda não sentiu a desigualdade. Nem é preciso fingir nem conservar um sentimento quando não o possuimos, nem pensar num gesto antes, durante e depois de fazel-o. Dar um beijo? agarra-se e dá-se. João de Deus exprimia bem essa espontaneidade primaveral.

Um beijo?
Pede-se e dá-se.

E ninguem perde nada com isso nem o padre deixa de dizer missa. Para amar não são precisas palavras. Cyrano não daria nunca um beijo em Roxane; era um cançado do amor. O poeta amoroso é uma fadiga da natureza. Lembro-me que nunca na minha vida tive uma impressão de resurgimento de symbolo tão intensa como certa noite de luar, na rua do Areal, ha uns sete annos. Era apenas uma casa de porta e janella. A rua deserta na hora alta. O luar batendo de chapa nas fachadas

suja, lustrando a rua dessa viscosidade de desejo, com que o luar faz aluados a todos nós. A' janella, uma criança deliciosamente bella, pousava os braços num abandono, sobre os hombros de um rapaz que estava de fóra e era a propria graça joven, de cabello anelado, moreno, o corpo fino. Romeu! Julietta! Todo o poema immortal. E eu recordava a scena do balcão, as phrases de diamante e de rosas, os dous meninos perdidos d'amor em versos que são como a propria ternura... Parei á esquina. Elles pareciam em extase. Que amor! Era de certo a filha de lavadeira com o ajudante de carroceiro. Mas tão bonitos, tão puros! Que diriam elles? Fui a approximar-me, de vagar, como a espera do bond. Elles, de resto, nem davam por mim. Afinal parei, a dous passos, na mesma calçada. Elle dizia para ella :

— Burrinha! Burrinha!

E ella, de raro em raro, num suspiro :

— João!

Nada de phrases. Mas tambem nada de pensamentos máos; de infamias contra o amor. Ella mulher, elle homem. Diverti-me a estudar as resultantes daquelle momento. Podia chegar o pai e ella apanhava. E elle tambem. Podia haver opposição da familia. Mas a visnhança acharia natural, ella fugiria com elle, e teriam muitos filhos. Pancadas, taponas, sangue, goso, mas o grande alalá do amor, amor

natural sem « sans dessus » e monoculo, amor instincto viril, que nos espanta tanto quanto o vemos de perto e que nos conquista de modo tão empolgante.

Mas se deixarmos as baixas camadas e volvermos á nossa, é uma delicia. Entramos no dominio da phrase e da analyse. Quando se observa a propria paixão, remetendo o sentimento para o laboratorio de analyses, o coração é uma viscera e começa a « arte de fingir ».

Oh! nada mais crispante do que ouvir um desses rapazes da sociedade que estão na época das boas fortunas. O artificialismo tece-os. Já não é vaidade, é fatuidade. Elles representam, são cabotinos ingenuos, dão-se ares d'aquillo, só porque é bonito. Paixão? Absolutamente nenhuma. Desejo ás vezes, e, isso mesmo, talvez apenas apparencia, coioísmo. Após dez annos de observação, cheguei a concluir que 99 por cento das senhoras de quem se falla muito mal, são honestas; 99 por cento das meninas inconvenientes metteriam inveja, pelo seu comportamento, a Santa Thereza. A maioria desses cavalheiros, que nos salões fazem a guarda de honra das « leading beauties », desejam apenas, « apenas » aquella exhibição publica. Se lhes abrissemos a cabeça, veriamos que elles estão pedindo a Deus para não haver mais nada, com medo de serem impollidos. E as senhoras por causa das más linguas, da carta ano-

nyma, da conservação da propria belleza, repelliriam o menor ultrage, que em curtos momentos é apenas violencia, e ás vezes nem violencia é

O amor, que até os mares sublima,
Anda por tudo espalhado,
Brilha nos astros de cima,
Canta nas aves do prado,

Tem nas classes superiores tantos empecilhos, que naturalmente morre.

A primeira é a má lingua, a má lingua, que em Paris póde ser o debinage, más aqui é o mexerico famelico, a calumnia soez, a indignidade da carta anonyma e das conversinhas das creadas de copa.

— Então, fulana, hontem veiu com o bacharel!

— Que escandalo!

— Já data do baile das Gouveia. Conversou com ella toda a noite.

Ai! pobre de quem cae! E todos caem nessa policia de cachorrinhos desdentados e ladradores, que não tendo mais o que fazer atacam a vida do proximo. Então é preso por tel-os e preso por não os ter. Mathias, fino, elegante rico vae casar com uma menina feia e tola. Hum! é um arranjo, Mas como a enganará! Mathias casa e é fiel. As insinuações perfidas redobram. Ninguem diz que elle ama a esposa. E' coisa!... M^{me} Fulana, com trinta e cinco

annos protege o casamento de João com a linda menina Souza. Todo mundo assegura que M^{me} Fulana é amante de João. Dizem isto até ao marido que não deixa de ficar encommo-
do. Mas João casa, e M^{me} Fulana e o esposo são padrinhos do enlace.

— Que cynismo, que terra!

— Mas cynismo de que?

— De Fulano, do João e até da menina que com os seus ares de ingenua saiu-nos melhor que a encomenda!

E' todo um drama de depravação mental, que ás vezes as proprias victimas de identicas calumnias passam adiante. A calumnia é uma mentira que já tem dentes...

Elles chegam a acompanhar, a seguir, e a insistir em nomes de cara ou a fazer perguntas.

— Vi hontem v. ex. conversando no chá da Cavé, Estava animada... não?

E' ainda uma triste feição do coioismo, essa primeira. A segunda é que tanto o homem como a mulher desejam mas têm medo — e sempre mais em proporção á intelligencia e á cultura...

A grande difficuldade para saber a opinião das mulheres é que o egoismo esqueceu por completo de achar interessante o que ellas dizem. Outro'ra a mulher era uma propriedade, era um bibelot que apanhava quando não se portava bem. Depois a pouco e pouco a nossa fantasia foi creando modas e achando-lhe necessidades. Por fim ficamos inteiramente

dominados. E entretanto, com um certo temor dispensamol-as de falar. Todos os poetas do mundo não fazem outra coisa senão cantar a sua belleza e as emoções que o menor dos seus gestos lhes produz; os romancistas escrevem paginas de psychologia sobre o que homem sente e o que a mulher deve sentir. Mas da mulher não ha nada, absolutamente nada. Ou os homens tem medo de um juizo muito desagradavel sobre a nossa tolice, ou uma pretenção de moral que é ainda um vestigio do egoismo antigo. Porque é perfeitamente humano que o homem podendo dizer porque gosta, porque casa, porque se sacrifica, porque mata, porque chora, porque ama, podendo mesmo dizer quanta mentira lhe vem a cabeça, a mulher tambem possa informar o mundo dos mesmismos sentimentos.

Mas não senhor: nós que inventamos e attribuímos á mulher, com a grosseria natural de observação, uma serie de clichés idiotas a que damos o nome de psychologia, nós achamos mal que uma senhora contasse as suas emoções, ou que se pudesse ter por exemplo o estudo d'alma exato de uma noiva contado porque quem fosse noiva e não noivo o que é muito differente. Neste capitulo, porém, a mulher recua, porque não foi chamada e o homem pavoneia-se. Para qualquer cavalheiro que lê versos e lê romances seria um escandalo encontrar esses versos de senhora dizendo: amo-te

querido como ama a briza... Que mulher! E esse homem leria as mentiras dos poetas mais cabel-ludas achando *muito bonito* e muito exato.

E' o nosso exercicio, é a situação. Tambem o homem acha perfeitamente natural enganar a esposa, pintar o sete, divertir-se, e a sociedade passa-lhe a mão por cima, mas ah! da senhora que queira ter o mesmo direito. A sociedade arma-se até os dentes de ira e mesmo quando o esposo possa ser colletivista é o desastre. O phenomeno é geral. Não ha rapaz que não tenha duas namoradas pelo menos e ainda mais o que não conta, mas que ficaria indignado se uma das raparigas tomasse tambem um de sobrexcellente. E as esposas tambem, são esposas para perderem todos os direitos. Ainda agora é bom aqui. No interior uma menina casa aos dezeseis annos e no dia seguinte é matrona, está prohibida de dançar, de conversar com rapazes, de ter amigas solteiras. Aqui, quantos cidadãos vemos que se dão ares de conquistadores na rua, e que só deixam a esposa sair com os filhos, as creadas e ainda elles por contrapezo.

Ah! E' o ciume... isso chama-se o ciume. Em casa ninguem entra e, á menor suspeita: — Mulher desgraçada, que fizeste da minha honra?

Ora, são elles de facto a causa do erro social e desse semi-estrangulamento do amor. Porque afinal são elles que chamam a mulher de parte

fraca, dando-lhes o papel de ser tentada para fazerem o de conquistador. Por consequencia isentam de culpa a creatura que desde Adão vem pregando partidas ao homem, sempre desculpada, até por Deus, que como as senhoras sabem, attribuiu a Satanaz virado em serpente um acto de que Satanaz se julgaria incapaz, com medo de perder-se.

Apezar d'isso, porém, ellas examinam, observam e dão tanto prazer quando mostram um agrado... Não serão nunca verdade aquelles versos de De Vigny :

*Et se jetant tout deux un regard irrité,
Les deux sexes iront chacun de son côté.*

Mas para a mulher, noiva, esposa, ou amante, nas classes elevadas, nas classes cultas, pela sua natureza dada a analyse, pelo seu meio que obriga a dissimular, pelos homens, o amor é um bluff tormentoso que se aflora apenas de raro em raro e que ás vezes estraga a vida para todo sempre.

Em amor só se é honesto, quando não é de proposito. Os homens pensam em negocios, em complicações, no dinheiro. Maurice Barrés que acha o ardor dos sentidos muito differente do amor, diz entretanto que o amor para os espiritos *blasés* pela mentira quotidiana é uma especie de dentada que os faz sentir a vida.

Sim, de vez em quando, vem um impeto. Mas

a sociedade com o seu feitio não comprehende senão o ignobil e nunca o amor. Para os sujeitos bem postos, amor é velhacaria e exhibição, diversão ou perversidade, *cavação* ou maneira d'apparecer. Alguns mesmo nunca comprehenderam a verdadeira significação da palavra.

O homem casado com uma senhora distinctissima tem varios motivos de variantes. Em 99 casos sobre 100 é exhibição — porque é de bom tom enganar a esposa e por dinheiro pela janella á fora. Na centessima é velhacaria d'alma. Em resumo fatuidade e desejo de mentir. Um homem conquista muitas senhoras. O que a mulher começa por amar no amor é a lisonja. Por isso é que ellas vão com palavras. Em 99 casos sobre 100 é diversão. Noutro perversão de sentidos. Fala-se do amor como se fala de cock-tails e das fitas de cinematographo. O amor é um almoço que não vale os hors-d'œuvres e a sobremeza. E elles chamam certas affeições de amor como por exemplo certos infectos fabricantes de vinho chamam ao seu producto de champagne.

Não é amor, é representação. Certo ha ainda o conquistador, o homem *a femme*, o platonico, o sentimental, o idiota, o sportivo. Certo ha a dama *dernier aéroplane*, a romantica, a inquieta, mas tudo isso levado pela pressa de automovel, com poeira, *pannes*, circuitos, e pó d'arroz. E' evidente a decadencia. O D. Juan mesmo é um

typo detestavel, cada vez mais detestavel. E D. Juan hoje paga.

Em compensação ha o typo da Mulher-D. Juan, a senhora porque é de obrigação todos os cavalleiros se apaixonarem. E como isso é platónico vê-se bem a que fantasía de falta de praticantes chega a religião do amor entre os cultos...

Imaginem um homem perguntando pelo correio com que traje deve casar ao meio dia, se de casaca ou de sobrecasaca. Esse homem não merece que a noiva pelo menos desmanche o casamento?

As senhoras, por consequencia, examinam, tendo que amar no seu meio. Se perguntam a opinião de alguém é certo: o homem que tem a sua sympathia não passa do um biltre. D'ahi não perguntar a ninguem e viver, na attitude passiva de ser conquistada, e não saber a quem melhor e se o seu amor tem um objecto que corresponda.

Casar com quem? pergunta a moça, nos seus sonhos. Não imagina o phisico do homem, senão em segundo lugar.

E' a posição e é o gráo de cultura. O homem é rico, está bem empregado, é doutor, amigo do ministro, tem a protecção do Pinheiro Machado. Só depois é que se sabe como é elle. Um dia, antes ou depois de noiva, ella ama. Pelo unico motivo que deve imperar no amor? Não. O seu meio não o permittiria. Ha casos de convento e casos de suicidio das que teimam. Vem então

o motivo de cultura, das roupas, de certa graça quando os « não preparados », e os não alta sociedade são os unicos que amam. E ahí temos as paixões mentaes.

Esse phenomeno da civilisação da maior cultura revela-se de modo curioso no desejo que as mulheres de educação regular ou superior tem, como ultimo refugio do ideal para com os poetas e homens de letras.

E' sabido que os homens, mesmo os de letras, tem uma especial implicancia com a especie feminina cada vez mais prolixa das literatas, das esculptoras, das poetas, emfim de toda mulher que toma uma carreira liberal. Em quanto ellas tem talento apenas para flirtar com elles, sim senhor, vae tudo muito bem. Quando ellas querem agir, — são hystericas, desequilibradas e é de ver a grosseria com que as tratam a sós e a mofa com que a ellas se referem quando com outras senhoras, que por signal gostam muito, sabendo-se do principio de que uma senhora acha sempre desculpavel ouvir falar de uma outra que tem prendas de que ella não faz uso.

Em compensação o homem de ideal, principalmente o poeta, aqni, menos de que em outra qualquer parte entretanto, é o sonho de todas as meninas e de todas as senhoras. Algumas, as da chamada alta sociedade, tem um certo receio de se comprometter. Um casamento, sem dinheiro, com um poeta que não é do « high-life, » sendo ao mesmo tempo filho do dono de

uma casa de negocio ou de um fazendeiro! Mas no fundo a tentação vibra. Como elles falam bem! Ha versos que valem bem um vestido. Notem que eu não digo um adereço, apenas um vestido. E que chamma e que ardor! Ser a inspiradora dessa irradiação de rimas, acariciar-se de estrophes, vestir-se de versos que são como gemmas, que são como sedas, que são como rendas, e illuminam, e scintilham e immaterialisam, e possuem numa visão evocadora, com arroubos de satyro e supplicas de mystico.

— Aquelles versos do Luiz Guimarães...

— É verdade. Dizem que são dirigidos a linda M^{me} X.

— Mas como elle a ama...

Um vago ciume, um vago desejo de ser tambem heroína, um vago receio da boca desta cidade, meu Deus! que leva á janella falando mal da vida alheia, mesmo sem nada...

E entretanto as que realisam esse ideal é como se olhassem o céu do alto de uma montanha e caissem no lamentavel terra a terra. Uma creaturinha que ouve versos promptos, e dias depois de casada sente que o poeta a deixa para compôr com difficuldade, em mangas de camisa, por causa do calor, que o vê irritado, que o vê comer, que o vê um homem peor do que os outros cáe de um quinto andar. Porque os poetas ou são D'Anunzio, que amam, enganam, passam adiante, multiplicam as trahições, tendo

a maxima do que um poeta ama mais num instante que o burguez num seculo (o que é materialmente uma fabula) ou são o *pot-au-feu* vulgar, o poeta burguez, que só monta Pegaso para o publico e abstem de poesia o lar, prudentemente, com uma superiordade irritante.

— Que chá ruim! onde o madaste comprar?

— Onde se compra sempre.

— Ainda hontem tomei um excellente na casa da viscondessa de Fontes Villela.

— Pois vae tomal-o lá.

— Olha esta poesia que fiz a proposito. Que tal a achas.

Ella está despeitada, ella que foi a Viviana desse Merlino!

— Assim, assim, diz.

— Ora, minha querida, exclama elle irritado. Nada de pretensões. Querem ver que já entendes de poesia?

A psychologia é curiosa. O artista não póde amar nunca senão pouco e por crises. Está preso a sua arte quando o é de facto, e o é peor que um burguez vulgar quando não passa de um cabotino. Tudo nelle é exaggero. A fantasia fica muito além de onde pode ir a realidade. E ella além dessa imperdoavel desillusão tem a de sentil-o vaidoso a seu lado sempre e a de sentil-o muito mais amante da poesia e dos outros do que seu.

Gonçalves Dias aliás exprime muito bem tal estado d'alma :

Amor, delirio, engano — sobre a terra
 Amor tambem frui a vida inteira
 Concentrei-a num só ponto : amal-a sempre.
 Amei-a. Dedicacão, ternura, extremos
 Scismou meu coração, scismou minha alma,
 Minh'alma que na taça da ventura
 Vida breve d'amor sorveu gostosa.
 Eu e ella ambos nós na terra ingrata
 Oasis, paraizo, eden. ou templo
 Habitamos uma hora; e logo o tempo
 Com a foice roaz quebrou-lhe o encanto,
 Doce encanto que amor nos fabricara...

Os poetas! Conheci um que tinha dois sonetos : um para as meninas loiras, outro para as meninas morenas. Uma menina loira teve a tolice de acreditar e casar. O poeta continuou a distribuição de exemplares, com a assignatura do autor, de ambos os sonetos, apezar de ter um filho. Um dia a senhora, que já não tinha illusões mas de neve toucado o sol dos cabellos soffreu o seu maior golpe : pelo correio, mandado por um pae colerico o mesmo soneto que a decidira a casar-se, e que o poeta enviara a outra menina.

— Peça ao seu marido, escrevia o velho com espirito apezar da furia, que tenha vergonha de editar só o soneto das morenas a ver se lhe guarda ao menos a fidelidade do loiro.

Elle faria isso por mal? Talvez não. Elles em geral fazem das suas deusas como que pro-

jecções do proprio eu. O que elles cantam é o proprio eu, é o seu talento, é a sua força, é o seu verso. Em todos os versos, mesmo nos mais mal feitos em que se pede para ser até a sola dos sapatos das senhoras só ha uma verdade : a convicção mentirosa, a illusão do que elles são incomparaveis — o narcisismo.

Mas casar com quem? Entregar o seu coração a quem? As mulheres tem no Rio a alma mais inquieta do que em qualquer outro lugar. O poeta não serve e é a excepção. O bolsista? o mundano? o negociante? Conheci uma senhora muitissimo intelligente, casada com um poeta, que escrevera as *Estrellas Perdidas*. O poeta morreu ao cabo de cinco, annos, e eu verifiquei que ella chorava pouco. Muito tempo depois encontrei-a num bond. Estava casada com um negociante de ferragens, que só tinha de máo o ser ciumento — mas *com senso commum* frisava ella.

— A minha vida é calma, disse-me. Nunca se tem o ideal completo. Não passo uma semana, acredita? que não leia as *Estrellas Perdidas* do nosso defunto Horacio. Recorda-se? Ellas foram quasi todas escriptas para mim. No dia de finados, eu e o Antonio...

— Que Antonio?

— Meu marido. Vamos sempre ao cemiterio levar-lhe cravos vermelhos.

— E é feliz? indaguei.

— Quem o é?...

— E se elle voltasse?

— Ah! não, fez ella. Os poetas de longe. Está muito bem onde está.

Em compensação, outra conheci a quem o marido amava como um louco, sempre, sempre. Diziam-na a mais feliz das mulheres. Morreu. Fui dar os pezames ao esposo que parecia um tigre em furia solto no salão.

— Resignação, doutor.

— Resignação, fez elle num impeto de soluços. Mas meu filho, dize-me, com quem hei de eu agora brigar todos os dias?

Um dramaturgo francez já disse com verdade.

— Como a gente se odeia quando se ama!

E de facto. Para a Grecia, amar era a divina brincadeira. Para nós é a tortura, a preocupação, a briga, o amargor. As cores vão se tornando mais sombrias a proporção que mais se ama. O delirio é a treva, o ciume. E o ciume não é o amor. E' a anormalidade feroz.

O Ciume é o desejo de posse suprema, de propriedade maxima. Quando um sujeito se julga amado, anda como se o resto da humanidade se encommodasse com a sua felicidade. Quando o sujeito já não é querido, vexa-se como se fosse crime ter desmerecido, como se fosse um tolo roubado, como se o orbe exigisse satisfações e o enchesse de ridiculo. A mulher tem obrigação de ser sua para a eternidade, e apesar de na vida só ser eterna a renovação, o homen futil quer para elle o preito eterno da escrava. E

nesse desespero, que é através dos tempos e cada vez mais o Unico Grande e Perpetuo Desespero do homem, o pobre escabuja, estorce-se, ruge, mata, fere, chora, grita, morre deante da esphinge indominada e indominavel.

Como porém é possivel até mesmo limitar as situações dramaticas da existencia, a variedade infinita dos ciumentos — todos os homens da terra pelo menos uma vez na vida — póde-se prender a tres typos geraes.

E ainda ahi surge, mesmo no Ciume, a lei da fraqueza reflectida do amor, da covardia a proporção que a cultura é maior. Desses tres typos o primeiro é o que mata, o que affirma o integral direito de posse mesmo contra a creatura amada. E' o typo forte, typo dominador. O segundo é o que se suicida. O terceiro é o que nem mata nem morre e continúa...

Eu conheci dois typos d'homem representativos das duas ultima especies. O primeiro era um rapaz de dezoito annos, da Beira-Baixa, inculto e forte. Via-o trabalhar no theatro, serio, respeitador, e porque menos metidiço mais sympathico. Se era possivel ajudal-o com recommendações a empregarios, sempre o recommendava. E o rapaz agradecia. Certa vez chegou-se a mim.

— Queria pedir-lhe um conselho.

— Que ha?

— Eu gosto de uma menina.

— Então que tem isso?

— Ella é costureira e muito namoradeira. Tem outros.

— Ora! Faça você por agradar.

— Mas se ella, depois?... Eu gosto da verdade.

Interessei-me pelo amor, e elle, não tendo mais quem o ouvisse sem ironia, contava-me o seu romance. Começou por espancar os outros, conquistando assim as atenções; depois meteu-se de dentro, quiz casar e dar ordens. A costureirita zangou-se e pol-o a andar. Elle continuou a perseguil-a, durante seis mezes longos. Ao cabo desse tempo contou :

— Hoje falei-lhe. Fui positivo. Disse-lhe : ou casas commigo ou mato-me.

— Ah! mariola! Queres embrulhar a pequena!

— Não, senhor. Pensei muito. Assim por assim, a vida sem casar com ella é impossivel. Ou ella deixa, ou eu dou um tiro no ouvido. Até já comprei o revólver.

Conversava essas coisas calmo, quieto, sem violencia. Não acreditei. Uma semana depois perguntei :

— Para quando o suicidio?

— Nesses oito dias, se ella não me der o sim.

Dez dias depois, por acaso, numa redacção, lia o romance de um reporter a respeito. O pobre rapaz fôra á casa da menina, e obtivera a negativa. Então, encaminhou-se para o quintal, e tranquillamente detonara o revólver na tempora esquerda.... Era o grande typo do

sacrifício, o typo lyrico do egoismo desesperado, arrancando a vida por não poder dominar.

O outro era um sujeito baixo, intelligente, gordo, a amar como só os gordos sabem amar — perdida e concentradamente, guardando a paixão como um fogo lento, que ninguem vê. Quatro annos havia tornara-se o escravo de uma dama ardente e bella como um sol de verão. Nessa qualidade a dama aquecia todo mundo e fazia-o suar e soffrer e penar no duro trabalho, para comprar-lhe confortos, emquanto ella ia além. Depois de muito variar, a dama atirou-se mesmo aos amigos intimos da casa. Era impossivel que elle não visse. E o cardo do ciume — o ciume, quem sabe lá o que isso é? — até então na treva, plantou-se na sua alma. Vi-o ficar pallido, pellancudo, com a face cavada; vi-o andar pela rua com o ar fatal e vago — ar que muito mal assentava na sua alegre gordura; vi-o mudamente desesperado. E como tenho piedade no coração para os infelizes a quem o Amor estraçalha, provoqueei-lhe a confidencia, uma vez, a jantar, num deserto recanto do Sylvestre.

— Mas que é isto? Vejo-te á beira da tumba, homem.

— Que é isso? respondeu elle. Tu bem sabes.

— Eu?

— Ora! Se eu fui o ultimo a saber!

— De que?

— D'ella...

Calei-me. O pobre olhou-me.

— Sim, a ti posso fallar sem parecer ridiculo, sem essa estúpida convenção que faz de um desgraçado motivo de palhaçada e de troça; a ti posso fallar da minha infelicidade. Ella engana-me. E' horrivel! Ah! Sinto—o no proprio sangue, e a raiva, o desespero a angustia estrangulam-me. Vejo-a sahir, sei para onde vae, e vem-me uma dor tal que o coração estala e bate, pequenino, tão pequenino que até parece a morte. E' com os meus amigos agora. Dize-me, dize-me o que devo fazer?

Era após a sobremesa. Havia luar, paisagem. Achei aquillo meio romantico, meio comico. Parecia uma peça de theatro. Respondi com prudencia.

— E' delicado.

— Qual delicado! Preciso tomar uma resolução.

— Só agora?

— Todo tempo é tempo.

— Pois separa-te!

Elle olhou para mim, congesto, arregalando os olhos.

— Ou então mata-a. E' uma solução. Ou mata-te. E' outra. De qualquer fórma, — acaba!

Elle circumvagou o olhar e de repente em pranto.

— Não, não! Se a deixo, ella vae ser só dos outros. Se a mato, oh! não! nunca! Se me

suicido, sou eu a desapparecer, sem esperança, inutilmente. E não tenho coragem de fazer-lhe mal, de dar-lhe um desgosto, e não posso passar sem essa mulher! Ao menos, assim, estou perto, vejo-a, cheiro-a, sei de quem ella gosta. E' atroz. Tenho o peito como golpeado e incendiado, mas talvez acabe por gostar dos preferidos a ver o que nelles a ella agradou...

E descemos do Sylvestre os dois, elle com os olhos vermelhos de chorar, eu muito triste, certo de que o pobre homem acorrentado iria dalli direito a tentar o amor, com a mesma causa do seu cruciante penar.

Qual dos tres é o mais sympathico ; o que mata, o que se suicida ou o que continúa, continúa, continúa com o milhafre do ciume a bicar-lhe a alma? Não sei. Não vale indagar.. São os tres desgraçados. E desgraçados porque na eterna inconstancia da vida, fazem do Amor motivo de triste pensar, e de maximo egoismo, quando esse prazer deve ser transitorio e multiplo para se eternizar e quando o verdadeiro egoismo é o de não possuir senão á si mesmo — para não se perder perdendo a preza.

Assim o amor no Rio é precoce, de um ardor imprevisto na baixa sociedade e timido e fraco e covarde como nenhum outro a proporção que se eleva a gente na escala social. Esse coioismo como a precocidade esmagam un pouco a comprehensão do amor. Os homens não amam e as mulheres — que parecem adora-

das, vivem na ancia de encontrar a sua alma irmã. Eu poderia ter cantado tragedias e libertinagens. Preferi apontar pontos graves. Presentemente perdemos a comprehensão do amor pela desigualdade geral, o disequilibrio evidente. Para amar contam que é preciso ser igual. Nietzsche diz na *Aurora*: « O amor quer poupar á quem se dedica toda a sensação de ser estranho, e é por consequencia cheio de assimilação e dissimulação. Engana sempre e representa uma igualdade que não existe. Esse phenomeno só é simples quando uma das pessoas *se deixa* amar, não julga necessario fingir, deixando ao outro todo o trabalho.

Não é o meio de que se usa geralmente? Quando elle gosta mais, faz tudo. Quando ella gosta é elle o agradado.

João Grave não acha isso amor e diz: quando o homem e a mulher não se sentirem mais amarrados um ao outro amar-se-ão verdadeiramente.

Dumas fils, o psychologo, escreveu: o amor, devendo ser o fim synthetico e esthetico da vida, exige uma verdadeira educação que racionalmente começa na infancia: amor pelos paes, amor do proximo, amor das grandes accões, do que é bello e nobre, e amor das artes. Para amar é preciso exaltar o que ha de melhor dos nossos sentimentos. A mulher instruida exprime melhor, a mulher do povo prova mais...

São opiniões literarias. Eu tambem tive vontade de organizar uma especie de *cour d'amour* a perguntar aos homens importantes e ás senhoras o que pensavam do amor. Haviam de ser deliciosas as respostas do marechal Hermes, do barão de Parapiacaba, do general Pires Ferreira.

Mas recuei a tempo, lendo um apologo da velha poetiza Moushaki Shibú. O apologo é o seguinte: Era uma vez um *samourai* que depois de ter viajado o mundo, imaginou saber muito. De volta a Ieddo, convocou uma grande reunião de senhores, sabios, mulheres, gente de toda casta, para, dizia elle, discutir coisas de amor e fazer uma especie de codigo, como em outros paizes havia. No dia aprazado só chegaram os senhores e os que se intitulavam sabios. No campo haviam ficado lavradores e pastores; nas officinas operarios e artesãos. Quanto a mulheres chegaram apenas as velhas. O *samourai* não se conteve que não verberasse a indiferença da gente de sua cidade a respeito do amor. Mas a reunião fez-se e senhores e os sujeitos que se diziam sabios e as velhas deram opiniões abalisadissimas.

Ao voltar porem á Ieddo o *samurai*, de espanto seus olhos pareciam não ver o que viam. Todas as *mousmés*, as mulheres novas, estavam nos braços dos zagaes e canponios, dos operarios e artesãos... Então o *samourai* comprehendeu quanto eram inutil leis de amor.

Porque o amor é a borboleta azul que passa sugando o perfume pelo prado em flôr, a borboleta de que os sabios não sentem a poesia, que os senhores não sabem ver, que as velhas odeiam e que só os simples gozam porque não pensam, sentem.

Não serei eu como o velho *samourai*? Loucos que somos em falar de amor quando o amor é a propria vida! E para dizer o que? para dar-lhe defeitos, para analysar o pobresito que sorri e é tão máu e que afinal nos traz desde o paraizo numa intermitencia de infernos e de paraizos através dos tempos, uns seccos como folhas seccas, outros sangrando, outros rindo, mas todos, todos victimas suas, victimas do Amor que a sociedade amarrou para perverter.

Tenhamos deante de nós o exemplo do *samourai*. Nada de pretensões. Os meninos e as meninas hão de andar a namorar — a precocidade. Os homens hão de estar pelas portas a ver pasar senhoras : o coioismo. Para que analysar o amor? Basta sonhal-o.

A esta hora talvez se desenrolem tragedias de sangue e morte : o ciume.

*Pâle voyageur, connais-tu l'amour?
Comme toutes choses, en revant un jour!...*

Minhas senhoras, que tolice a minha! Não seria tão melhor não falar do Amor? Começa a gente rindo e acaba triste, querendo ser alegre. Porque, o Amor é dos males sem cura...

O FIGURINO

O FIGURINO

Não sei se algum dos senhores conhece os versos de Cesario Verde intitulados : *O sentimento de um occidental*. Esse sentimento desenrola-se á luz do gaz, durante um passeio a pé.

Batem os carros d'aluguer ao fundo
Levando á via ferrea os que se vão. Felizes!
Occorrem-me em revista, exposições, paizes,
Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo, o mundo!

Mas continua a andar, e cae no centro da
moda :

Cercam-me as lojas tepidas. Eu penso
Ver cirios lateraes, ver filas de capellas
Com santos e fieis, andores, ramos, velas
Em uma cathedral de um cumprimento immenso.

As burguesinhas do Catholicismo
Resvalam pelo chão minado pelos cannos :
E lembram-me ao chorar doente dos pianos
As freiras que os jejuns mataram de hysterismo.

Num cutileiro, de avental, ao torno
 Um forjador maneja um malho rubramente :
 E de uma padaria, exhala-se, inda quente,
 Um cheiro salutar e honesto a pão no forno.

E eu que medito um livro que exacerbe,
 Quizera que o real e a analyse m'ò dessem :
 Casas de confecções e modas resplandessem,
 Pelas vitrines olha um rotoneiro imberbe.

Longas descidas! Não poder pintar
 Com versos magistraes, salubres e sinceros,
 A esguia difusão dos vossos reverberos,
 E a vossa pallidez romantica e lunar!

Que grande cobra, a lubrica pessoa,
 Que, espartilhada escolhe uns chales com debuxo!
 Sua excellencia attraé, magnetica, entre luxo
 Que ao longo dos balcões de mogno se amontoa.

E aquella velha de bandós! Por vezes
 A sua traine imita um leque antigo, aberto
 Nas barras verticaes, a duas tintas. Perto
 Escarvam, á victoria, os seus mecklemburguezes.

Désdobram-se tecidos estrangeiros,
 Plantas ornamentaes seccam nos mostradores :
 Flocos de pós de arroz pairam sufocadores
 E em nuvens de setins requebram-se os caixeiros...

Ora, precisamente, em Paris, num dos mezes ultimos do ultimo inverno, saindo ao entardecer de visitar Doucet, eu, que aliás não medito livros com pretensões a exarcerbar, parei um tanto assustado com o que se passava em mim. Via o que o poeta canta elevado a milionesima potencia, e sentia-me como aquelle

rapaz do conto de Wells, que por circumstancias especiaes é feito critico dramatico, sem nunca antes ter visto representar. Nos primeiros dias Egbert diz coisas contrarias e certas — por ignorancia. Depois, insensivelmente, taes são os protestos, começa a repetir o que os outros dizem. Tempos passados é um cabotino insuportavel sabendo que o é e não podendo mais ser o seu proprio eu. Fôra mais ou menos Cesario Verde.

E eu, de luneta de uma lente só,
Eu acho sempre assumpto a quadros revoltados.

Mas, insensivelmente acabava Egbert naquelle trecho da rua da Paz. Era curioso e era uma pena. Segurando a bengala com o cartão para baixo, o tub no alto da cabeça, a luva, o gesto exactamente como qualquer outra pessoa em evidencia desde o rei da Inglaterra ao menino Brulé do Athenée, eu caminhava como o gordalhudo principe Orloff, crispava o beijo num sorriso de desprezo americano, e ia por alli : *como toda gente chic*, especie de cooperativa de attitudes alheias, atacado da grande e fundamental doença : a furia imitativa, a macaquice universal.

Saía do Doucet para ir tomar chá no Ritz, na praça Vendome, cuja columna se destacava ao fundo, na semi-penumbra. E ao passar pelos vidros das montras, espiando-me (porque eu me espiava a ver se ia bem, se estava correto)

senti-me tão idiota (não foi a primeira vez nem será a ultima) que de repente parei, reagi.

— Por N. Senhor Napoleão! Pela columna Vendome! Retoma, menino, o teu proprio eu!

E ainda com esforço olhei a rua da Moda, a grande arteria da Elegancia. Naquelle pedaço urbano entre duas praças, a loucura, na sua forma mais violenta e mais geral, poisara a tenda do superfluo, a tentação da terra, a irradiação incommensuravel do snobismo e da perdição. Se um ente normal — ainda os haverá sob a influencia antiquissima da lua? — ao sair da banalidade monstro dos boulevards, ao descer da riba esquerda, por ella passar, talvez nada distinga. Entretanto, os que estão alli são os habitantes do paiz do Gosto, são os vesanicos das elegancias caras que fizeram daquelle pedacito da cidade a sua capital; entretanto, a Moda, a curiosa e deliciosa fada que em si reúne todas as fadas das legendas desde Titania a Viviana, ali encerra o eterno insatisfeito e inaudito ideal, talvez rapido mas sedutor, imbriante, irresistivel.

Eu sentia nas *limousines* paradas á porta dos costureiros o ritual dos andores; percebia naquelles predios de fachada de pedra os palacios dos Soberanos da Moda, dos homens que reduzem a especie humana á sua vontade; via as montras dos ourives, dos que expõem, Clerc quasi no boulevard e meio brutal, Carter, Bernhenn, Lamarcher, Polack, Melerio, dit Melier,

Fontana, quantos! como se visse as tendas dos *ex-votos* num sonho fabuloso, e via passar a turba rapida: francezes e turcos ricos, inglezes e exploradores romaicos, gente do Levante e gente da India, armenios, brasileiros, argentinos, hespanhoes, russos — como numa cathedral de um cumprimento immenso a turba dos fieis. Quando uma porta abria e della surgia para o automovel uma creatura envolta em zebilinas de 100,000 francos, com um chapéu que *chez Lewi* custaria talvez cinco bilhetes de mil, uma creatura representando discretamente a grossa somma, e linda, e fina, e fragil, amphora esgargalada do Desejo subtil, todas as miserias humanas no meu cerebro fundiam-se na admiração de ver, no desejo de ter aquillo, na ancia de concorrer tambem para a *feerie* dos milhões da futilidade.

Então, recuperando o meu ser naquelle ambiente de artificialismo, no reino do *chiffon* e das Pedrarias — de subito uma idéa, um principio philosophico, uma lei de psychologia social, uma dessas observações que classam epocas, escolheu o meu cerebro ainda conturbado e lá se formulou.

— Tudo no mundo é cada vez mais figurino. O figurino é a obsessão contemporanea. Se os antigos falavam de quatro idades, sendo que na ultima, na de ferro, fugiu da terra para o azul a verdade, nesta agora o figurino impera. Estamos na éra da exasperante illusão, do

artificialismo, do papel pintado, das casas pintadas, das almas pintadas. E esta éra será até ao fim do mundo...

Talvez, antes de mim, já alguém tivesse sentido a verdade da observação. Naquelle momento, entretanto, julguei-me o predilecto do acaso. O acaso, segundo Royer Collard, é o ministro da Providencia. A Providencia enviara-me pelo acaso, o prazer de fundamentar uma lei grave.

Certo quando se tem em mãos um jornal de modas, vendo os ultimos modelos de chapéus e os desenhos das derradeiras creações de vestidos, não ha quem acredite essas figuras com poder para obsedar o proximo. Nem eu proprio. Ninguem. Mas os figurinos, as estampas que mostram as metamorphoses da moda são apenas a simples prova de impressão, a notação ideoforme de um dos symptoms da molestia : a continua, rapida e incessante transformação de toilettes — porque em nenhuma outra epoca cortes e feitios envelhecem tão de pressa e tão de pressa são substituidos como agora.

O figurino é obsessão como ponto de comparação moral, que ataca os individuos, as classes, as populações. A sociedade moderna meteu-se numa roda que gyra sem cessar e cujos raios são o como, o tão, o melhor, o peor, o igual. Não se deseja mais a eternidade

nem nella se acredita, como na Grecia, como no proprio catholismo. Tambem não se acredita na belleza pura, na belleza eterna. Deseja-se superar, ser o figurino, mostrar qualquer coisa differente dos mais ou igual aos melhores nem que seja por alguns segundos. Só se acredita no bonito, no *chic* e no distincto. E como a posição, o dinheiro, o nascimento, a sorte emfim, collocam certas e determinadas pessoas, como certos paizes no momento psychologico, da ser o figurino, o ponto maximo — a maior parte irresistivelmente imita o figurino, os mais intelligentes, com uma certa raiva de ainda não serem imitados, os outros, o mundo, sem perceber. É a imitação consecutiva e permanente, a macaquice desesperada mas como que regularisada no proprio desespero, que faz a moda, a transformação uniforme das populações no uso dos chapéu, no corte dos vestidos, é a mesma imitação que faz nos quarteis a mudança de fardamento, cria opiniões e tendencias, põe em foco certos typos, inventa certas maneiras de estar e de pensar, é a mesma lei que rege o snobismo e guia de facto a terra, — é a lei do figurinismo.

Assim o figurino existe em tudo — em arte, em politica, em sport, em religião, nos usos, nos costumes, como nas toilettes. Ha cortes de politica que caem no goto tanto quanto a fallecida risca da calça; ha creações religiosas de um effeito tão decisivo como as saias *fourreau*.

Vem um Puvis de Chavannes e usa em pintura a simplicidade emotiva. Uma porção de gente logo começa a imital-o e temos um figurino de esthetica. Dá-se a guerra russo-japoneza. O Japão vence. O Japão passa logo a exemplo, a figurino em tudo e mais alguma coisa. — « Ahi tem o exemplo do Japão! » dizem os politicos, e é Japão a todo proposito e mesmo sem proposito algum. Um bello dia apparece um sujeito jogando o diabolo. — « É o ultimo sport, proclamam os jornaes, para creanças do tom ». E ahi temos o diabolo figurino de jogos infantis durante a estação. O catholicismo jamais acabará enquanto os snobs dos dois mundos não tiverem uma pessoa de importancia, uma pessoa chic capaz de lançar outra moda religiosa, que faça condes, tenha missas e talvez mesmo Deus.

As grandes cousas explicam-se pelos pequenos motivos. O mundo moveu-se á vontade de Napoleão. As correntes das modas são indicadas pelo typo do figurino, o ser que gosta de ser falado, ligado ás organizações commerciaes. As guerras fazem-se assim. Tudo assim na terra se faz. A humanidade poderá parecer insignificante para muitos, vista de tal modo. Eu considero-a deliciosamente organisada porque todos os seus grandes surtos de intelligencia, todas as suas conquistas de energia, surgem, vicejam, explendem atravez dessa camada de inveja, pretensão, rivalidade, des-

peito que cria o Figurino — symbolo da excessiva vibração dos nossos nervos, da nossa alma inquieta, da nossa futilidade.

Se o figurino é, sempre a renovar-se, uma especie de molde comparativo, em todas as profissões, em todas as coisas ha figurinos? Ha. O que são os principios em politica, em economia, em esthetica? Que são as theorias medicas, que de tempo em tempo desapparecem depois de mandar tanta gente bater a essa horrenda e grande porta, a unica porta que se abre amavelmente para receber cadaveres, a porta do cemiterio? O livre cambismo em economia é ou não um figurino renovado como o penteado á grega? O romantismo foi ou não um figurino de Victor Hugo do que se tiraram moldes para todo os corpos? E assim por exemplo a theoria do analphabetismo triumphante não é positivamente uma moda social lançada pelo imprevisto figurino politico?

Evidentemente, só as modas faceis pegam : o chapéu panamá, o romance naturalista, os vestidos *sans dessous*, o analphabetismo — (nada mais facil do que não saber ler e usar um chapéu panamá). Mas os figurinos existem, os figurinos multiplicam-se. No genero do *Chic Parisien* podia-se fazer cinquenta ou sessenta publicações mensaes de figurinos de idéas, sentimentos, principios, opiniões. Todos teriam e tem admiradores capazes de talharem-se por elles, dizendo :

— Está bem? É o figurino de Cicrano!

E como neste artificialismo de democracia nababesca desenfreadamente gastando, os instinctos são sempre os dos carneiros que se sentavam no throno de Luiz XVIII — quando o figurino apparece que não se pode copiar, esse figurino tem a admiração feita de odio humilhado e perece tragicamente como Luiz da Baviera figurino de rei estheta, como Oscar Wilde, figurino do paradoxo — porque são figurinos exemplares unicos, inimitaveis.

Mas, meus senhores, é sabido que a nossa interessante herança do antropeide : a imitação, não póde nas grandes massas ter um caso superior por modelo. O grande homem que dá na vista, a grande dama que chama a attenção ficam lá em cima. E' possivel querer ser a rainha Alexandra, o joven rei de Hespanha, Santos Dumont, Blériot, Pasteur, Rostand, M^{me} du Ghas, a duqueza da Uzès ou M^{me} de Noailles, ou Eduardo VII. Mas para imital-os ninguem vae escrever os versos de amadryade sensualizada de M^{me} de Noailles, nem o *Cyrano*, nem arranjar monoplanos, nem atravessar a Mancha, nem tornar a nascer para ser rei, soberano, magestade.

Os figurinos de correntes geraes são adoptados, sem que a massa se aperceba. O homem é essencialmente futil. O que primeiro o fere e para sempre se fixa como impressão é o exterior. Elle vae pelo exterior. Copia os gestos, as atti-

tudes, as frases e as roupas — o que lhe dá log'o na vista.

A rainha de Inglaterra cumprimenta com o braço levantado porque tem um tumor na axilla. Logo toda gente começa a cumprimentar assim. O duque de Chesterfield põe o pollegar na cava do collete. Logo as elegancias masculinas se permitem essa inconveniencia. Ha gestos que ficam principios, de tanto serem copiados. Na nossa vida oratoria, por exemplo, Joaquim Nabuco arranjou um gesto superior de falar com a mão esquerda no bolso da calça. E' uma tradicção hoje diplomatica. Todos tem o gesto Nabuco. E assim o chapéu enterrado na cabeça e assim varios outros feitos de attitudes e mesmo de tendencias. E' a copia, é a macaquice do snob.

Ora, precisamente, não ha nada que dê mais na vista do que a roupa: um vestido de senhora, um chapéu, um frack de talhe diverso. D'ahi, para quem quizer estudar a evolução da nossa superioridade, a observação de como atravez dos seculos, o vestuario se torna cada vez mais a preocupação principal da humanidade o estudo dessas cousas. Nunca folhearam por acaso um livro de gravuras que trate do vestuario atravez dos tempos? Mas ahi ha elementos para se comprehender a crescente importancia da *toilette* na Grecia, em Roma, em Byzancio, na idade media. A pouco e pouco o vestuario vae deixando de ser a coberta da nudez para ser um caso gra-

vissimo, um dos casos mais serios da vida. A pouco e pouco o Figurino chronometra épocas, é attestado, é documento, é testemunha. E começam a surgir as figuras da elegancia, os precursores dos dandys e dos liões : Alcebiades, Petronio. Basta ver a differença que existe entre a Athenas anterior a Pericles e a Alexandria de Ptolomeu Soter ; basta comparar a mesma Alexandria com a maravilha d'ouro da Cidade de Constantino ; basta lembrar o traje das mulheres de Salomão e o quanto só num vestido gastava a Dubarry amante de um rei, e assim até nós em escala ascendente, para sentir, que já não se ama a belleza núa, ou a idéa núa. Mais — que já assim é impossivel comprehendel-as. A importancia das roupas é tal que o ser humano, seja homem ou seja mulher, é hoje comprehendido como um composto de carne, osso, panno, com olhos, monoculo, cabellos, chapéus, mãos, luvas, anneis, pés, meias, botas — segundo a moda.

No seculo passado, de modo tão extraordinario os nossos nervos se afinaram, fez-se a nossa futilidade de tal forma seria, que o traje tomou definitivamente a attenção.

E' do seculo XIX a criação official do dandy, typo de figurino de homem ; é do seculo XIX a criação da musa, typo de figurino feminino. A observação accentuou-se na forma definitiva, que resume e condensa os outras. Todos os ideaes partem da roupa, tudo vem e

vae da toilette. Michelet diz solemnemente :

— Eu daria trez esculptores classicos por uma modista que sente, interpreta e retifica a Natureza !

Taine, Hippolyte Taine que no *Graind'orge* aconselhava a gente a tapar a cara e a espalhar o pensamento, Taine assegura com a sua alta autoridade :

— O apparecimento da calça foi uma das maiores transformações da historia !

E' a synthese do mundo no Figurino, definitivamente ligando o homem aos pannos e só lhe comprehendendo a alma pelo casaco. Não se perguntou mais : E' honrado ? E' digno ? Pergunta-se : Esta bem posto ? Não se repara nos actos, repara-se nas toilettes e nas joias.

Ha quem queira explicar com motivos extravagantes a excessiva falta de escrupulos da sociedade moderna, a facilidade que os destruidores da ordem social encontram actualmente. Ora, de facto só ha um motivo original : a preocupação do fato, a doença da exterioridade, o Figurino, que é a consolidação da *vanitas vanitatum* biblica. As mulheres augmentam de valor, a proporção que vestem com mais elegancia e luxo. As millionarias americanas não teriam um adorador, se andassem como carvoeiras. Um homem na moda inspira confiança até a sua propria pessoa, mesmo quando não passa de um refinado malandro. A frase d'aquelle pai de familia com fome que pede emprestado

o fato de um cavalheiro — « só para ir pedir um emprego » é característica. A humanidade inteira faz questão da roupa em primeiro lugar.

O figurino homem surgiu na Inglaterra com Jorge Brummel. Era neto de um confeitiro. Ao rei de Inglaterra que por elle teve uma especie de fascinação fez as maiores impertinencias. Deixou, apesar da sua limitada cultura e da sua curta intelligencia, o figurino classico do dandy : fleugma, desprezo absoluto por tudo e por todos, além da sua propria pessoa, insolencia, a theoria nova da elegancia masculina. Foi o primeiro professor de uma materia para a qual Paris ainda não achara o nome : *chic*. Levava trez horas deante do espelho a arranjar um laço de gravata impecavel. A seu respeito ha uma verdadeira bibliotheca, e todos os autores são concordes em affirmar ter elle o que Byron denominou :

— Uma certa conveniencia exquisita em materia de vestir.

O seu principio era :

— Um homem bem vestido não deve ser notado.

O seu traje de *soirée* era invariavelmente : casaca azul com botões unidos, colete branco, calças negras, abotoando em baixo sobre as meias de seda de riscas, a gravata sem uma ruga, um elac. Jacques Boulanger, um dos seus ultimos biographos, diz que elle se impunha

como figurino exactamente por isso. Se fosse espalhafatoso e excessivo, troçal-o-iam. Como porem parecia dirigir-se aos conhecedores, neste mundo snob todos queriam ser entendidos e obdeciam-lhe os ditames servilmente. Os fornecedores se diziam seus como das magestades. E, como excesso, elle saia de cadeirinha forrada de setim branco com os pés pozados numa pelle branca. A sua vaidade era tão inaudita que as suas pilherias viravam insolencias.

Com o rei Georges IV a jantar um dia, chegou ao arrojio se dizer :

— Beng, chama o creado.

O rei tocou a campainha obdientemente, e quando o creado chegou :

— Faça avançar a carruagem do senhor Brummel.

No club, indagaram-lhe um dia :

— Brummel, onde jantaste hoje ?

— Na casa de um sujeito chamado R. Parece com desejos de que lhe dê attenção. Por isso offereceu o jantar. Convidei Albaney, Pierrepont, e alguns outros. O jantar esteve excellente. Mas, meu caro, imagine o meu espanto quando vi que R. tinha o descaro de sentar-se á meza e jantar connosco ?

Era o Figurino no seu fastigio. Todos os biographos de Brummel contam-lhe a historia, as suas anedoctas, mas esquecem as consequencias, as grandes consequencias moraes deixadas pelo Grande Figurino.

Sabem o que foi Brummel no mundo? O golpe decisivo da subdivisão dos sexos no traje.

Inconscientemente, involuntariamente, d'accordo. Mas definitivo. Esse pobre homem que morreu miseravel, quasi mendigo, ataeado de paralyssia geral, deu-nos as taboas da elegancia masculina, elegancia feita de linhas perpendiculares, de negruras, tão pouco modificavel que é a variação infinitamente pequena do invariavel. O homem usava sedas, velludos, plumas, fitas, rendas, joias, tudo quanto usam as mulheres. A nova lei separou no traje os sexos.

Um fidalgo por exemplo da nossa Minas de Villa Rica traria cabelleira empoada presa por uma fita de gorgorão, o chapéu de trez pancadas, camisas de rendas com collarinho baixo, gravata bordada, collete de setim, bordado com lantejoulas e comprido com abotoaduras de pedras, casaca de velludo, com portinholas e canhões dobrados, calção de seda largo apertado por fivellas d'oiro sobre a meia de seda perola, sapatos pretos ponteagudos com finellas de cravação de pedras, bastão grosso de castão e ponta d'oiro, relógio em cadeia de coralina.

Se esse homem surgisse e visse os nossos elegantes? Se Buckingham, que propositalmente espalhava diamantes do gibão a valsar, visse o chic de Eduardo? Teriam a sensação de um outro mundo.

Só resta uma fantasia ao traje do homem

após Brummel : o colete. E' a ultima voluptuosidade feminina do traje exterior. E essa mesma amarga ás vezes. O coronel Ambroxino Heredia foi entre nós victima d'essa luxuria.

Mas, talvez exactamente por isso, deu-se a mais forte crise de figurinismo de que ha memoria. Os homens incitaram as mulheres ao luxo e entraram em detalhes minimos do seu proprio traje verdadeiramente obsedados. E o typo do figurino centralisa uma ronda que copia e é ao mesmo tempo copiada. Nós não estamos apenas a espera de copiar o figurino que mais nos seduz ; somos tambem figurinos para pessoas inferiores a nós e por sua vez talvez essas tambem o sejam para outras. Affonso Celso conta no seu romance *O Invejado*, o caso de um pobre homem em nada differente dos outros, e que entretanto é invejado de creança á morte por um companheiro de todos os dias. Na imitação do figurino não ha bem inveja, ha o querer ser igual com a idéa de que isso depende de pouco. Na fraqueza humana do querer ser igual é que se firmam os fabricantes.

— Oh ! que bonito ! Onde compraste ? Fica-te bem !

— Ah ! se eu podesse ter um chapéu do tamanho do da Margarida !

As senhoras do tom acreditam que as guerras de costureiros só se dão no seu mundo. Os homens elegantes estão convencidos de que só a sua rodinha segue o figurino e interessa-se

pelos objectos. Mas o que sentem elles, sentem todas as mulheres e todos os homens. É preciso ir descendo na escala da falta de dinheiro, que é neste paiz, como em outros, a escala social, para ver que na classe media, e nos fornecedores da fama nos armarinhos de segunda ordem, a proposito de uma *cassa* ha as mesmas lutas, a mesma preocupação que entre damas ricas. Não só na media. Nas estalagens, entre essas meninas tão ridiculas para nós outros nos seus trajés pobres e sem gosto ha como nos grandes salões *fashinoble*, *professional beauties*, *dandys* — figurinos afinal, pontos de comparação. O sentimento, a idéa é a mesma. Apenas o figurino da *haute gomme* é um e o figurino da *ralé* é outro. Tanto se julga satisfeito com uma casaca do Davis ou do Cook, o collete em V e os sapatos rasos um joven do escól, como de calça bombacha, casaco curto, tacão réuno, lenço azul ao pescoço e chapéu no alto para não cumprometter o topete, um malandro qualquer. Tanto triumphá com uma deliciosa robe de liberty rosa, encrustado de rosas d'oiro, com o seu colar de perolas rosas, M^{me} de S. como, com os mesmos conquistadores, as mesmas amigas invejosas, apenas de vestido de voile de um máu gosto crispante, a Mariquinhas do seu Antonio. Psychologicamente, para o estudo do phenomeno, do figurinismo, ellas são as mesmas. Ha talvez para os exigentes ainda uma differença ; nesses lugares calumniosamente chama-

dos de máus, ainda não existe o chronista. E o que sobra em Figueiredo Pimentel chronista de elegancias a M^{me} S. falha por completo a Mariquinhas.

Em qualquer meio onde se entre, ha sempre o ser de destaque pela graça, pela belleza, que os outros imitam. Encontrei em Paris varios apaches que eram *Le Beau*, tal qual como Brummel se apelidava; encontra-se aqui uma porção de *caras lindas*, de *bonitinhos* e outros que tem a sua corte de admiradoras tambem.

Mas como não ser assim? O sentimento de admiração do figurino é tão intenso, que muita gente que só por vestir exatamente como o seu modelo, fica valendo mais.

Quantas pessoas ha que arranjam o chapelão do sr. Raul Pedineiras e andam fingindo de Raul pelas ruas? Tenho encontrado alguns. São todos caricaturistas máus e ás vezes discipulos da victima. Conhecem de certo outro caricaturista, o sr. Calixto, tão conhecido pelos desenhos como pelo figurino que representa: calça presa sob o sapato, caveiras nos punhos, nos peitos, gravatões, badine, sapatos com finellas. E' complicado. Pois este que lhes está falando, já pegou em plena rua um Calixto de mentira tomando-o pelo verdadeiro tão inverosivelmente parecido era.

E' o delirio do Figurino? E'. Devem ter notado que quando um homem surge á tona, logo apparecem typos com elle muito parecidos. E'

possível explicar o facto dizendo que antes não seria possível reparar em tal. Mas não é só parecer usar o mesmo côrte de roupa, a mesma côr das gravatas, o mesmo módo de pentear...

Paul Acker, num artigo sobre o principe de Sagan, um dos ultimos dandys da França, augura que é impossivel na vida contemporanea o dandysmo, porque os homens vestem todos da mesma maneira e ha uma preocupação geral de asseio e moda, acompanhada pelos grandes armazens. J. Ernest Charles explica que o dandysmo degenerou em snobismo.

« ... Convenez que si tous ces dandys sont frères, on ne s'en aperçoit pas au premier regard. Toutefois, il y a dans leur existence une certaine tension qui les distingue du commun des hommes. Cette tension permanente n'est plus possible à nos contemporains agités. Le dandysme s'est donc disséminé ; il est devenu le snobisme, qui n'est que le dandysme impersonnel des foules ou si vous préférez, des élites. On prend une attitude pendant l'espace d'une saison ; on s'enthousiasme pour des idées que l'on croit rares, on les propage immédiatement par l'admiration sans bornes que l'on exprime pour elles ; et on les fait tomber ainsi dans le vulgaire. On va d'un engouement à l'autre... On a toujours la même ardeur à se singulariser ; mais tout le monde l'a en même temps et de la même manière. On passe d'autant plus vite d'un snobisme à un autre. Le snobisme n'a

plus ni individualité ni durée. Il ne permet que pour très peu de temps le règne de qui que ce soit. »

E alargando esse principio é que se poderá comprehender a extensão da molestia moral do seculo : Figurino.

Não ha duvida que a preocupação do Figurino vem dos intelligentes, dos intellectuaes. E nisso os homens são muito inferiores ás mulheres, porque são elles, como se costuma dizer com as conspirações : os principaes auctores do movimento. As mulheres não têm espirito de classe. Se tivessem, os homens já teriam sido vencidos pelo feminismo. O homem, ao contrario, tem na alma, pelo menos, uma quarta parte de carneiro. Antes de crear uma individualidade propria, a sua primeira tentação é um figurino de classe. Vemos os pirralhos a dizer que querem ser alferes ou officiaes de marinha. Não sabem o que isso é. A questão é o figurino. Nos que decidem entrar para o Collegio Militar ou para o ex-Gymnasio não sabem senão que a farda de um é mais bonita que a de outro. Adolescentes, já rapazes, o orgulho da farda, do fato especial da classe, torna-os arrogantes. Nas universidades, por exemplo. Não se imagina a insolencia com que os meninos de Coimbra andam pela garota Lisboa, em cabello e de capa negra ao vento. Como os senhores sabem, para esse periodo da mocidade ha tambem o figurino typo do artista sem vintem,

confeccionado em Montmartre : cabelleiras, chapelões, barba em ponta, calças largas, jaqueta.

Os meninos universitarios andam como a dizer :

— Arreda, que eu sou doutor de Coimbra!

Os rapins movem-se decretando :

— Afastem-se, que ahi vai um artista!

Passada essa primeira phase vem ao homem intelligente, em geral, com a independencia e o dinheiro, o desejo de fazer o seu typo, ou conforme a sociedade em que entrou, ou original seu, inedito.

Se Buffon escrevia com punhos de renda, Carlyle levou, num livro inteiro, a fazer reflexões diffusas sobre o vestir; e nós vemos, principalmente entre os escriptores, os conductores das multidões, a obsessão.

Não ha escriptor que não queira ser elegante, elegante e figurino. As excepções fazem a regra. Em Paris, quando se lhes nota a falha de não guiarem a moda masculina, apontam sempre os escriptores, os artistas « arrivés » como exemplo. Veja V. M. Paul Bourget, veja o notavel Barrés. E o Abel Hermant. Cada um tem inconfundivel o seu estylo, o seu figurino.

Mas neste periodo, de Brummel, até nós, acontece o mesmo em todos os paizes. Byron era um dandy; Musset pertencia ao grupo do Café de Paris, o grupo dos leões. Eugenio Sue, era modelo de elegancia apezar de ser socialista;

Barbey d'Aurevelly, o celebre Barbey das « Diaboliques » levou a mania do dandysmo ao extremo ridiculo. Garret usava carmin, pó de arroz e espartilho. Quando chegou á velhice pintou tambem os pellos. Não lhe bastava ter escripto as « Viagens á Minha Terra » e o « Frei Luiz de Souza »: Queria tambem ser figurino.

Ha tempos, os que admiram o genio de Balzac e leram as suas elegancias um pouco gigantes, ficaram a saber que o autor da *Comedia Humana* escrevera mesmo um volume em 1826 com este titulo interessante :

« *L'Art de mettre sa cravate de toutes les manières usitées, enseigné en seize leçons et précédé de l'histoire complète de la cravate, depuis son origine jusqu'à ce jour, ainsi que de considérations sur l'usage des cols, de la cravate et de l'emploi du foulard, par le baron de l'Empesé, ouvrage indispensable à nos fashionables, orné de trente-deux gravures explicatives, et du portrait ressemblant de l'auteur.* »

O genio adivinhava a época que inventaria tempos depois...

E contemporaneamente, se todos os artistas mostram nas descrições preocupações de elegancia e de moda, pessoalmente não são senão figurinos. Oscar Wilde, o genio só comparavel a Shakespeare, passou a vida creando Figurinos especie de Brummel mental. « O unico ponto de contacto entre o homem e a natureza, dizia elle, — é a botocira florida. » Deve-se ser uma

obra de arte ou vestir uma obra de arte. E a conta do alfaiate era para elle a conta que mantinha o credito. Como encontrasse todo dia um mendigo naturalmente mal vestido, o Sacerdote do Artificialismo levou-o a um alfaiate de primeira ordem mandando fazer-lhe uma roupa de mendigo, isto é de panno sujo velho, com remendos, mas, admiravelmente bem talhada :

— O homem tem o direito de andar com uma roupa velha, mas nunca com uma roupa mal cortada !

Francis de Croisset usa uns casacos tão cintados que vieram a chamal-o Sr. Trente six de Corset. Ernesto La Jeunesse traz aneis em todos os dedos, e, como cadeia do relógio, um collar que pertenceu a Felippe II. Jean Lorpain tinha o sombrero cinza como Gautier o collete vermelho. Willy é conhecido pela sua cartola d'aba recta e as suas escandalosas luvas brancas. D'Annunzio possui um guarda-roupa que nem o do imperador Guilherme. Só casacas ha trinta e seis. O creado prepara-as á noite, com as botoeiras floridas de diversas maneiras. O auctor do « Piacere », escolhe aquella, cuja botoeira mais lhe agrada. Bernstein, um fino judeu, é tão conhecido pelas suas peças como pelo seu typo smart sét. Rostand, o rei dos Cabotinos, arranjou definitivamente além da sua justa fama poetica, o typo phisico de destaque : o figurino a imitar com o seu chapéu hespanhol e a sua sagrada gravata a 1830.

Nós lemos as paginas desses homens, e ficamos a imaginal-os creaturas tão differentes! E são. Apenas o figurinismo cria-lhes um typo exterior e snob. Cheguei a dar-me com um escriptor que com muita reclame fazia exito com o seu primeiro livro de troça feroz aquella sociedade *vermoule* do *grand train* de Paris. Só lhe faltava um duello para a sagração — duello já se sabe com photographos e sem gota de sangue. Por elle soube por exemplo, que o duque Montesquieu de Fezansac, da mais pura nobreza de França e notavel poeta, espartilhava-se e tinha os calções internos guarnecidos de rendas de Mallines. Por elle soube que Pierre Loti, o Loti que as senhoras amam, as rainhas recebem, que é um phenomeno, organisa-se como um boneco de jornal de modas colorido.

Pois uma vez fui buscal-o para jantar. E o homem appareceu-me de casaca, peitilho e a cabeça amarrada numa porção de pannos.

— Que é isso? Migraine?

— Qual! Estou assentando o cabello com vaselina! E' um cabello rebelde. Não ha meio de dar como se usa agora com a risca no meio. Preciso de uma hora de pressão...

Não tive a menor surpresa. Esperamos a pressão conversando de cousas elevadissimas: Santos Dumont, os dirigiveis, o planeta Marte, os cometas. O auctor de um livro de troça ao snobismo, sentia que não seria viavel emquanto não fizesse a risca no meio!

Esta preocupação do Figurino, temol-a nós também em esferas elevadas. O barão do Rio Branco, quando alguém lhe é apresentado apanha o sujeito num rapido olhar das botas ao chapéu.

Viu a poeira das primeiras, notou o córte do casaco, as mãos, a gravata, tudo. E' a sua primeira avaliação de diplomata. E tem razão.

Estou que um laço de gravata basta para documentar o gráo social de um cidadão; e diplomatas segundo dizem os rebeldes, ha muitos que só valem pelo fato. Já o poeta dipsomano Raul Braga, como um secretario de legação lhe pedisse para não lhe tocar na roupa, resumiu copiosas opiniões, exclamando :

— Mas por onde hei de te pegar, se não tens mais nada?

O Figurino porém, a mania do Figurino coordenada, é um incentivo para a educação social, a educação expontanea pela copia. Um menino aprende a escrever cobrindo pausinhos, isto é aprendia porque hoje toca a machina e brevemente nem isso será preciso. O homem que copia outros, em geral uma classe superior, quando é bem guiado, dá resultados excellentes. A educação é relativa. Mas um sujeito que nunca usou luvas, uma dama que nunca andou com os chapelões admiraveis d'agora, ficam mal a primeira vez. Assim imitam, copiam, cobrem os pausinhos do chic, e vão aos

poucos limitando as expansões da natureza, porque o chic é o estrangulamento da espontaneidade. O homem enriqueceu, está em casa uma visita. Irá recebê-la como? Lembra-se de como o amigo o recebeu, calça as botas. A meza elle olha o que os outros fazem, attento. Um jantar de gente fina é um curso de como se está a meza, sem palitar-se, sem estender os braços, sem encher o prato, sem encher o copo, usando para um prato a faca e o garfo que é preciso deixar de certo geito, noutros o garfo só, noutro a colher apenas. No primeiro dia é uma tortura — porque o natural é comer com a mão, só usando da faca. Depois vem o habito. E um homem nesta faze, já devem ter reparado, á mais pequena falta, parece que commeteu um crime.

Não me esqueço de um jantar em certa casa distincta em que eramos apenas quatro : a esposa do senhor do lar, o senhor do lar, homem intelligente com idéas avançadas e um desses *parvenus* ricos, um pobre homem que após os quarenta, ia emprestar alguns dinheiros para poder entrar na sociedade. Logo que serviram a sopa, o homem desdobrou o guardanapo e meteu-lhe a ponta pelo collarinho a dentro. Ficou de babadouro. Naturalmente os outros não fizeram isso. A segunda colherada, vi-o roxo. Tossiu e tirou o guardanapo. Era a influencia do Figurino. O resto do jantar, enquanto o meu amigo falava num negocio torrencial de quedas

d'agua em que os seus capitaes deviam servir de enxugadoiro, o homem com prudencia só começava quando os outros já se tinham servido — para fazer exactamente como a gente. Ao fim, porem, o meu amigo com a compota no prato eternisara a explicação das quedas. O homem pegou do garfo, pegou da faca e para fazer alguma coisa trinchou o pecego.

— O Sr. Almeida sem colher para comer o pecego! exclamou a dona da casa, pensando numa falta do creado.

O Sr. Almeida levou um tal susto que deixou cair o talher no prato, ficou cheio de calda, vermelho, a balbuciar perdões.

Dois annos depois encontrei-o distincto e sem rubores. Tinha aproveitadô o Figurino como correctivo.

E o exemplo dos homens é principal porque não ha como a mulher para adaptar-se ao luxo, ao bom, ao chic. Ruskin chamava as mulheres seres perceptivos. E são. Uma semana de figurino fal-as figurinos ellas proprias.

O Figurino tem mais o ser a grande accção da Moda. Os homens concentraram-se, restringiram-se e resolveram incitar o luxo das mulheres, a pompa da toilette, todos os seus sentimentos d'arte, todos os seus recursos para fixar a lei que em toda a parte vive nelles, num desdobramento esthetico.

Oh! E' preciso ter estado na Cidade Luz para

compreender a Moda e a criação de um Figurino. Ha Londres, ha Milão, ha Vienna, ha mesmo a Allemanha inteira. Para essa obra delicada e formidavel, porém, só Paris. Alguns mezes antes da Grande Semana, o fim da Primavera, artistas notaveis desenham por quantias enormes os novos tecidos. Os fabricantes tiram chapas de proporções minimas e mandam para os grandes costureiros. E' a escolha. Os padrões não acceitos são atirados ao Sena, mysteriosamente para que não os copiem. Chegam os tecidos novos, precedidos de modelos novos de todas as coisas desde as meias até as luvas. São os auratos do Vestido e do Chapéu, a grande obra d'arte feminina. Os tecidos já estão promptos. E' a invenção sobre a materia prima. E faz-se a renovação geral da Moda para a Mulher e para o Homem.

Para o homem, os alfaiates vem de Londres e hospedam-se no Scribe ou no Meurice para receber encommendas, quando não tem agencias fixas em Paris. O cerimonia da moda é tão complicado ou mais que o de qualquer côrte europea. Para lançar o muito ousado vão os modelos, mulheres formosissimas para os prados. Para lançar o que fica estão os artistas no palco, os grandes artistas, de ambos os sexos. Se em Marte não houve a serpente inventora da folha de parra para desenvolvê-la depois num delirio de futilidade e dinheiro, os homens de Marte ficariam incapazes de comprehender a grande obra.

Tudo é regulado como num palco. Espera-se a deixa. Como se inventou o casaco saco? Porque o conde d'Orsay atravessou um dia Hyde Park com o casaco de um barqueiro para abrigar-se da chuva. Porque a sobrecasaca com chapéu de coco era prohibido e agora é moda? Porque Eduardo usou-a no Derby. Porque está a agradar o modelo cloche? Porque Marthe Reguier usou-o. Assim o remodelamento é a um tempo.

Os homens ficam nos detalhes, em mudanças de corte e de padrão. Os figurinos são os mesmos: Eduardo VII, o duque de Morny, o príncipe Orloff, e nos theatros o decadente Le Bargy com a sua elegancia a *quatre épingles* e Brulé, o dos colletes de trápasse com um botão só nas casacas. Os jornaes falam nos écos, alguns pagos, outros como de interesse geral. Os fornecedores são os mesmos. Os collarinhos devem ser cortados no Trämmelet, as camisas e as gravatas no Charvay, no Doucet, as bengalas devem custar no Brigg o dobro do que custam em qualquer outra parte. Os alfaiates estão do outro lado da Mancha.

— Parece que não está bom, diz o rastacuero.

— Oh! M.! mas é exactamente como do príncipe de Sagan!

E quando o arrasta-coiros é muito abrilhantado:

— Tal como o de M. Le Bargy, le grand comédien!

E' pouco. Os homens votaram-se ao figurino da mulher, esse ser sempre mysterioso que a poetiza Delarue-Mardrus denomina: la *bête divine*. E é positivamente um *complot* universal para fazer da mulher um symbolo de todas as bellezas, de todos os requintes, de todos os desvairamentos a que renunciámos. Os millionarios arruinam-se; os fidalgos pulam as cercas das cónveniencias; os americanos, os principes russos, os egypcios levam como offerendas o seu oiro para a criação da mais estranha juxtaposição da illusão que é permittido ver, sentir, palpar e até amar. O luxo do Oriente não se póde lembrar porque é luxo fiado de sangue, de idéas, de arte, de intelligencia. Parece que a humanidade de calças, já sem appetite são para amar a belleza pura, cáe de joelhos e roja, offerecendo coisas maravilhosas.

— Perfuma-te! pinta-te! Conserva a saia, conserva a echarpe, conserva o mysterio. Deixa-te ficar assim, tu que assim és o meu unico ideal.

E' a esthetica. M^{me} Roy Deveraux disse que a mulher é o traje porque o estylo na sua essencia é uma emoção e não uma concepção. O figurino alma, emoção, essencia, concepção! Sim. E harmonia tambem. E graça aerea. Uma mulher bem vestida é hoje a suprema arte do genio latino. E isso devido aos homens. Paris deve ter cerca de duas mil casas de costura. O primeiro homem que montou um atelier de

córte feminino foi o inglez Worth, que aliás não cortava coisa nenhuma, deixando o trabalho ao socio francez. Hoje, alguns lustros depois, talvez mais de metade dos *ateliers* de costura sejam dirigidos por homens verdadeiros artistas, verdadeiros esthetas, e tambem verdadeiros *homme du monde*. Ouvir Redfern falar é tão serio e tão grave como palestrar com La Gandara, o pintor das elegancias femininas.

Esse costureiro de princezas disse, e é Carrillo que nos conta : a linha é a minha obsessão. Os seus vestidos *sylphide* chegam a vestir castamente as portadoras de corôas reaes como as figulinas de Tanagra. E além dos vestidos e das frases lapidares, não faz um vestido sem estudar a pessoa, sem um longo exame de estheta. Á creaturinha bastante selvagem que lhe fosse perguntar o *quatum* da sua criação, responderá indignado :

— Pas avec moi, madame ! A la caisse !

Porque todos devem estar de accordo que as mulheres devem ter toilettes estranhas e todos sabem que não são ellas a pagal-as. Qualquer livro dessas casas mostra a elevação phenomenal dos debitos. Wanda de Boncza, que era figurino como hoje o é Cecile Sorel deixou na burra dois milhões e ficou devendo mais. Paquin, o costureiro das grandes *cocottes*, quasi rebenta varias vezes apezar dos lucros fabulosos, porque lançava por conta propria e com aparato as mulheres bellas. Afinal rebentou a

a vida deixando tres milhões, e M^{me} Paquin trata de conservar a linha do marido. Se os costureiros são assim e se assim são com requintes de artista todos os fornecedores da endumentaria feminina, os escriptores, os poetas, os pintores, os desenhistas levam a sonhar coisas indiziveis para sagrar o idolo. Mallarmé, um dos primeiros poetas da França redigia por prazer uma secção de modas nos jornaes. Foi elle quem inventou o chapéu *lumière* e era elle quem falava quasi com volupia do cóрте das mangas e da combinação dos tecidos. Sar Peladan, o mystico, o mago, autor das etopéas e de estheticas arrevezadissimas escreveu quasi um principio da moda sobre a desproporção para defender os deliciosos chapéus modernos, que são a mais leve obra colossal da industria artistica. E Anatole France nunca se contrariou tanto como quando lhe disseram que Georges Ohnet descrevia melhor a *toilette* das suas heroínas. E essas coisas, que todos sabem em Paris, conta-as Gomez Carrillo no seu leve estylo.

Como resistir? A mulher tem sido atravez dos seculos, a victima das nossas manias. Hoje ella é como a Nossa Senhora do Artificialismo, o Figurino em que congregamos todos os nossos ideaes de belleza e opulencia. E, assim transfigurada, irradia em Paris a Grande Imagem, a Incomparavel Bonéca com o seu divino sorriso. Quem é? Uma grande dama? Uma actriz? Uma *cocotte* notavel? Um modelo? Para que

saber ? E' a Parisiense ! Na mais feminina das cidades ella devia ser Imperatriz. Eil-a, que está, á hora da *essayage — chez son couturier*. Provou, palrou, saiu. Vae ao Rumpelmeyer na sua limousine. Quanto custa ? Em apetrechos de toilette, águas perfumadas, instituto de *beauté*, pinturas, pastas, maquillage, brunidores, gastou o sufficiente para uma semana de gente pobre ser de festa.. Em tecidos vaporesos dos *dessous*, ha com que comprar o descanço dois ou tres mezes das operarias nelles empregados. São tecidos acreos, com crispações de fios, são nuvens brancas de rendas. As meias dizem-nas ultimo modelo, ao botas custaram 150 francos num dos primeiros *botiers* — o ordenado de qualquer *commis* de livraria. Com o que ellas quasi não mostram, dizia um director de *theatro a coté*, comprava-se a lotação de uma pequena sala. E o vestido ? Quanto custaria o vestido ? Oh ! problema ! Evidentemente é um *tailleur* dos tres ou quatro notaveis especialistas do genero. E póde bem ser um vestido de velludo còr de castanha, ou verde relva, ou verde folha. Sempre mais de mil francos. Logo mais, para o *theatro*, apezar de nevar, ella vestirá um modelo de artista notavel. *Oh ! macher ! épatante !* Mas o seu *manteau* é de zibellina, no minimo 20 mil francos e as suas perolas, um colar de triplice volta, trez ou quatro aneis mais, vão pelos cem mil.

E ainda ha o chapéu. E' conhecido o caso

d'aquelle marido que requereu divorcio documentando o requerimento com as contas da modista. O juiz espantou-se.

— Mas só em chapéus a senhora gasta mais que seu marido ganha!

— Não sou eu, a unica! respondeu ella.

O Figurino bello é aquelle que nasceu hoje; o horrivel é o que não se usa. Ha dois moldes que são sempre perturbadores — o vestido princeesse e o chapéu qualquer que elle seja. Hoje a moda é o desnudamento pelo tecido na caricia da linha, com uma apotheose a coroa-a que é o chapéu. E nunca houve chapéus tão lindos, chapéus tão bellos, chapéus que resumam tão bem as bellezas da terra e a frivolidade das cabecitas que coroam. O chapéu é chef-d'œuvre, o chapéu é feito alli chez Viot, chez Lewis. Meu Deus! Quem no mundo será capaz de fazer um chapéu como na rue de la Paix, ou na rue Royale? Bismarck já dizia em 1871:

— Apezar de tudo, hei de sempre pedir a Paris champagne para mim e os chapéus de minha mulher!

E Gomes Carrillo: « en el couvre chief, ya sea el *hennin* de la Edad Media, ya sea la toca del siglo XV, ya sea el feltro de los Luizes, ya sea la guirnalda de flores del Trianon, sempre la franceza ha sido la primera ». Os chapéus custam uma fortuna, o chapéu não, as *fornitures* — as plumas de cento e cinquenta francos, como a dos *curucussús*, a do *multifils*, as pennas, as

fitas, as fivelas trabalhadas, o trabalho da modiste que pede mais cem francos...

Que importa porém? Todos tem a preocupação do chapéu! Até grandes chimicos como Chevreuil deram a sua opinião. E' do notavel scientista, uma das suas obras, a descripção do chapéu segundo as carnações: o chapéu preto para as loiras, o chapéu azul para as carnes rosadas, os chapéus amarellos que não dão nem com as loiras nem com as morenas... O chapéu é fundamental. Abel Faivre, num dos seus desenhos mostrou-nos a sua origem, o primeiro chapéu: Eva em traje de Eva amarrando na cabeça a serpente. Já Willete fizera a mesma Eva, sempre em traje de Eva, saltando a corda com a mesma serpente. E ninguem negará que os dois artistas tiveram o poder devinatorio do passado remoto. Eva saltou a corda, fez o chapéu e com elle tentou Adão.

Foi uma acção definitiva para a nossa vida. Talvez por isso e com amor ao Figurino, Eva conservasse o chapéu, enchendo-o de coisas caras. A falta da serpente, naturalmente fallecida, serviu-se d'outros meios de tentação. Sabem lá a hecatombe annual de passaros, causada pelos chapéus das elegantes? As notas de um jornal de critica são de assustar. As modistas parisienses consumem cerca de 40.000 andorinhas do mar. Um negociante de Londres vendeu num anno 32.000 beija-flores, 80.000 passaros do mar, e 800.000 pares de azas de

aves diversas. Pode-se avaliar em 300 milhões por anno a cifra dos passaros sacrificados a moda feminina. E, segundo especialistas, isso prejudica enormemente a Agricultura...

Mas que importa a uma elegante senhora a agricultura da ilha Mauricio, quando tem no chapéu um pombo da mesma ilha? Nem é possível lembrar a agricultura quando ninguem tem pena das pobres avesitas, depennadas vivas para que as pennas não percam o brilho. Todos os tormentos e todos os sacrificios são permitidos, com tanto que o chapéu exista. O chapéu é a idéa fixa e o expoente das sensações femininas. De certo por isso escreveu Wilde:

— Quando uma mulher descobre que não gosta mais do marido, arranja-se horrivelmente ou usa chapéus muito smart pagos pelo marido de qualquer outra dama...

E ninguem dirá que no começo do seculo, durante mais de um lustro, houvesse uma preocupação universal maior que a conferencia de Haya, maior que todos os acontecimentos intimos, sociaes, e internacionaes: — a questão dos chapéus grandes ou pequenos. Para que num futuro remoto, se reconheça o momento actual como a era da futilidade e do figurinismo, basta colleccionar o que se disse sobre os chapéus diariamente em todo o occidente nos primeiros dez annos do seculo XX.

Mas a parisiense tem um momento de prazer vendo-se com essa criação de arte, e não per-

guntou jamais quanto custou. Vaç um pouco nervosa. Aquelle pedaço da rue de la Paix, com os joalheiros que vendem por semana duas e trez *rivières* de 250 mil francos, as tentações, o rapaz que nessa semana ella adora, e que não é outro senão D. Benito de los Arrancos, um joven cubano *train de luxe* ardente, a necessidade urgente de gastar dinheiro ainda não sabe bem em que — fazem-na febril. E a Parisiense fina, fragil, amphora de subtil desejo pintada e decorada raramente, a Parisiense que herdou a Graça incomparavel, com o seu cerebrosito d'avelã pensa apenas na sua pessoa, olhando o espelho...

E por isso não vê nesse espelho, o reflexo de milhões de bilhões de milhões de outros espelhos, e por isso não distingue nesses reflexos o reflexo interminavel de outros tantos rostos e por isso não comprehende que assim graça doidivana erigida pelos homens suprema graça do universo, tem de polo sul ao polo norte, entre os lapões de Cook, como entre os mercadores que vem a Punta Arenas, na India e na Asia, nas montanhas da Abyssinia e no alto Perú, no Sahara e na Siberia, onde quer que exista um espelho, uma fita e um pote de tinta, creaturas que pensam nella e que tentam copial-a. E a sua frivolidade é tal, frivolidade sempre despreocupação e bondade que não repara senão para louvar no sequito occidental de copiadoras civilisadas — todos os paizes d'Europa, todos os paizes d'America, que vestem como

ella, que andam como ella, que sorriem como ella e multiplicam o seu imperio no extase do Figurino, — indo até ao crime para ser igual, arrastando os homens na mesma atracção do superfluo necessario...

Mas, meus senhores, eu sou do parecer d'aquelle grande artista que admira o mysterio nas coisas visiveis, acha o homem um animal desarrazado e considera que as grandes bellezas são para meditar. Uma mulher bem vestida faz pensar muito mais do que as Venus expostas no Louvre. As senhoras não imaginam o que eu tenho meditado sobre os chapéus, a robe *entravée*, os decotes, as nuças e os grandes olhos sphingeticos das mulheres...

Assim, de meditação em meditação, depois de sentir o « Figurino », obsessão do Mundo, o « Figurino », ponto de comparação moral, o « Figurino », correctivo de costumes, o « Figurino » creando um typo para ser copiado e fazendo em Paris a parisiense — que se reproduz em toda a terra, tomei o « Orpheus » historia geral das religiões, de Salomon Reinach. E lá eu li : « Religião é a observação fiel dos ritos ». A religião, segundo Schleiermacher, consiste em um sentimento absoluto da nossa dependencia. A religião, segundo Feuerbach, é um desejo que se manifesta pelo Desejo, a Oração, o Sacrificio, e a Fé. A religião, segundo

Max Muller, é um estado de espirito e da razão que colloca o homem em estado de apprehender o infinito. » E por fim a definição do proprio Reinach : « A religião é um conjuncto de escrupulos que obstam o livre exercicio das nossas faculdades ».

Então eu, pobre de mim! comprehendí que tinha considerado molestia aquillo que foi a unica religião do seculo XIX e que até hoje é a mais forte do seculo XX, então eu vi o grande peccado, minhas senhoras, as grandes heresias que eu tinha dito reparando nesses desenhos e estampas de pannos e enfeites que vos entre-têm. E como eu sou, felizmente, futil nessa época que, apezar de futil, não deixou de ser aquella em que mais se pensou, mais se criou e mais literatas são as mulheres (o que prova que as preocupações chamadas frivolas, longe de serem privilegio dos nescios, são gloria e costume dos que têm espirito) —ergui os olhos para a primeira dáma que vi, juntei as mãos e fiz o que todos os homens fazem hoje sem saber que a mesma religião os liga : orei ao maior dos deuses contemporaneos : Nosso Senhor o « Figurino »!

FLIRT

FLIRT

— Sabe V. o que é o amor?

— Não m'ò pergunte! Já amei uma vez na vida. E a mulher que eu amava louca e desesperadamente, casou!

— Com quem?

— Comigo.

Sempre que ouço falar em flirt recordo este curto dialogo de boulevard, feito de ironia e desillusão. Recordo o dialogo e lembro a estatística de um inglez, que teve a paciencia de contar quantos beijos dava a esposa por anno. No primeiro deu 37.760, o que vem a ser cerca de cem por dia; no segundo passou a metade; no terceiro desceu a dez diarios; e d'ahi por deante ficou em dois... Recordo o dialogo, lembro a estatística e penso no Dr. Stanley Hall, presidente do Clark College, que definiu o flirt como a valvula de segurança da mulher.

Flirt! Como falam do flirt agora! Fala-se do

flirt, como do *brigde*, como do *puzzle*, dos automoveis e dos velivolos — sem comprehender a violencia narcotica dos primeiros e a rapidez cada vez maior dos segundos. Flirt. E' uma questão de moda, que as senhoras arvoram com impertinencia atemorada. Palavra anglo-saxonia, costume americano, uso universal; fusão da moral. Galanteria pratica, fetichismo semi-ousado, experimentalismo excitante. Que é o Flirt? O philosopho mandava sentir e não saber : *il faut sentir et non savoir*. Mas o amor é sentir, sentir é gosar o soberano bem, o estado harmonioso do corpo, e o flirt é a exasperação dos sentidos.

Flirt corresponde em francez a *folatrer*, a *voltiger* e a *faire la coquette*; *flirtation*, é ainda *coquetterie*, e todas esses verbos e substantivos traduzidos em portuguez com uma certa má vontade dão em divertimento, manha, pilheria pretensão...

Felizmente a significação das palavras vem do sentimento que as interpreta, e flirt é para qualquer de nós a lembrança perfumada de uma rosa sob a papitação das borboletas... Bello pensamento e phrase nova!

Factos de tal monta muito antes de S. Thomaz de Aquino, eram para que os homens os meditassem. A meditação póde ser uma contemplação interna...

O Flirt é um phenomeno gravissimo — é a ultima etapa da seducção da Mulher. A Mulher

aliás o unico osso desnecessario de Adão, é o osso dominador do universo.

O personagem Deus fel-a na sombra, mysterioso e subtil, emquanto Adão estava dormindo, e deu-lhe uma alma de onda, de renda, de attração, de encanto e de perversissima bondade. Quando Adão accordou, extasiado ficou. Não era para menos. Um pedaço da Via Lactea parecia ter descido do escuro azul da noite estrellada. O Paraiso, que até hoje ninguem sabe onde foi exactamente, rescendia mais, e aquella meiga luz, aquella doce luz sorria, fazia comprehender o Desejo — a suprema delicia de viver. Adão não era bem uma alma de analyse. Deixou de indagar a razão do mysterio, apparecido assim, de noite, emquanto o Paraiso dormitava. E atirou-se. Todos nós fazemos mais ou menos como o Pae Veneravel : atiramo-nos. Questão de atavismo egoistico impelindo-nos a desejar mais do que tudo, um osso inutil que a lenda diz ter sido nosso.

D'essa pretensão irracional vem talvez o erro millenar em que laboram os homens, de querer possuir, dominar, satisfazer e conhecer o osso sensivel, a primeira costella do lado do coração. Os erros acumulam-se, a Mulher é cada vez mais a Esphinge que fala, e o homem cada vez mais pretencioso, só lhe atira injustiças. Injustiças de raposa que não alcança as uvas, mas injustiças brutaes que passam por graça e até por galanteria.

Que pensa o homem da mulher? Mal. A alma do povo está no proverbio. Que diz o proverbio picardo?

*Mulher ri quando póde
E chora quando quer.*

E o flamengo?

Tres mulheres valem um mercado.

E o normando?

*De mulher e de cabellos
Sempre ha o que dizer*

E o italiano?

*Desconfia das mulheres más
E não confies das boas.*

E o chinez? Até os chinezes inventaram a celebre phrase: — a mulher tem os cabellos cumpridos e as idéas curtas! para que Alexandre Dumas a empregasse passando por tel-a escripto. Essas vulgaridades do rifão não são ultra-passadas pelas phrases dos reis. Francisco I dizia:

*Souvent femme varie
Bien fol est qui s'y fie.*

uma dessas amargas phrases de despeito que não o lisongeiavam. E Napoleão, que com ellas

foi sempre um brutal por nunca as ter podido vencer, assegurava :

— As mulheres tem uma alma de renda.

O que vem a ser uma alma de fio de seda, de fio de linha, que começa, faz ponto, afrouxa, é relevo aqui, depressão acolá, forma viézes, curvas, flores, bichos, nomes, e que, uma vez acabada, não se sabe por onde acaba nem principia, labyrintho perturbador da sensação...

Quando o homem não diz mal, doutrina — o que é peor. Já um analysta assegurou com grande gravidade o seguinte : « Não ha nessa creatura que parece tão profundamente estudada senão paixão e amor, devotamento ou duplicidade, irresistivel pudor ou indomavel desejo. Mas as virtudes como os vicios ahi se encontram em estado endemico, germens que podem florescer ou perder-se, segundo as circumstancias, os meios, as temperaturas, e o talento do homem encarregado de cultivar-a. » E' o caso de Eva reduzida a um canteiro de sensações, onde ha toda a sorte de estados d'alma, todas as vibrações, todos os arripios phisicos e moraes. A maneira de fazel-a a mãe de Coriolano, Tosca, ou a Margarida do Fausto, entretanto, ainda maior admiração causa porque eu já conheci uma menina que sahindo de Sion — ha muitos annos já se vê! — era perversissima, e um bandido com tres mortes, quarenta roubos e cincoenta e sete entradas na Detenção, que nos dias de visita tinha a chorar nas grades

do seu cubiculo o perfeito amor de uma creança de vinte annos...

Definir a mulher! Mas para que semelhante trabalho, se é impossivel? Jules Laforgue chamava-as de *bebés monstro* : As mulheres fazem-me o effeito de bebés monstro, bebés importantes, monstruosamente desenvolvidos.» Michelet, falando da Revolução tambem mulber, e do Passaro que á mulher emprestou pelo menos o desejo de voar, disse, com o seu incorregivel lyrismo : « a mulher é ou infinitamente superior ou infinitamente inferior ao homem. E' uma lyra mais extensa, mas incompleta — por que as cordas do meio não são fortes. »

Monstros, lyras extensas com as cordas do meio frouxas, cordas cujo som deve ser semelhante ao zumbido das abelhas e aos suspiros das rolas! Para que tudo isso? Ninguem a conhece, ninguem a conhecerá : Errou Chamfort quando asseverava : « Com as mulheres é preciso ou amal-as ou conhecel-as » — porque conhecel-as é amal-as e amal-as é perder o juizo. Errou Michelet, errou Laforgue, erram todos os estupidos rifões, porque jamais poderemos nós decifrar essa sensibilidade aguda, alma felina com garras de féra e velludo nas patas, sentir curioso que perfuma como uma essencia, luz divina cujo calor pode acariciar e póde causar insolações. O homem que se agite conduzido por ella, porque só Proudhon disse realmente

a verdade : a mulher é a desolação do justo.

E foi a mulher que inventou o Flirt! Ah! nós temos uma porção de opiniões a respeito dessa alminha de etagére como diz o reverendo Samuel! Nós nos julgamos immensamente superiores, immensamente protectores, immensamente incomparaveis? E entretanto para conseguir conquistal-a — o que aliás não conseguimos — viramos de senhores em escravos, raivosamente defendemos este posto de servo da gleba mais conhecido pelo euphemismo de chefe de familia, e chegamos ao estado de metal inconsciente attrahido pelo iman. Esse iman é o amor. Será o amor? E' o desejo. O amor é uma loucura transitoria. O desejo é a chamma perenne, a ambição de um complemento que nos falta. Por força de poesia é que o desejo se exaggera na mascarada do amor, e quando o poeta disser :

O amor é a propria vida!

Amor é ver o sól por entre a noite escura

E' soffrer na alegria, é gozar na tortura

E' reunir n'um verso o infinito desejo :

— Viver por um sorriso e morrer por um beijo!

Póde a gente ter a certeza de que o amor é o nome do desejo desesperado.

A mulher aproveitou-o para se libertar de uma escravidão lamentavel. A principio, logo depois da scena de conhecimento absoluto do Paraiso, essa entidade carregava as armas

de guerreiro, accendia o lume, dava cafunés. Era o *chasseur* da taba, o *maître-hotel* e a dama de companhia. Um bello dia mostrou que era incapaz de ser *chasseur* e começou a tornar-se fragil nos gyneceus. A fragilidade accentuou-se a ponto de fazer o homem julgal-a a candura da terra e a fazer torneios com muito sangue por amor da sua bella. Essa attitude resolveu-a ser Musa, a Musa inspiradora, e afinal hoje em que o homem é o servo, é o *chasseur*, e até mesmo a dama de companhia, ella, que é incontentavel, quiz ter todos os direitos e inventou esse brinquedo turturante que todo o mundo chama o « Flirt.

O Flirt! Que é o Flirt? « O Flirt, diz Michel Provins, é o verme que docemente, sem que ninguem o veja entrar, estraga o mais bello fruto. Só se apercebem delle quando o fruto desprendendo-se da arvore, cahe ». Como não lhe bastasse essa viscosa comparação do verme, Provins, cuja vida se tem passado a contar flirts, diz, num horrendo ataque de dyspepsia moral: — o flirt é para as almas *blasés* o que o jantar é para os estomagos actuaes. Incapazes de dirigir os pratos de resistencia, nós saboreiamos os *hors-d'œuvre*, os apimentados e os adocicados.

E' horrivel. Ha peor.

O sabio Dr. Roux no *Instinct d'Amour*, assegura : — o flirt é a conquista amorosa sem

amor, é o desejo de inspirar o amor sem o sentir. No flirt, cada um dos adversarios, sim! é esse o nome que se lhe deve dar! cada um dos adversarios acredita enganar e não engana, não imagina mesmo que o enganado é elle. Ri das palavras que diz e não percebe a ironia das que ouve; pensa quasi sempre ludibriar e é a si mesmo que burla; ri intimamente dos sentimentos que finge e não sente ser apanhado na rêde da comedia. O flirt é a luta amorosa.

É ainda horrivel. Mas, felizmente, encontra a gente opiniões mais suaves. Octavio Uzanne definiu a coisa por grãos, que podiam ser de exame e podiam ser de thermometro, porque afinal nós somos um mundo de thermometros para o sol do amor; um theorista portuguez, dessas coisas futeis com que se tece a gravidade da vida, affirmou: — O flirt é uma palavra ingleza que deriva do francez. Já tem fóros de portugueza: Garret, empregou-a. É como uma batalha de flôres entre pessoas de sexo differente. « É a sombra do amor, é a sombra chinesa do amor... » Bourget, tão lido em 1890, foi tambem avisado: — o flirt é a aquarella do amor...

E aqui parámos todos num subito receio. Será? Será realmente a aquarella? a aquarella ou a sombra chinesa, a sombra chinesa ou o verme, o verme ou a luta?

Oh! não! Deixemos as definições alheias. Ha por abi muito preciosismo e o resto como

dizia Verlaine, é literatura. O flirt é muito grave...

Talvez mais grave do que toda a gente diz. O flirt é o resultado de um estado moral da sociedade inteira, é universal. Flirta-se nas grandes cidades e nas pequenas e mais atrasadas villas, flirta-se subindo o Nilo ou subindo a rua do Ouvidor, flirta-se á beira do Santo Sepulchro como nos kursaals da Suissa flirta-se a todo o proposito, em todos os logares e com todas as idades. Mas, flirta-se porque? Porque o egoismo é maior, porque o esforço para o goso intimo é centuplicado, porque ha uma neurasthenia absoluta com todos os phenomenos de receio, hesitação e inibição do desejo. Essa neurasthenia é de certo o resultado de uma torrencial surmenagem sentimental, de um periodo de romantismo, e de excessiva entrega de almas e de corpos. O homem deseja, mas teme as responsabilidades, a mulher quer, mas recúa diante da responsabilidade e da desillusão. A trahição deixa de ser um acontecimento mortal. Ninguem mais comprehende a quadrinha de Musset :

*Honte à toi qui la première
Mas appris la trahison;
Honte à toi, tu fus la mère
De mes premières douleurs.*

A trahição é um ensinamento na Duvida

perpetua : não ha senhora que queira ser mãe nem mesmo das *premières douleurs*; os grandes sentimentos dissolvem-se; as grandes phrases tomam na conversa proporções de megathériuns assustadores; teme-se o espasmo e o extase, e tem-se o frenesi de os obter. Se o Creador não tivesse feito as coisas cá por baixo menos mal, se a psychologia, depois, não verificasse, que no individuo são independentes da volição e por consequencia do cerebro, as funcções da vida inconsciente, essa vida perigaria de certo. A sociedade só chega ao fim por esquecimento, a sociedade teme, a sociedade não se assusta com o que dizem della, assusta-se por talvez não encontrar o que almeja.

É a neurasthenia. Da neurasthenia resultou a delirante crise de sport, da furia, da força e das velocidades habeis, que actualmente agita o homem. O Flirt é uma consequencia dessa consequencia; — é um sport, é a « cabra cega » do amor, em que o homem tem os olhos vendados, é, plasticamente curioso, porque se faz renovador das attitudes no amor; a espiritualisação *in extremis* dos sentidos, a velha luta entre mulher e homem n'uma parallela em que o encontro infinito está sempre ahí e sempre infinitamente afastado...

Todas as coisas são boas e são más. Ampliando, generalizando, englobando, chega-se

á neurasthenia diffusa como sua origem. Análizando-o apenas, detalhando-lhe a obra, fazendo a anatomia da sua essencia perversa encontramos-lhe uma serie longa de superioridades e de distincções.

A primeira é a differença entre o flirt e o namoro. Namorar é antigo e virtualmente democratico, namorar é deploravel e velho. Já Horacio, o poeta gorducho de Mecenas, dizia : — a pastora forma o beijo para que o pastor o roube. Já todos sabem que, quando julga dar o abraço de posse perpetua, o homem sempre vão e vaidoso murmura : — *meu bem!* o que é o maior dos paradoxos da especie homem desde o Paraizo. O namoro é millenar, mas está para o flirt como uma proporção arithemetica para uma geometrica. Os que namoram são simples, sem espirito e com muita carne; os que flirtam tem espirito quasi tanto quanto carne e ás vezes até mesmo mais. Um rapazola namorador não passa das phrases consagradas, dessas tão velhas que parecem velhas sempre alegres : — Quem me déra ser pedra para a sra. pizar! Ou então : — Sé eu pedir, yayá, você me dá? Os jovens *dernier bateau*, os Priola incipientes, dizem nos salões emquanto as orchestras desfiam valsas enervantes : — Sabe V. Ex. que está allucinadora?... ou então : Que nuca a tua! Um beijo para a minha vida!... O flirt só pertence á nata, ao escól, ao *dessus du panier*, ao pessoal *dernière pétrolette*,

o pessoal que custa a se comprometter, veste bem, cria em torno uma atmosphera de excitantes, e, antes de se entregar completamente, reflete com calma na vida, na carteira de cambio e nas suas consequencias. Nunca passou pela imaginação de ninguem o flirt de um vendedor de balas ou de uma lavadeira. É uma ideia que horripila. Entretanto, ao ver tres ou quatro cavalheiros com quatro ou cinco damas em torno ao samovar de um chá das cinco, ou num baile, entre espaduas nús e peitinhos reluzentes, não ha quem não diga : Nossa Senhora! Que flirtation! Que flirtage! — para ir, invejosamente, fazer o mesmo alli adeante.

No cerebro do homem de sociedade a noção de flirt já se radicou a tal ponto que não ha homem capaz de conversar dez minutos com uma senhora, sem que lhe emprestem ou que elle mesmo não tenha a intenção de aproveitá-los nessa especie de *trottoir roulant* do Amor... Flirta-se como se fuma : é um costume adquirido, é um habito, é um vicio permittido. Seria mesmo reparado que não se flirtasse. O flirt é como o charuto. Fornece a breve illusão no seu leve fumo, faz mal aos que o experimentam pela primeira vez, e, quando se apaga não se torna a accender — porque ninguem accende um charuto apagado como não ha quem o fume todo, com medo á queimadura do labio...

D'ahi outra distincção : a completa amoralidade de que é elle amostra. Nós andamos muito pouco certos da vida para termos tempo de amar com paixão. O amor é uma caldeirada egoistica para vorazes glutões.

O flirt salta do aperitivo ao café da sobremesa e naturalmente é cynico, é canalha, é amoral.

Amoral sim! A moralidade é uma facecia tristonha que cada qual usa conforme entende para atacar o proximo. O flirt é amoral, como o derriço da baixa classe, e essa amoralidade, a completa ignorancia do crime é que salvaguarda o estado das camadas sociaes. Se tirassem uma costureira modesta, que ama o seu rapaz ou mesmo os seus rapazes, para uma festa de caridade ou um baile onde flirtam as *professional beauties* da estação, a costureira achará isso uma pouca vergonha. Em compensação uma grande dama não suportaria nem a vista de um « reconhecimento » de costureiras á sahida do atelier...

O flirt tem além de elegancia e da amoralidade a renovação das expressões nos dialogos e a marca indelevel de ultima obra, de *vient de paraître* da seducção feminina. Que seria Romeu hoje? bem grande cacete. Paulo e Virginia entre as bananeiras da Ilha de França? bem intoleravel aborrecimento. E Hernani? E Othelo? D. Juan mesmo para resistir teve que mudar de nome. Já ninguem namora hoje

encostado a um lampeão defronte da janella da apaixonada, nem ha quem diga a serio: — « Ingrata, se não fores minha não serás de mais ninguem! » Tudo isso passou. Algumas palavras previas antes dos gestos tornaram-se inteiramente inuteis. Quem é capaz de dizer hoje aquelle desejo da velha canção franceza?

*Mets ta main, ta petite main,
Ta main dans la mienne ?*

Péga-se, aperta-se, beija-se e não se diz nada — porque não vale a pena. Em compensação fala-se mal das pessoas ao lado, e discute-se coisas « que não compliquem a existencia ». É nesses momentos que as mulheres põem em evidencia os recursos especiaes do seu estranho genio, sorriem, recostam-se, dão risadinhas, arranjam a pose irresistivel, sacodem uma renda, uma gaze pura que o seu perfume attúe, concedem, concedem até onde querem, são a Tentação lendaria em luta com o tentador, nessa analyse chimica do casamento antes e depois que é o flirt — analyse feita, (como a maioria das analyses dos que não são profissionaes) de sorpresas, ineditismos, coisas vagas, coisas falhas, coisas subitaneas, coisas imprevistas uma palavra que quer perturbar e aclarar, um reativo que tenta o rosa e coagula em verde, um acido posto de mais que solidifica...

O flirt como o automovel, é na nossa sociedade uma necessidade e uma importação. Para os automoveis foram abaixo as barreiras da Alfandega, não houve proteccionismo possível. O flirt nem precisou de pôr abaixo impostos excessivos, entrou como entram as sédas dos grandes costureiros, desembarcando na praia do Russell, de noite, sem que o fisco dêsse pela fraude. De origem ingleza ou americana, via New-York ou via Londres? Ninguém o sabe nem o quiz saber. Se via Londres asseguramos as conveniencias da sua moralidade, do *cant* austero e das austeras *miss* que são governantas. Se via New-York — o seu lado essencialmente pratico. Houve e ha quem assegure que o flirt chega ao Brazil via Pariz, talvez já contrafacção, o que lhe importa uma dose a mais de viciosa elegancia. O caso é que dominou como os automoveis, dominou vertiginosamente, e nós ficamos como todos os paizes sabendo o que é um 40 — cavallos e o que é a curva perigosa dessa esterilisação do amor.

Naturalmente, se formos perguntar a opinião de um senhor idoso, o senhor idoso dirá: « O namoro de hoje é indecente. No meu tempo não era assim ».

É mania dos contemporaneos já em declinio, achar a sociedade de agora muito peor que a do passado. O estado está perdido, o catholicismo já foi o que não é hoje, os preliminares do amor são um escandalo.

Nós temos, entretanto, essas tres coisas heterogeneas, em que assenta a sociedade : o estado, a religião e o amor, recebendo as mesmissimas censuras atravez dos seculos e cada vez mais moraes. O flirt, por exemplo, além de ser uma irresponsavel resultante da nevrose geral, é evidentemente moral em comparação com o que se fez outr'ora.

Ha mesmo coisas de um passado proximo, que arripiariam agora:

No tempo do Rei-Sol, Luiz XIV mandava cartinhas amorosas pelo veneravel Bossuet. A cidade, o paiz, o mundo não tremiriam hoje, se um presidente de Republica escolhesse um simples bispo para esse serviço secreto? Se dissermos a uma grave matrona que respeita Bossuet : a X está flirtando com o joven H : a matrona porá as mãos na cabeça, totalmente escandalizada desse meio directo de aproximação. Devemos censural-a por isso? Não! Ella tambem pintou o sete, se pintar o sete é obedecer ás leis fataes da natureza. Apenas pintou de outra maneira e com outro genero de conducções.

Ha no mundo coisas muito diversas, que teem uma secreta correlação. O amor no Rio, evoluiu com a viação urbana...

No tempo da colonia, por exemplo, os generos de condução eram a cadeirinha e a rêde. Viam-se passar pelo Largo do Paço sujeitos, muito bem deitados n'uma rêde in-

diana, ao trote de dois pobres negros. A cidade tinha um aspecto de Africa do norte, Argel menor, sem francezes domiciliados mas com assaltos de francezes. As casas eram caiadas de branco, sem janellas, apenas com um pequeno postigo; e, quando janellas havia, essas eram gradeadas.

As filhas dos colonisadores eram como os escravos, sua propriedade. Não sabiam ler e passavam o dia a conversar com as mucamas — o que de certo tambem fariam os irmãos e algumas vezes os paes.

Quando o noivo escolhido pelo progenitor indagava :

— Dona, quer casar commigo?

A menina baixava os olhos e respondia :

— Não sei; se papá quizer...

Mas não havia namoro? Ora se havia! Havia sim nas celebres missas da madrugada com cochichos á pia d'agua benta e recadinhos passados atravez das beatas de mantilha. Quando a coisa estava de mais, os paes mandavam as raparigas para o recolhimento do Parto ou de Itapirú — este ultimo tão comico que na época do conde de Rezende lá se deu um escandaloso processo : as meninas namoravam em bando, trepadas ás rotulas do convento, fazendo signaes aos rapazes, no morro do Castello! Essa era a época da rede e da cadeirinha. Foi tambem a época do amor relapso, ignorante e hypocrita.

Com a abertura das portas e a chegada de D. João VI veio a época das seges. As igrejas e o estado forneciam o elemento approximativo, as procissões, as missas, porque havia missa a toda a hora : — a missa das quatro em S. José, a missa das cinco, a missa das sete, a missa das oito e meia, a das nove, a das onze, e até a missa do tiro de peça. O namoro precisou de um sachristão e surgiu o moleque para os recados.

Vieram depois as tres etapas da locomoção democrata : a gondola a secco, o bonde e o electrico. É a sociabilisação do amor, é o interessante e longo namoro da janella e da passagem da condução — tudo quanto ha de lyrico e de idiota. Para esse amorinho fizeram-se graves e profundos livros que os nossos avós, os nossos paes, e talvez os nossos irmãos mais velhos folhearam muita vez com ancia. Um delles foi o tratado da linguagem dos gestos. O cavalheiro, passando de bonde pela casa da namorada, podia fazel-a chorar, rir, cantar, ficar triste, alegrar-se. Para isso bastava fazer um gesto. É assombroso, mas é verdade. Se vinha baforando um grosso charutão, significava apenas : não te dou a minima importancia. Se limpava o suor do rosto : quântos trabalhos me dás! Se passava com a ponta da bengala para o ar — estou de ponta comtigo! Se trazia o braço em decubito : estou com dôr de cotovêlo, isto é com ciumes, com

vontade de quebrar e cara alli ao rival. Se trazia o dedo na frente : as coisas não vão bem! Se coçava o nariz : Lá vem gente!

Acontecia que esses gestos eram ás vezes involuntarios, e d'ahi creanças assustadas quando estavam ardentes, brigadas quando o amor era mais forte. Surgiu a linguagem das flores — para simplificar. Um jardim e alguns movimentos bastavam para falar com uma ligeireza de espantar.

M^{me}. — Charlotte de Latour conta-nos isso quasi emocionada. Um botão de rosa com folhas e espinhos que dizer : temo mas espero. Rejeitado, de pernas para o ar : Pois não tema nem espere. O mesmo botão sem espinhos : Pois acho que tenho tudo a esperar. Reentregue sem folhas : — A temer é que, é. O lirio significava : começo a amar! a tulipa : declaro-me! o myrto : amo-te! o narcizo : que egoista! Como porém a especie, a còr e a posição da flôr influíam -ao mesmo tempo, um cidadão se tivesse na mão a balançar uma flôr vermelha, podia ir a dar pinotes de alegria que a namorada comprehendia immediatamente esta ameaça tremenda : cuidado! estou com vontade de beber-te o sangue!

Foi então que surgiu a carta, a epistola amorosa. Já os bondes chegavam á Real Grandeza... A carta de namoro! Durante annos foi a nevrose das meninas e o microbio dos sonetos. Uma quadrinha d'aquelle tempo diz mesmo :

Uma menina brasileira nata
 Quando apanha uma paixão
 Compra logo uma caixa
 De papel diplomata.

Os namorados também compravam, e a musa urbana que guarda todas as verdades e todos os factos desde a guerra de Troia até a ascensão de um balão esphérico, a musa urbana accrescentava :

Sinhasinha presumida
 Com seu cabello loiro,
 Fica toda delambida
 Com a carta de namoro.

A carta é um genero literario. Os nossos paes deviam ser terrivelmente letrados. Mas não foram. O estylo tropeçava na emoção, e de vez em quando a franqueza era mais forte do que a fantasia. Houve um que terminou a missiva neste grito d'alma :

Deste que de ti se esconde
 Sempre teu e teu Oscar
 Note-Bem : não vou jantar
 Por não ter um nickel p'ro bonde.

E guarda-se mesmo aquelle *post-scriptum* celebre : « Se teu pae ou tua mãe ahí estiverem, não leias esta senão mais tarde. »

— Depois dessa complicação toda, o namorado entrava em casa. Era o ponto terminal, a *chocação*, o momento de recitativo — « Seu

Antenor o sr. recita? — « Um pouquinho. d. Elvira. » — Qual é o seu poeta predilecto? — « Casimiro de Abreu. » — « Tambem é o meu. Foi elle que disse : sympathia é quasi amor!...

Olhares. O namorado tósse, vae para o piano — onde a Dalila soluça. — « *Amor e Medo,* » annuncia, deitando um suspiro :

Quando te fujo e me desvio cauto
 Da luz de fogo que te cerca ó bella
 Comtigo dizes, suspirando amores :
 « Meu Deus! Que gelo! que frieza aquella!
 Como te enganas! meu amor é chamma
 Que se alimenta no voraz segredo...

E seis mezes depois estavam casados — para toda a vida! E anno e meio depois produziam um filho, com promessas de outros exemplares — fechando a vida passional nesse circulo tranquillo de reproducção honesta com baptizados e festas de anniversario! Mizericordia! Como vae longe isso!...

Um bello dia appareceu o Ariés 6o cavallos. Havia aberta a primeira Avenida; os motoristas eram inhabeis, mas o carro partiu varrendo as recordações, deixando o proprio electrico ponto vago numa vaga nuvem de poeira, e surgiu o flirt, o minuto, a sensação rapida, e egoismo, o passeio vertiginoso em torno do perigo... Era a ultima etapa da viação urbana antes da provavel e muito proxima viagem aérea. E' a ultima forma do amor, antes de o vermos definitivamente pelo ares...

Como seria interessante se uma senhora passional se resolvesse a contar as suas impressões masculinas, a rasão das suas predilecções, motivo da *sympathia*!

Só assim talvez tivesse o mundo uma lei *psychologica* para o *homme à femme*, que ás vezes é feio, outras lindo, numas brutaes, noutras assucarado, que surge hercules de feira ou adonis, que póde ser um genio e um crapula e póde ser um estúpido e um ingenuo. O flirte é em grande parte uma consequencia de reflexões da mulher — a mulher que escolhe sempre e sempre tem o que deseja. Os typos brilhantes de tentadores são tidos voluveis e por elles a mulher tem uma irresistivel boa vontade. Mussét, que foi um grande conhecedor do assumpto já o prognosticava e, ainda, ha pouco com perfeição e subtileza o affirmava Anatole France. A mulher deixa-se mais facilmente prender pelo flirte amavel, pela galanteria espiritual, pela cõrte desinvõlta de um cavalheiro menos apaixonado que pela paixão silenciosa, por vezes massadora de um louco adorador. Os satanicos, os ousados triumpharam sempre; Camors, Priola dominam, ao passo que Werther e Lorenzacio andam por ahí a morrer. E porque? sim, porque? Porque a vida é o momento, porque a eternidade só póde ser comprehendida por uma successão de mortes, porque o unico grande sentimento é aquelle que não fatiga, attrahe, esvoaça, foge, reappa-

rece e se perpetua na curiosidade. O flirt resalta dessa theoria tão bem explicada pela nossa veneravel mãe Eva, o ser de adapção que a tudo se amoldou para nos moldar ao seu capricho.

Hão de conhecer aquelle dialogo da « Mulher sem Importancia » de Wilde?

— Vamos tomar chá?

— Gosta então dos prazeres simples?

— Adoro-os. Os prazeres simples são o refugio das almas complexas. Mas se quer, fiquemos aqui. O livro da vida começou com um homem e uma mulher num jardim.

— E acabou com a Revelação... »

Hoje, o livro da vida está muito mais complicado e o amor é um delicado drama musical em que as arias de seducção se complicam de assonancias e de instrumentações rarissimas. O flirt é uma arte de instrumentação de desejos, capaz de agradar a todos os temperamentos, mas, talvez por isso, difficil.

Se o executante fôr falho e não conhecer bem a partitura, é um desastre; se o artista apenas sahido do *Vem cá Bitú...* com um dedo só, arrisca a mão ao excesso de batucar um preludio, tem diante de si o escolho da perdição.

E' preciso saber tocar, hamonisar os temperamentos, afinal-os pela diapasão do mais forte.

O flirt ensina-se pela especie de *firteuses*. Encontramos por exemplo a *firteuse* profissional, uma senhora que tem em geral o vicio

de ver todos os homens a seus pés para metter ferro ás amigas, convencer-se da sua radiosa belleza e prosperar. Orça pelos trinta e tanto e toda a gente a chama : *bella* M^{me}. Gonzaga. Esta dama é vaidosa como uma artista, artificial como um comico, e inteiramente insensivel. Que fazer? Flirtar! Como? O côro de Thanauser, phrases de effeito e de obrigação. Vem em seguida a *flirteuses* ingenua, que faz isso por instincto lançando a isca de casamento um, dois, tres annos, sempre linda, talvez mais linda. Então? Approximação de Lohengrin e uma fuga, uma fuga de Mozart... Mas ha ainda a *flirteuse* estourada que faz tudo por sport e traz atrelladas ao carro pelo menos tres parellhas de gulosos d'amor; a noviça desejosa de conhecer tudo; a romanesca que procura attitudes antigas e treme como deveria tremer uma dama da idade media á declaração do pagem fatal; a ironica envenenada, louca de desejo mas troçando, troçando porque é essa a sua unica defesa; a perversa que só flirta com o cavalleiro alli ao lado para arreliar o marido, o noivo, ou ás mais das vezes a mulher do cavalleiro; a casada que tem obrigações; a divorciada cuja posição é tão delicada na sociedade, a virgem que começa a dar grandes liberdades...

Para a collecção de temperamentos femininos, cada qual a requisitar um estilo de flirt diverso, ha a multiplicidade de typos de homens.

A variedade é ainda maior. Ha o irresistivel, o sujeito de attitudes tremendas que quer, exige; o serviçal, que vae aos recados, trata dos cachorrinhos; o *smart*, devendo ao alfaiate, e sempre preocupado com o vinco da calça, o pollido das unhas, o passo inaugurado no « footing » matinal; o curioso que se intitula modestamente « ledor do coração da mulher »; o diplomata convencido da obrigação de fazer declarações em cada canto do salão; o timido — o flirt é a delicia do timido! — o timido que tendo a certeza de que aquillo é só aquillo, aproveita a occasião e transborda o coração; o brusco que só fala de rowning, touros, automobilismo: o inoffensivo, agua sedativa nos momentos de transição; o pedante que escreve cartões postaes com os versos alheios; o vaidoso convencido de paixões geraes: você já viu o olhar da X? Aquella Lili Perés tem por mim um cahido!... o conhecedor: a mim é que ellas não enganam! sendo enganado a cada passo...

Para a juxta-posição desses temperamentos, para a harmonia do *duo*, que é preciso manobrar com pericia, sem que a dama caia. Desde que se cáe, o flirt deixa de o ser. Flirt é apenas pender. Por isso Stechetti, para acalmar possiveis sustos, escreveu:

*Pieno di scene orrende
Sarebbi il mondo entier*

*Se tutto qu'el che pende
Dovesse, oh Dio! cader...*

Esta é a parte principal do contra ponto amoroso.

E é gravissimo porque, nos climas tropicaes ás vezes não se resiste ao que pende, cáe-se, e o Flirt passa a ser — a miseria de um aperitivo para esfomeados...

Quando já se sabe isso, quando tanto a mulher que domina e o homem que é dominado, sabem os gestos convencionaes, resignam-se á fatalidade da vida preciosa e passam, riem, folgam de accordo sorrindo do proprio mal ao vel-o no casal proximo — ha então a necessidade da pratica, do conhecimento das relações entre os ambientes e os temperamentos. « Nós amamos como vivemos, diz o analysta. A secura, o calculo, o desejo do confortavel eis o mobiliario das almas actuaes. Nasce nesse meio o flirt que dá o prazer sem despeza, um pouco de voluptuosidade sem consequencia, permite dizer tudo sem fazer nada. « Como tal é preciso ter de cór a aria da seducção, aproveitar os momentos definitivos, o baile, o canto junto á janella, as horas, as horas essas terriveis ancillas da vida, que como todos os creados, são ás vezes desagradaveis, as horas que se dominam de tempo em tempo *l'heure du berger* e a hora do *carvoeiro*.

E os dias ? Já um personagem ridiculo de

uma comedia parisiense caricaturou os versos do poeta dizendo que ha um dia no amor azul, outro côr de rosa, outro amarello, e outro que elle chama côr de treva. E a idade? Ha assedio mais sabio que o de um homem de quarenta annos? Ha ataque mais desconcertante que o de uma rapariga de vinte?

Quando se chega a esse conhecimento subtil, só ahi nos apparece, como uma resultante, o dom de agradar.

*Ce don de plaire, en nous plus souhaité
Que n'est l'esprit, plus sur que la beauté.*

E que no seculo xviii era tido em tão boa conta.

A pratica de taes commetimentos deixa naturalmente alguns amargores nos que ensinaram e perderam os discipulos. Mas não se fale em ingratição, Sthendhal dizia que não pode haver ingratição no amor. O prazer de momento paga tudo, até mesmo os sacrificios maiores...

E esse prazer do momento classifica-se, divide-se em classes, subclasses que a pratica esclarece. Ha o flirt de bond, com contactos myste- riosos e phrases breves sem olhares. O maior prazer do amor é tocar, é pegar. Ha o flirt imperativo que começa por odio e que acaba no prazer delicioso de duas carnes que se cor- rês- pondem. Ha o flirt passatempo, quando não se tem que fazer e se espera o outro. A maioria dos flirts é assim, porque a mulher sente a

necessidade da lisonja perpetua e o homem faz da mentira galanteria. Ha o flirt casado. Oh ! esse ! E' possivel esperar tudo ? Ha o flirt solteiro, sem ponto terminal. Ha o flirt continuo, o sujeito que algumas damas trazem como as luvas, sempre, sempre opacos, sempre acidos, sempre tristes. Ha o flirt exasperante, que alguns chamam branco e toma ás vezes a cõr da congestão. Ha o flirt galanteio : — Como está bonita hoje ! — Acha ? — Acho. — E' sempre assim para todas as mulheres. — Se todas as mulheres lembram-me a senhora ! — Diga-me, foi hontem á casa dos Belfort. — Fui, não podia deixar de ir. M^{me}. Belfort estava de velludo preto. Velludo ! Aquelle vestido deve ter a idade do marido. — E porque não a della ? — Porque ella é ainda mais velha do que elle ! — Máu ! — Oh ! esse seu cabello caindo assim na nuca é de enlouquecer. — Porque não enlouquece ? — Para não beijal-a agora, já... — Olha, gente... Toda uma subita cumplicidade de ousadia e de recusa. Ha o flirt má lingua, o flirt inteiramente puro, ella e elle admirando a belleza e procurando o meio de sentil-a ; o flirt polyglotta, denominado por alguns *rasta*, flirt em que elle estudou na Austria, na Suissa ou na Inglaterra, e ella por lá passeiou depois de ter cursado com brilho Sion, a classe grenat, a classe salmon, a classe beije, todas as classes, *toute la lyre* do estudo. Ha o flirt outonal, o ultimo flirt da idade de amar já sem reflexão, o

flirt de « Maman Colibri » dos quarenta annos loucos da paixão... E ha até, ó velhos deuses do Prazer e do Amor — o cume da montanha, o pico do desvairamento, o flirt quasi deixando de ser flirt.

Toda a gente sabe que o prazer é uma impressão phisica diffusa. Ao receber uma boa noticia a circulação accelera-se ; quando se ouve musica, um maxixe ou um nocturno de Chopin o nosso phisico acompanha a emoção da onda sonora. O flirt é uma estranha musica. Quando chega ao cume ha uma fermata tremenda. A vibração dos instrumentos faz gemer o ambiente num derradeiro soluço. O polo negativo e o polo positivo obedecem á attracção. Cada gesto é um assombro, cada olhar um extase. Outro mundo — accorde final.

E' a catastrophe. E, neste caso, o flirt estala, lyra branda e delicada para ter por muito tempo as cordas tendidas num tão furioso arranco...

O flirt, porém, não é só um renovamento das attitudes do amor, o resultado da nevrose moderna, a ultima etapa da seducção da Mulher.

O flirt é tambem entre nós um reformador de costumes e o propulsor de uma literatura nova. Ao amor antigo, na nossa terra, ainda colonia mental, bastava uma janella e um piano. O amor actual, super-intellectual mesmo quando praticado pelos que o são

menos, trouxe da Inglaterra a necessidade do comfortable, das avenidas de New-York a necessidade de espantar, de Paris o que nós, banalmente, chamamos o chic. As habitações antigas tinham tudo, menos o senso decôrativo interno; e as casas de muito luxo, os *at-home* da gente fina lembravam um sonho *rocaille* com elephantiasis. No começo da Republica ainda era peor, e a falta de gosto de Ensilhamento, a estridencia espalhafatosa dos barbaros avidos de gosos brutaes não podia ser se não o que foi: uma crise feroz de papel dinheiro e fartura de philistheus. O flirt, instinctivamente e quasi de subito, ensinou o encanto de fazer de uma casa a muldura relevo da mulher. Dantes havia a pobre baroneza, que aturava as recepções do marido ministro, fazia doces e conversava costuras. Hoje ha um ser perturbador, que para ser totalmente admirado, provoca um sentimento independente da posição do marido ou do pae. Ha as recepções de madame, vae-se ao chá de madame — e o marido na sua casa, onde ha trinta annos só se entrava quando elle lá estava — passa á segunda ordem e chega ás vezes a passar despercebido. D'ahi os serviços leves de jantar guiados por chefes vindos de França; d'ahi esses capitosos salões, onde madame recebe os intimos, entre *bergères* estranhas e divans feitos para o effeito dos longos *tea-gowns*; d'ahi as coisas de elegancia que aguçam o instincto

do vaporoso, do raro, do precioso ; d'ahi o renovamento da decoração interna.

Por outro lado, o homem anterior ao Flirt, se pertencia á perigosa classe dos intellectuaes, usava umas cabelleiras selvagens e umas roupas feias ; se era normal, concertava mais a pastinha durante o namoro, punha uma flôr ao peito, e tinha no maximo tres fatiotas. A elegancia masculina era uma hyperbole violenta, ignorada pelo estranho e usual conjuncto da calça de brim branco, do frack preto, da cartolla e da bota de verniz. O homem tinha a pretensão insolente de ser homem, o macho pae de familia, superior á mulher, senhor da mulher, que a tomava para seu goso, seu brinquedo, a mãe dos seus filhos e a primeira das suas criadas. O homem era estupidamente fatuo, mais do que sempre. Hoje, chegou á convicção do que o amor não é contracto de arrendamento de uma casa, de que é preciso conquistar todos os dias o que conquistou no primeiro, tendo ao lado a concurrencia, senão legal, pelo menos humana, de uma turba de adoradores.

A mulher é o sól ; os homens giram-lhe como loucos em torno, esmolando o calor que fecunda, que faz viver e que mata. Conscio da sua fraqueza, o homem perdeu a confiança no proprio phisico, voltou-se para o espelho limou, as phrases e limou as unhas, inventou laços de gravata e sorrisos gentis. O dandysmo é o egoistico desejo de agradar. O dandy

vive do flirt como o gyrasol de um raio solar.

E não ficou só ahí, na transformação dos moldes decorativos das casas, na transformação do homem, na extincção do preconceito que não admittia uma conversa mais longa entre uma senhora e um homem, sem o cochicho, a calumnia, a sóva do páe, a raiva do irmão e o ciume do marido! O flirt renovou a literatura e as preferencias artisticas. Em toda a parte do mundo desde a India, a literatura guarda as feições do amor. Com a Arte de Amar de Vatsyayana, os poetas fesceninos da Grecia, os depravados poetas latinos, os romances da cavallaria, os alambicados escriptores do XVIII seculo e o romance moderno, estuda-se a evolução do Amor. Menos que isto. Basta consultar os livros sagrados do *Kama Sutra* ao *Korão*.

Aqui, porém, já lá fóra havia Bourget e Hervieu, nós ainda estavamos fataes, correndo atrás da *Moreninha*, dando passeios de barca com o *Moço Louro*, tendo por ideal a *Iracema*, ou o *Guarany*, onde, como se sabe, um indio de tanga, pegador de tigres, tem o exotismo de amar uma pequena denominada Cecy... Se a prosa era assim, o verso redobrava de cabelleira e de fatalismo chorão. Tudo quanto nos delicia, encanta e alegre, tudo quanto nos dá o prazer de viver, era para os poetas motivo de horror; e não houve um só que não crimi-nasse a valsa, o baile, as festas. Quando já se

fallava em Nietzsche, nos super-homens, nas complicações do *Cœur de femme*, ainda a poesia tremia indignada.

Hontem no baile...

O flirt renovou tudo isso, — porque a mulher o quiz e o que quer a mulher quer Deus...

O Flirt corresponde a electricidade, e a rapidez contemporaneas, e literariamente assim como o romance correspondia á fatal paixão — hoje reflecte o unico genero de literatura lido — a chronica.

Depois — Se pensarmos bem, tudo hoje na terra é flirt. Desarticulae a palavra, vêde o sentimento que a compoz. Flirt é na sua essencia o sonho acariciador do ser actual querendo e hesitando realizar uma acção futura. Em flirt constante vive a nossa alma, flirt dos contemplativos, flirt dos neurasthenicos, flirt mesmo dos que se julgam fortes. Querer e não ter coragem de se apossar por inteiro, é bem a nossa alma febril, excitada, nervosa. Tentar quasi entregar-se, ter um pouco mais de coragem que não basta, viver na eterna vibração das sensações por conhecer, é bem a alma da mysteriosa mulher de hoje. Sim! Tudo é flirt! E' um *flirteur* o poeta, é um *flirteur* o bolsista, é um *flirteur* o *clubman* no eterno namoro da Sorte, a unica deusa que nos resta do esfarelamento total dos deuses! Quem sabe se o Flirt, tão agudamente moderno, ultimo meio

de aproximação do Homem e da Mulher não é a crise da Revelação? Quem sabe se inconsciente, o homem não vê nessa transformação a mulher, afinal livre de todos os preconceitos que a escravizavam e a humilhavam? Quem sabe se a mulher agindo pela frivolidade para conquistar as grandes cousas, não tenta o derradeiro esforço para ser a companheira igual, o symbolo da Perfeição, ella que foi o symbolo da Belleza em Venus, surgindo da espuma oceanica, o symbolo da abundancia em Isis chorando o Nilo, o symbolo da Castidade, em Maria, Nossa Senhora? Talvez!

Neste grande momento, entre gazes e sedas, ella é a Seducção, a Seducção irresistivel, que faz transpor mares e montes, que arrasou Troya, que transforma o orbe; neste momento, a Seducção creou o Flirt, palavra de seda que parece um ruflo d'azas e que exala todo um enebriante perfume. O homem agita-se. A mulher o guia.

Sigamol-a nessa delicia perturbadora, ó homens mortaes e fracos, porque no seu sorriso divino que perdeu Adão e nos salva a nós, o flirt é talvez o desabrochar da perfeição!...

Mas talvez tenha eu dito muito. Exagero. O arrebatamento, a generalisação surgem do muito pensar nas permissões do interessante-prazer.

Que importa ? O exagero é sempre perdoavel quando é dedutivo.

Flirt ? Palavra com que se denomina uma especie estranha da approximação. Máo ? E' tão facil atacal-o ! Bom ? E' tão facil defendel-o...

Que importa a definição se tú o gozas ? Já Gœthe dizia : « Se com este sentimento tú és feliz, chamal-o como entenderes : felicidade, coração, amor. Deus ! »

A DELICIA DE MENTIR

A DELICIA DE MENTIR

Foi com surpresa que abrimos o testamento do homem interessante, dias antes ainda sorridente e alegre. Nenhum de nós sentira a sua morte nem jamais pensara em julgal-o um philosopho. Ao sabermos, porém, que nos deixara depositarios das suas ultimas ideas, á ausencia de opiniões succedeu lisongeiro juizo. Um de nós foi de preto ao tabellião.

Outro exclamou :

— Cá estou a cumprir a ultima vontade d'aquelle poderoso cerebro !

Os quatro esperavamos febris a abertura solemne. O tabellião sorria tristemente quando a procedeu, e ao tomar do papel disse :

— Era um espirito exotico o vosso amigo.

Era-o de facto. O testamento dizia : « Deixo toda a minha fortuna a instituições de caridade, cuja lista se acha, com as respectivas sommas, em mãos do testamenteiro. Deixo porque ellas são o expoente sentimental da mentira social.

Deixo metade da minha fortuna a quem ficar provado nunca tiver mentido ou dissimulado. E deixo tambem os juroz desse dinheiro, por que ainda está para nascer o homem sem mentira. Deixo aos cavalheiros esperançados presentes a esta leitura, o segredo de vencer na vida pelas suas quatro artes capitaes : — a arte de engrossar, a arte de jornal, a arte de parecer, a arte de amar. Estas quatro artes são desdobramentos do factor basico da vida que é a mentira. Todos mentem. A vida é mentira. Saibam mentir sempre com intelligencia, façam de mentir uma delicia e terão a felicidade. Com a transmissão desse segredo julgo dar-lhes mais que se lhes désse todo dinheiro ganho a fazer da mentira uma delicia ».

O tabelião ficára serio ao terminar a breve leitura. Os trez cavalheiros sorriam amarellos. Houve um mesmo — o que minutos antes considerara o defunto « poderoso cerebro », — com a coragem de exclamar :

— Pilheria de máu gosto! Velha e de máu gosto!

Eu achei-a interessante não porque fosse nova — não ha nada de novo no mundo — mas porque desbastara com simplicidade um erro que acompanha o homem desde o tempo do diplodocus. E o erro é considerar as diversas etapas da mesma mentira, mentira social, mentira illusão, mentira ideal como conquistas da verdade, coisa inaccessible inventada para nos

dar que fazer e cançar as gerações em corridas vertiginosas.

Atravez das epocas, que encontramos nós? Illusão, mentira, chimera, ideal. Atravez dos homens, que vemos? Egoismo, vaidade, ambição, mentira, illusão. Um espirito vulgar como o dr. Max Nordau, um desses espiritos que acreditam ter encontrado a verdade quando affirmam aberta uma porta que viram aberta, fica encolerizado e escreve um livro capaz de agradar os seus irmãos, intitulado as mentiras de todo dia mentiras convencionaes, e rugindo contra ellas com uma coragem de mentir verdadeiramente escandalosa. Um espirito intelligente que estude a vida pelo prazer de a estudar, ajusta os factos, tira illações, sorri, e aproveita o que não póde evitar como um prazer e uma delicia. Protestar é estar contrariado. Concordar é sempre aproveitar. A vida é mentir aos outros e a si mesmo, a vida do homem é de tal forma a mentira que o homem é o unico animal capaz de corar na superficie da terra. Andamos de engano em engano, de illusão em illusão, de mentira em mentira. O humourista americano acabou por dizer: « Quem vive o bastante para saber o que é a vida comprehende o reconhecimento que devemos ter ao nosso primeiro pae Adão: — foi elle quem introduziu a morte no mundo...

Introduziu por engano, comendo com Eva a melhor maçã. Antes, segundo o verso de

Sully Prudhomme já arranjava coisas para cobrir a nudez e assim mais poder gozal-a.

*Le seul des animaux qui se soit fait des voiles
Pour jouir de la nudité...*

Queremos a justiça, a bondade, a honra, a integridade, para mascarar e ergastular instintos. Os prazeres estão presos religiosamente nos peccados capitaes e nos dez mandamentos. E queremos principalmente a verdade.

— Pela minha honra, juro falar a verdade!

Que verdade? Qual d'ellas? Onde? Mas é possível ter certeza d'aquella verdade, se a propria natureza é uma colossal *truquage*? Mas que é verdade?

O nosso primeiro balbucio é mentira porque é ignorancia innocente. Uma creança tem do mundo idéa errada ao entrar nelle. Que fazem os homens grandes? Dão-lhe com o melhor sentimento varias mentiras. Se o menino chorar vem ahi a velha da floresta para comel-o de espeto, se o menino teimar o sacy está atraz da porta, e no dia de Natal é o sr Noel que lhe traz brinquedos. Se nasce outro petiz, o pác apressa-se em dizer.

— Menino, vem ahi um irmãosinho para você. Foi Papá do Céu que o mandou na cesta das compras.

São mentiras puras, mentiras para conservar imaculas as almas dos anjos. Apenas não deixam

de ser mentira e não conservam nada immaculas as ditas almas porque sendo a mentira o engodo do instincto curiosidade e sendo a curiosidade insaciavel, a curiosidade continúa a querer mais mentiras e surgem as outras depois...

Feita a iniciação, nós mesmo em creanças começamos a mentir por conta propria para evitar ralhos, castigos, para inconscientemente gozar o que ficou combinado ser o mal. Os meninos no collegio mentem ao professor para escapar a penas, mentem aos collegas para ter importancia. Não ha, nos collegios, um rapaz ou uma rapariga, cujo páe não seja um personagem de primeira ordem. A vaidade, que é uma mentira, desabrocha na alma infantil. Quando se chega a homem ou a mulher (o que é muitissimo peor porque a mulher é mentira desde a sua origem) a mentira é a base dupla da vida como utilidade. Platão disse que as ficções mais bellas são as mais perigosas. Diderot escreveu: « Não se mente, quando não se tem a pretensão de occupar o proximo ».

Armado dessas mentiras capitaes, o homem surge na sociedade e começa a mentir mais. Mente no amor, mente em negocios, mente para subir, mente para se segurar. O salva vidas da politica é a mentira. O esteio do amor é a mentira. A base da prosperidade é a mentira. E só uma coisa vence a mentira : — uma mentira maior.

E' a mentira util, a mentira organica, a men-

tira social. Dentro dessas é que ha as mentiras infantis, os exaggeros, que a sociedade augmenta para fingir que só elles são mentiras.

A patria de D. Quixote tem o andaluz das anedoctas, homem capaz de fazer a namorada passar pela chuva sem guarda chuva e sem se molhar, porque della a livrava elle combatendo os pingos d'agua com o seu espadim. A França tem Tartarin. E os paizes de grandes ideaes ou de grandes esperanças, mentiras bellas ou horri-veis, guardam sempre as mentiras das anedoctas como uma valvula de segurança. Nós, por povo joven e esperançoso somos como toda a America, os exaggerados, os bluffistas ingenuos.

Qualquer cousa que o brasileiro consegue fazer é, principalmente para elle, o motivo de uma grande admiração. Exaggera então o applauso e perde-se de tal forma em palmas e na propria idolatria, que esquece de continuar e deixa tudo em meio. D'ahi a desproporeção o lado nevralgico de exaggero, a falha, e dahi essa outra terra que nós inventamos por ter aberto quatro ou cinco avenidas e estendido o asphalto em meia duzias de praças. Não ha verdade. Eu abro os jornaes da manhã como leio o « humour » do Swifft ou de Jerome K. Jerome...

Nós mentimos pensando fazer a verdade. E' o maior erro da Veneravel Impostura. Achamos um mal o supremo bem, a unica razão de ser do homem. Evidentemente, não falo de mentira no sentido estreitamente theo-

logico, nem no sentido dictionario, nem como se conversasse com as creanças com a nobre illusão de fazel-as legislativamente Moraes. Falo da grande mentira que é o sangue da vida, a Mentira com todos os seus synonymos de illusão ideal, hypocrisia, invencão, simulação, dissimulação, fingimento, disfarce, engano, mentirinhas, mentirolas, petas, patranhas. Mentira vem da palavra *mens* que significa alma; ideal do grego *eidô* que significa eu vejo. Ora o mundo não passa de um resultado de gymnastica psychica, de um phenomeno de auto suggestão do homem. A terra tal qual a vemos é a primeira mentira, a mentira inicial. Tudo o mais é um resultado ou de illusão ou de imaginação. O padre Vieira andou muito bem quando disse : « No arco da velha não ha côres senão enganos corados, illusões da vista. » Em tudo ha apenas illusões dos sentidos formando a idéa. O receio da sempre desagradavel natureza fez-nos inventar os deuzes. *Primus in orbe Deus fecit timor*. Nosso Pae Veneravel vendo que havia coisas não por elle creadas, antes da descida da arvore, tratou de inventar os autores dessas coisas, á sua imagem. E depois foi inventando, inventando, criando, enganando-se, simulando, fingindo na obra de aperfeiçoamento e de sociabilidade que é a democratisação da mentira, a ponto de estabelecer a differença da verdade e da mentira, que em ultima analyse não passa da illusão primeira do principio do

bem e do mal : o bem agradavel, o mal que encommoda, o bem luz, o mal treva. O homem pensava, e mais do que isso, falava, conseguira resumir num certo numero de palavras as suas idéas. A palavra ! *La parole a été donnée à l'homme pour déguiser sa pensée.* E nós tivemos as religiões mais ou menos parecidas, pelas quaes os homens se bateram com a illusão da victoria, e a terra foi povoada de deuzes, ás vezes com o mesmo nome e de formas diversas, d'outras com a mesma fisionomia mas qualificativos differentes. E depois, cansados dos deuzes, os homens quizeram interpretar a natureza e vieram os systemas philosophicos. E depois os homens, levados pelo instincto quizeram dominar o mundo e vieram as descobertas scientificas. E depois os homens quizeram o conforto de imperar individualmente e veio a liberdade e o accordo da sociedade moderna. A base da vida é um inconsciente egoismo insaciavel, e egoistas temos o sentimento da preservaçào e o instincto da luta.

Hoje, o homem civilisado é o animal mais couraçado de mentiras do orbe. Tem em primeiro lugar a mentira religiosa. Pensa ou finge acreditar numa certa verdade religiosa inventada por elle, julgando ignorantes ou devassos os que acreditam em outras, e sendo emfim, com mais illusão e mais palavras no fundo o mesmo fetiche da luz e da treva, supersticioso da sorte e do caiporismo. Essa mentira é forrada

de ingenua quando não infernal hypocrisia. As meninas vão a missa namorar convencidas de que são tementes a Deus. Os homens respeitam Deus — porque uma sociedade sem religião não existe. Um cavalheiro já disse que a profissão de Deus é a menos desacreditada do mundo. Deus é ao menos o mais antigo monarcha da terra, porque é o unico que reina mas não governa. Vem depois as mentiras philosophicas e as mentiras scientificas. Ha moda em philosophia. De seis em seis mezes apparece uma nova interpretação do futuro, o sonho do porvir.

Em seguida, com o codigo, as leis, o direito e as palavras preñhes de significação vaga, — os preconceitos da moral. Como são preconceitos particularmente tratamos de illudil-os. Um philosopho escreveu : — « Se o mundo muda porque ficaremos nós presos ? E, entretanto, a nossa moral acha qualidades essenciaes : a constancia, a fidelidade. A nossa maior mentira é a fé na duração de qualquer coisa, do prazer ou da dôr, do bem ou do mal. »

Nada de proporção. Si gostamos de uma actriz atiramos-lhes com os chapéos e os casacos, esperamol-a na rua e puxamos-lhe o carro cavallarmente até ao hotel, quando não lhes fazemos uma « marche aux flambeaux ».

Vae-se a uma desoladora festa popular. No outro dia os jornaes asseguram que a festa foi um deslumbramento, com duzentas mil pessoas e uma passeata feerica. Acredita a gente nas

maravilhas do curso e segue para as quartas da moda. Ha vinte carros e dez ou quinze automoveis correndo com medo do deserto num grupinho assustado pela vastidão da Beira-Mar. Lê-se a descrição de um dia de Ouvidor, com « toilettes » espantosas. Engano ! Os vestidos são os mais modestos e repetidos. A fantasia é dos chronistas com o auxilio tecnico das costureiras para a organização do « bluff » ! Vai-se a uma festa de caridade. O dinheiro é mingoadissimo, a concurrencia ainda mais. No dia seguinte os papeis impressos asseguram tanta cousa que a gente duvida de lá ter estado. E é em tudo a mesma cousa ! Na manifestação aos heróes, na comprehensão do que dizem os outros de nós, no commercio, na literatura, nos lares...

E entretanto se dissermos a um cavalheiro :
— Você é um grande mentiroso. Você não fez outra coisa na sua vida senão mentir !

O cavalheiro, no minimo bradará :
— Grosseirão !

E, entretanto, se dissermos a uma senhora :
— Você é mentira da cabeça aos pés !

Estaremos perdidos porque a mentira se volta contra nós.

E, entretanto se dissermos a um sacerdote :
— Afora as pequenas mentiras que vocês chamam restricção mental, tudo é mentira.

Elle nos excommungará. E é a unica possivel verdade jamais dita. Os senhores sorriem ?

Mas sim ! Vejamos por exemplo, o amor. O amor é um sentimento desaparecido sob um amontoado de falsas comparações, ideaes absurdos, psychologias fantasistas e muita extravagancia literaria. Da idéa do amor em si, desvirtuada pelo hypocrisia desde o advento do catholicismo ás illusões finaes, a mentira, ora fantasia, ora sonho, ora pezadello, ora vaidade, ora maledicencia, ora grosseiro engano vive e rutila. O pequeno deus — e foram os gregos que o fizeram eterna creança, filho da belleza e da guerra — sorri ingenua e ferozmente envolto na chamma da mentira.

Que é o amor, no basileo como no escravo, na imperatriz como na ansilla ? O desejo de dominar, de mandar, de vencer, o egoismo do gorilla feroz e lubrico, que o grave Taine dizia existir na alma de todos nós. Um poeta da nova geração portugueza já o definiu.

Assim fallou o coração humano,
Numa voz de pezar inconsolavel :
« Chamam-me barro vil e miseravel,
E todavia eu sou um oceano...
Sou o mar tormentoso e formidavel,
E sobre mim navega a todo o panno
Uma sinistra frota, a do tyranno
E velho rei Desejo, o Insaciavel...
Porém, na minha treva ha um luar
— O amor, a linda perola encantada...
Mergulhadores, vinde-me explorar...
Embora ! Nunca a roubareis do abysmo,
Que a perola do amor vive agarrada
A' rocha indissoluel do Egoismo... »

Os temperamentos não poeticos estão porém compenetrados — e talvez seja illusão ! — que o luar visto pelo artista é apenas a irradiação astral da divina mentira. Ha um musculo que bate só para si, sabendo que se deixar de bater só para si, morrerá. E mais nada ha senão a nossa incorrigivel fantasia hypocritamente mentindo. Desde o primeiro instante do amor começamos a mentir. Não ha amor sem mentira. A mentira é a arma. O carcaz de Eros é guarnecido de frechas de artimanhas. O amor é a meta pela illusão de uma victoria, que realmente não existe e não existirá nunca. Ouçam as mulheres a sós, juntas para as verem mentir vertiginosamente, ou sem companhia. Tem todas a noção embora vaga que o homem é o inimigo rebelde e que é preciso dominal-o. Conversem com os homens em reunião para os ouvir mentir com descaro ou mettam-se no cerebro de qualquer d'elles. A noção unica é a seguinte : a mulher é um bichinho inferior que estamos certos de dominar.

E na tremenda e encarniçada guerrilha, homem e mulher usam de todas as armas.

A primeira é a poesia, a frase vã. O cavalleiro ama e immediatamente passa a montar no ideal, para mais facilmente enganar a conquista. Vem a carta, vem o verso, vem as afflicções fingidas, vem as comparações delirantes. A literatura está cheia de senhoras que alliam um olhar de gazella a um pescoço de cysne,

ao passo heraldico, ao collo de garça e ás mãos de madona ou de chrysantemos. Diariamente, do sujeito mais humilde ao cidadão mais importante, essas frases são repetidas inexoravelmente a damas de toda a especie. Com uma fatuidade sem limite e uma credence quasi nesca nos seus effeitos, o velho homem, desde que soube escrever, escreveu e ainda neste momento talvez milhões do homens escrevam : — « Quizera ser a areia que pizas, para beijar-te as plantas, minha esperanza e meu fanal. » « Sonhei comtigo e accordei soluçando. » Ainda choro. Quando cessará esta minha desgraça ? » Depois o velho homem borrifa d'agua, como a amante da Bovary, a carta soluçante e murmura : — não resiste, é minha !

Em compensação com igual fatuidade, a velha mulher — se é que a mulher póde ser velha mesma no sentido da humanidade — lê, sorri, quando acontece a calamidade de ser literata escreve tambem : sou tua, inteiramente tua, vem meu querido... E sorrindo pensa : « peguei-o ! este é o mesmo meu ». O millenar sentimento é o mesmo seja qual fôr a posição social do par. Enganam-se para reciprocamente dominar. Ai d'o que, levado pela mentira da illusão, acreditar e deixar de sorrir. A mentira mostra o campo vasto dos que nella não tiveram fé, e nesse campo vasto todos os soffrimentos, todas as desgraças que atormentam os fatuos da sinceridade.

Mas o amor é uma luta sem treguas. Ganha a primeira batalha, em que ambos acreditam ter vencido, vem a extraordinaria campanha da conservação. Não ha rei, nem mesmo presidente da Republica que abandone de boa vontade o poder. E então surge uma outra grande palavra de duas faces : a fidelidade. A felicidade repouza no seguinte principio : elle acredita que ella lhe é fiel e está convencida da fidelidade d'elle. Ella acredita que elle lhe é fiel e está convencido da fidelidade d'ella. Em geral elle com ambições imperialistas, mas como a Allemanha, o Japão e os Estados Unidos, expansionista, multiplica as conquistas e engana a todas. A mentira é de tal modo visceral que a maioria dos homens se julga sem amor, se a mulher não desconfia. Nada mais humilhante do que a confiança absoluta. E é no amor que inconscientemente o homem sente a diabolica delicia de mentir. O homem e a mulher.

Ha mentiras inteligentes e mentiras idiotas. No caso agradam até mais as idiotas, os grossos enganos.

Entre noivo e noiva ha a mentira agua com assucar. Entre amantes, principalmente para o fim, a mentira vinagre. Entre marido e mulher, a mentira chega a farça.

O marido é o sujeito que affirma. Está nisso a sua salvação. E' sabida a historia d'aquelle marido que appareceu em casa pela madrugada, sem a camisa, e sem o relógio.

— Que é do relógio ?

— E' verdade, roubaram-me. Sem relógio :
Quem seria ?

— Que é da camisa ?

— E' verdade, mas que graça ! Os ladrões
também roubaram-me a camisa !

O homem afirma. Affirmar é parecer. Chateaubriand disse que toda mentira repetida acaba sendo verdade. No fim da noite talvez a esposa acreditasse.

O amor, como todas as outras coisas, parece muito mais do que é no fjord da vida.

Os sacerdotes egypcios apresentam ás pessoas que entram nos templos, uma roda, que fazem girar com muita velocidade, e um ramo de rosas. Isto só vale uma longa e energica lição de moral. A roda é o emblema da instabilidade das cousas humanas e da rapidez com que foge a vida. As rosas representam os prazeres e honras do mundo, como as flores, attrahindo os sentidos pela belleza e pelo aroma, ao mesmo tempo que escondendo o agudo espinho.

Já um poeta, Maurice Magre, lamentava a fadiga que no amor causam os virtuosos e dizia das mulheres :

*J'ai peur de celle-là qui n'a jamais menti.
Elle peut être indifférente, étant fidèle...
L'amour est trop souvent par la vertu trahi,
Et la femme qui ment est toujours la plus belle.*

No amor, tudo é instabilidade e illusão. Só.

acredita no amor eterno quem nunca amou. É o amor platonico, — copo d'agua sem agua, e o amor ardente, copo de agua ardente ingleza, e o amor romantico — refresco de orchata com gotas de absintho — e o amor carnal, — beef a portugueza, e o amor mundano, — *éclair*s de confeitaria, e o amor ingenuo, — arroz doce sem canella, e o amor viciado, são afinal a mesma forma de illusão em que nos enganamos uns aos outros nos enganando a nós mesmos. Por isso do amor eu gosto de ouvir os homens e de ver as mulheres. Os homens, os menos fanfarrões os mais discretos ainda assim mentem sempre e deixam transparecer que elle fez mais do que poderia ter feito. As mulheres vão como pequenas mentiras deliciosas. As mulheres são as urnas da suprema illusão.

Acredito cegamente no que as mulheres me dizem. Um philosopho meu amigo confessava-me : A mulher não é nunca o que parece. É sempre outra. Brinca de esconder com ella mesmo. E trouxe com outros esse habito do paraizo. Mas é o unico brinco resistente na grande mentira creada pela imaginação do gorilla vaidoso... De resto não ha ninguem no mundo, de tal forma está infiltrada a mentira que não estremeça e não tema, se alguem lhe diz a queima-roupa : — Sei tudo ! É excusado mentir !

Como a funcção parece indispensavel, o amor é uma base de interesse formidavel. O que se

consegue fingindo amor e acreditando no amor! Pelo menos metade da obra de belleza e de progresso realisada pela especie é devida ao engano das mulheres. E não se diga que é civilisação. Tanto as mulheres das cidades como as selvagens tem os mesmos processos. Guardo religiosamente as observações de um viajante sobre uma aldeiola da Africa. Esse viajante coordenou as respostas das negras de tanga, quando os rapazes se permittiam fazer-lhe offercimentos. No primeiro instante a negra fica seria e responde, seguindo o seu caminho:

— Não vou nisso. Por quem me toma?

Depois, mais longe, se não a acompanham, volta-se, sorri:

— E se eu fosse, que é que me dava?

Mas o amor e deus — a reproducção e a origem, são dois elementos de fundamental agitação da alma humana. O homem, sem ter nada de positivo a respeito, nem de um nem de outro entra na sociedade e cria a civilisação e a moral de accordo com o que resolveu achar bom para precisamente quasi nunca o praticar. Nitzche dizia que a moral é o medo do visinho. Não. A moral é aquillo que desejamos respeitada pelos outros. E d'ahi nas sociedades constituídas a mentira como a baze da vida. Um povo civilisa-se a proporção que sabe mentir mais e melhor. Uma sociedade realmente culta, a ver-

dade, isto é, a mentira ao alcance transitorio dos estúpidos é considerada uma perigosa offensa. Só a mentira irradia. Vejam o código, a moral. A moral legislativa é uma especie de aperitivo prohibitorio, um *piment*. Deseja-se honradez. Os maiores patifes são os que mais prégam honradez. Deseja-se pureza. As creaturas menos regulares são as que mais prégam honestidade. Os maiores viciados são os que mais se interessam pela extincção do vicio e pela honra alheia. Quando um homem começa a falar de moral de outro, podeis ter a certeza de que secretamente e mesmo até um pouco publicamente esse sujeito é capaz de todas as ignominias, desde o *chantage* até o crime covarde contra o proprio brio, inexistente aliás ou contra a vida alheia. A maioria dos pré-gadores de moral tem vergonha da honestidade daquelles de que atacam a moral. E eu que conheço muita gente e a vida de muita gente, tenho uma colleccção colossal de exemplos: os maiores crapulas são os que mais vicios encontram na gente honesta.

E haverá o typo intangivel do honesto? E sabemos nós o que é, exactamente, a completa honestidade? Ha magistrados muito sérios e integros, que jogam o dado. O dado é um jogo prohibido. O jogo prohibido é considerado um vicio. O vicio é um crime contra a policia de costumes. Os costumes são intangiveis. O magistrado é o seu defensor. E porque é o dado prohibido?... Ha homens cuja vida é um mo-

delo de moral e que, entretanto, se deixam enganar e cada vez mais amam. E' uma vergonha, é uma ignominia. Porque, porém, é uma vergonha? E ha tambem creaturas que nem jogam, nem amam, mas roubam, vendem-se, commettam torpezas de toda a ordem e erigem-se em juizes do proximo e são os exemplos da moral.

Tudo é tão vago, tão indeciso, tão encantadoramente ignobil, tão estupidamente immoral na grande e immaculada Moral! Os exemplos não falham. O jogo é um vicio; o codigo pune o jogador. Toda a sociedade joga. A gente elegante, vivendo com tempo para negociatas e invenções de jogos, essa é professora. Os meninos, dos dez annos em deante, sabem mais jogos que os garotos da rua. Guardo de uma estadia em Therezopolis, onde alguns filhos-familia se complicavam dia e noite em jogatinas, a phrase de um garoto de quem eu admirava o saber no bridge.

— O senhor admira-se? Já sei quarenta qualidades de jogo.

E sabia, ensinado pelo pae, que curava a propria neurasthenia com tal distracção.

De resto, em toda parte do mundo é assim, apenas com maior liberdade e sem essa irritante hypocrisia. Que differença ha entre as grandes e loucas apostas dos grandes dias do Steeple, dos Drags e do Grand Prix em Paris e o movimento da casa das poules dos premios dos nossos prados? No ponto de vista vicio, apenas o das

sommas. Que differença ha entre o homem que arranja, para viver, uma casa de bicho e o elegante *clubman* que se arruina com ancia e sem perigo? Apenas a da posição. Ha sujeitos vesgos pedindo que se fechem os bicheiros e jogando todos os dias no bicho. Ha corações honrados e escandalisados com as tavolagens e as loterias secretas das ruas lobregas e da cidade nova, que passam nos clubs a noite inteira e vivem do jogo...

Querem saber o que diz o escudo do Principado de Monaco, o reino da jogatina? Estas palavras.

*Monaco io sono
Um scoglio
Dal mio non ho
Quello d'altrui non toglio.*

O que em portuguez significa: — Sou Monaco, um rochedo, não tenho vintem e dos outros não tiro » E' o que se pode chamar falar a verdade!

De isto a unica verdade social é o enthusiasmo com que dissimulamos os nossos instinctos, julgados maus pela velha moral caduca. A ambição, o nobre desejo de ganhar dinheiro, egoismo indirectamente altissimo porque se faz vontade de acabar com o pauperismo, é o mais desenfreado. Todos os reformadores sociaes prégam a estineção do capital, ferozmente. Desde que o tem, mudam de idéa. Todos odeiam

o burguez rico. Desde que entram na sua sociedade, deixam a blusa pela casaca.

No fundo a mentira do sonho, nobre mentira que tem feito caminhar a humanidade, e uma serie de mentiras sem fim, de mentiras exploradoras em torno do ideal. Mas em sociedade a mentira tem varios nomes: boa educação, tacto, gentileza, amabilidade, distincção. Vae um cavalheiro tractar de advogacia administrativa e é preciso dizer que saberá ser generoso. Diz: — a operação deixa uma larga margem. » Estão algumas senhoras dizendo horrores de outra que chega na occasião. Oh! minha querida, estamos ainda agora a gabar o seu bom gosto. Conversa-se com a pessoa de que se depende: Sou inteiramente da sua opinião. Um encontro de homens ou de mulheres é um tecido unico de deliciosas mentiras. Os salões como as ruas seriam escolas de mentira se todos não fossem professores na materia. As roupas, os gestos, as frases, os sentimentos tudo é mentira proposital ou instinctiva. Foi um mundano que disse. « No dia em que em que eu tivesse a certeza absoluta de uma verdade definitiva, suicidava-me ». Foi a mentira que creou o snobismo.

Thakeray no *Book of Snobs* conta que, estando uma vez em Constantinopla, num banquete offerecido pelo pachá da Roumelia, o pachá, que comia, com a mão, ao chegar um prato de carneiro preparado com a propria lã e com

assafetida, escolheu um excellente bocado e empurrou-o por gentileza nas guélas do enviado russo, o *dândy* Didiloff. O *dandy* fez uma enorme careta, tossio, convulsionou-se, quiz lavar a bocca, emborcou um copo d'agua ardente, pensando que era agua simples, e foi removido em braços da sala dos banquetes. Thakeray ao contrario. Quando chegou a sua vez, engolio a droga com o melhor sorriso e disse: *Bismillah!* — lambeu o beijo, fez tambem uma bola de lã, empurrou-a com toda a graça pela garganta do pachá, e conseguiu o que queria contra Didiloff — o tratado de Kabobanopla!

Cada homem sem o curso completo do snobismo tem em espectativa pelo menos a perda de um tratado. Por isso, nada mais grave do do que essa mentira futil...

E que faz o snobismo, a divina mentira social? Cria ao homem varias fatiotas cerebraes, dispensa-o de pensar por conta propria, faz a disciplina militar da futilidade.

O snobismo é a salvaguarda do progresso, o snobismo é o diapasão da harmonia universal, o snobismo é a Civilisação. Sem snobismos nós não teriamos festas bellas, e carruagens e o *corso*; sem snobismo as nossas formosas damas não vestiriam com tão fina elegância, até, ás vezes, exagerada; sem snobismo não haveria tanta literata e tantos conhecimentos de litteratura: sem snobismo não louvariamos o bem-dito *flirt*, continuando a atacar, em nome da

moral, essa coisa chamada relesmente em portuguez de namoro, derricko, e até mesmo em calão, de *azeite*; sem snobismo nós não faríamos o louvavel esforço de falar todas as linguas vivas e de ir a zarzuela; sem snobismo os alfaiates não teriam tantas contas a receber; sem snobismo as nossas damas não teriam achado delicioso o Ferrero; e, principalmente, sem snobismo nós não teriamos propaganda, nem seriamos patriotas — porque patriotismo, longe de ser vestir os filhos de verde e amarello, ler o *Guarany* e comer vatapá, é estar ao nivel da civilisação e fazer com *aplomb* o que fazem os grandes povos!

Esta é a qualidade admiravel do *snobismo*, esta é a sua grande força!

E a mentira social irradia. Mentem os creados dos amos, mentem os amos dos creados, mente a amante, mente o amigo, mentem as namoradas, mentem as esperanças, mentem os sabios, mentem os philosophos, mentem os politicos, desde o cabo eleitoral ao chefe supremo, todos muito contentes por pensarem ser os mais expertos capazes de enganar os outros, mentem os negociantes honrados, mentem todos e vão depois dormir tranquilamente para sonhar, isto é para continuar na mentira, e acordar no dia seguinte com a esperança ou o desanimo, que são duas formas da mentira.

E' sabida a frase dos medicos :

— Tome esse remedio, emquanto elle faz bem.

Não ha certeza: a cura de hoje é o veneno de amanhã e nem doente, nem medico, nem talvez o proprio remedio têm certeza.

E' conhecida a frase dos negociantes.

— Dou-lhe a minha palavra que tenho prejuizo.

O freguez sabe que elle mente para ser amavel e ás vezes pediu o dobro pela necessidade de dizer a frase. Mas talvez não comprasse, se não tivesse aquella mentira de estar arruindo a casa commercial. Na nossa cidade ainda ha essa incerteza do preço em que se pede vinte para vender por dez. Nas grandes cidades o logro é ainda mais caracteristico da necessidade que o nosso organismo tem da mentira. Os grandes armazens expõem os objectos com os preços marcados. Se uma coisa tem de custar tres francos, põe um 2 enorme e em cima, em caracteres minusculos 95. E todos exclamam :

— Que barato, 2 francos! esquecendo os 95 centimos.

Todos conhecem o valor d'aquella jura que todos fizemos, ouvimos e repetimos a diversos ouvidos.

— Juro amar-te eternamente...

Nada ha em que não transpareça a mentira. Do conhecimento dessas verdades é que decorrem as quatro leis da vida, que regem a arte de

viver, isto é, a arte de mentir. O fallecido que nos fez ler o seu testamento soube comprehendel-as, não as empregou agindo pelo instincto apenas, inconscientemente. E por isso soube sentir a delicia de mentir.

— Então a delicia de mentir está em saber que se está mentindo? perguntarão os renitentes do ideal.

Mas claro. Qual é a delicia de comer, o prazer do gastronomo? E' saber o que está comendo. Qual a delicia, o prazer de qualquer função? E' saber o que se está fazendo. No fundo mais uma illusão em que se prova que o prazer e o gozo só existem quando a gente pensa que os está tendo. Assim com a mentira. Sabe-se que tudo é mentira e como não se tem outra illusão emprega-se esta para dominar os outros.

A verdade é uma necessidade de que ninguém faz uso. Não ha propriamente verdade, factor positivo, ha um infinito desdobrar de illusões que no succeder das épocas temos por verdades, aliás mais ou menos relativas. E relativas porque quando chega uma pessoa a julgar que a apanhou, a verdade foge e vae para muito mais longe, fazendo-se na existencia humana uma especie de poste do vencedor nunca attingido.

Ora, como nós, a serio, convictamente, nem a nós mesmo seriamos capazes de provar a verdade da nossa existencia e o fundo exacto do sentir a que commum é chamar de alma,

nenhum homem tem pressa de chegar ao vencedor, primeiro porque seria desagradavel apanhar a verdade, segundo porque jamais se chegará a tempo de pegal-a.

Florian, que fazia fabulas, imagens da verdade, diz numa dellas :

*La vérité toute nue
Sortait un jour d'un puits...*

E' engano. A verdade não é mais do que um colossal novello de illusões. Começou a ser desfiado no dia em que Jehovat fez a luz e até hoje continua a correr deixando o fio resistente da illusão ao qual todos nós nos agarramos, pensando talvez apanhal-a um dia. A verdade é uma necessidade de que ninguem faz uso, porque de facto não existe...

Como, entretanto, ao que parece, a especie humana tem grande dose de pretensão, os homens todos, numa ignorancia deslumbrada, chamam o certo d'hoje de mentira e erro amanhã e offendem-se com taes palavras e chegam ao excesso de se julgarem possuidores da verdade definitiva. Mal sabe essa gente que o dia do Juizo Final, annunciado ha felizmente algum tempo, nada mais será do que o dia em que de chofre e sem querer a todos virá a apparecer o horror da verdade, se a verdade não fôr ainda ahi a ultima forma do erro.

O mundo é uma admiravel construcção de interpretações apenas.

Ha muito homem que deseja saber a cara dos habitantes de Marte. Eu teria vontade de estar na sensibilidade dos animaes, por exemplo para saber o que pensam elles de nós. A respeito desses seres temos idéas tão extravagantes que seria um prazer saber o que as aranhas, e os gatos pensam desse outro animal o homem.

Certo fazem de nós uma idéa inteiramente diversa da nossa. E estão illudidos, como nós, como eu, como você.

— Desde que não ha verdade e tudo não passa de illusão, socialmente os homens crearão a fama da mentira util para o desenvolvimento da sociabilidade. Mentir sempre, systematicamente, é a unica maneira de ser indispensavel. De ser indispensavel e de conservar intacta e inatacavel a illusão de uma personalidade propria. Para que affirmar um gosto? Todos os gostos são bons. Em arte como na comida, como nas mulheres. Gosta-se de Wagner e da Maria Cachucha, de Debussy e da « Valsa chaloupée », de Strauss e do « Tengo-Tengo. » E' baixeza? Não. E' sociabilidade. E, ao mesmo tempo desdobramento da propria faculdade de sentir, agradando os que sentem com exclusivismo. Encontrar o Luiz de Castro que ama Wagner e odeia o « Tengo-Tengo. » admirar com Castro a Wagner sem atacar o « Tengo-Tengo » e ir d'alli gosar o « Tengo-Tengo » sem atacar a Wagner, é positiva-

mente ecletismo social, capacidade maior, progresso. Assim com as comidas. Um homem que aprecia com os respectivos e exclusivos apreciadores, ninhos de andorinhas, tutu de feijão, faisões trufados e um puchero succulento põe em primeiro lugar á prova o equilibrio do estomago, e vale agradavelmente por um chinez, um brasileiro, um francez e um hespanhol.

A vida é assim. O interesse que é uma illusão real e a maior dos povos organisados, desenvolveu a necessidade dos dois grandes colchetes da sociabilidade : a falta de opiniões e a sympathy. Mas ainda esse desenvolvimento não chegou ao seu auge. O auge está no verbo concordar. Não digo concordar de todo. Concordar um pouco, sem dizer que discorda uma unha sequer — porque de facto não ha ninguem, que num dado momento não nos seja útil.

Assim para um homem civilisado todas as mulheres são lindas, são bellas e são boas... Com as pretenciosas diz-se o verso de Cesario Verde :

Esta aborrece quem é pobre. Eu, quasi Job,
 Aceito os seus desdens, seus odios idolatro-os :
 E espero-a nos salões dos principaes theatros,
 Todas as noites, ignorado e só.

E' mentira. Mas que prazer damos a essa senhora, apezar della fingir que não o sente! E tambem temos prazeres porque, nos salões dos principaes theatros, ha outras senhoras

que pensarão ser a causa de nossa estadia ignorada e ha os maridos amaveis dessas senhoras, e ha uma porção de gente a julgar que lá estamos exclusivamente por sua causa... Até ás vezes, as actrizes do palco.

Se assim se faz com as mulheres, sempre d'accordo com ellas, sempre a alimentar-lhes a vaidade, para obter a sua sympathia e afastar a idéa má de uma antipathia (porque rancor de mulher é peor que curáre aos copos), se dizemos ás que amam os maridos : — seu marido é admiravel, e ás ingenuas : o seu noivo é um anjo! e ás ciumentas : o seu amante é um monstro! se não lhe negamos nada, absolutamente nada, porque diabo havemos de proceder d'outro modo com os homens, que são mil vezes mais vaidosos e mais imbecis, inclusivé eu, que as mulheres?

Assim todos os homens fazem muito bem o que fazem. Se são artistas são de primeira ordem, se são commerciantes não ha em capacidade commercial iguaes além das outras capacidades que elles desejarem. E como tal para os outros. Quando um descompõe outro, particularmente com cada qual tem-se a sua opinião e na presença de ambos procura-se a reconciliação, mostrando a inanidade das paixões humanas e a superioridade do character dos cavalheiros em conflicto. Para que brigar? Para que dizer que Cicerano é um pessimo actor ou um pessimo advogado? Para que affirmar

que Beltrano não é um conquistador ou um dandy? Elles não perdem a mania e quem perde é a gente uma *sympathia*... Por isso o homem habil, o homem civilizado, quando encontra outro, diz antes do bom dia :

— Sim senhor!

Está saudando, está cumprimentando, e está concordando sem responsabilidade. *Systhematicamente* eu digo sempre : sim senhor! E acrescento : sempre bonito : bem disposto... para voltar atraz se o sujeito é *neurasthenico* e se julga ás portas da morte. No dia em que eu precisar de um cocheiro de *bond*, digo-lhe apenas :

— Vaes fazer isso com aquelle geito que ninguem mais tem.

Como o mesmo digo ao deputado, ao jornalista, ao politico, certo de que, pelo longo preparo, elles serão incapazes de se negarem ao homem encantador que eu sou.

Não ser contra, evita qualquer sorte de humilhações. Ser um admirador perceptivo prepara o cavalheiro para o papel de imprescindivel. O sujeito que seja admirador de tudo : dos anarchistas e dos banqueiros, dos socialistas e dos capitalistas, dos crentes e dos atheos, dos chefes dos partidos politicos e dos chefes das classes sendo tambem venerador dos que querem ser chefes, realisa a perfeição. E, decorrentemente, é o maior.

Para tal não é preciso *dobrez* de animo ou

outro trabalho mal visto pela illusão social. No pasmoso evoluir dos costumes, o contrario já não causa desejos de luta, causa irritação, como as pulgas, as moscas e outros bichos inconvenientes. O favoravel é apenas um espelho onde a humanidade se mira tal qual pensa ser.

Não ha ninguem que tenha o topete de dizer que um espelho perde o brilho e a individualidade por mostrar a quem se mira a sua cara exactamente. Ora a cara é uma illusão, como a belleza, a fealdade, e o proprio espelho. Que mal em ser um delicado espelho bisauté de almas como ellas se julgam?

Vejo que vocès, silenciosos deante deste des-envolvimento das idéas do fallecido pódem ter um argumento a meu favor ainda : — e que sendo o mundo um colossal hospicio de alienados, eu procedo como os pychiatras modernos, que concordam com todas as manias dos doidos para não os agitar e acabam assim senão curando-os, pelo menos sendo nos maniconios a pessoa mais sympathizada. Pois é verdade. E' assim mesmo... E repousante, além do mais. Não se tem o trabalho de pensar, de agir; não se gasta a vida com coleras inuteis fica-se com uma capacidade de absorpção capaz de engulir o mal e restituil-o intacto, e em pouco tempo só ha um homem para todas as cousas e para o resto dos mortaes : o dito...

Isto por enquanto. O mundo será um idéal da harmonia, de beijos, de belleza, o mundo será a valsa da « Viuva Alegre », o mundo será uma recepção de embaixada perenne no dia em que todos se compenetrem dessas flagrantes utilizações da mentira inexplicavel que somos todos nós. Talvez seja metaphisica a explicação. Mas na pratica é uma forma de desenvolvimento industrial como a captação das quedas d'agua para a energia electrica e a redução das passagens para maior transito de passageiros. Desde que não existe a verdade senão illusoria, a sociabilidade assentou na intima concessão de pequenas mentiras. [Conscientemente seguros de que não passam de parcelas dessa mesma unidade, os homens em vez de se baterem por illusões contrarias resolvem respeitá-las mutuamente e creem o paraizo habitado na terra.

Desapparece a guerra, desapparece o odio, desapparece a ironia que faz tanto mal a quem a sente. Todos, sem hostilidades inuteis, crendo na incomparabilidade das proprias qualidades (com muito mais força porque ninguem protesta), respeitando as alheias e lisongeando-as mesmo para as suas conservar. E desse regimen, ultima etapa do individualismo e do egotismo, nasce como da flôr o fructo a bem-aventurança da paz e do amor...

Mesmo porque, desapparece a mentira, no sentido de peccado capital. Que é verdade?

Aquillo em que ajustamos acreditar : a existencia de Jupiter, as lagrymas de Isis formando o Nilo, a infalibilidade do Papa, o poder magico da pedra de cevar, a honestidade de Penelope ou de outra senhora mais moderna, a fidalguia do s^r Joaquim alli da esquina. Que é mentira? Aquillo que ajustamos não acreditar : a infalibilidade do Papa, as lagrymas de Isis formando o Nilo, a existencia de Jupiter, a fidalguia do s^b Joaquim alli da esquina. Desde que os homens tenham o raro saber de aproveitar, de gozar a mentira achando todas as mentiras verdades, isto é, aproveitando a mentira- vaidade, o s^r Joaquim d'alli da esquina fica verdadeiramente fidalgo, as lagrymas de Isis formaram o Nilo e a infalibilidade do Papa é indiscutivel. Mas esse tempo de absoluta civilisação vem longe ainda. O homem é principalmente covarde das proprias mentiras. Inventa e fica com medo. Cataloga e se aterra. Cria e treme. Pensa e hypocritamente não tem a coragem de aproveitar com prazer e gloria a unica qualidade que o destingue dos outros animaes e que é na vida a rasão da sua necessaria inutilidade : a faculdade de pregar mentiras.

Pensar é mentir. Amar é mentir aos outros para o nosso egoismo, e a nós mesmos para não nos ulcerarmos. Viver é mentir. Leon Blois, o terrivel catholico exclama :

« A Mentira não offende o burguez nem

nunca o offenderá. E' uma especie de tio de que espera herdar sempre e para o qual todas as caricias são poucas. Quando a Mentira encarnar-se, — o que acontece qualquer destes dias, é só dizer : Deixem tudo e sigam-me, para arrastar logo após si, não uma duzia de pobres, mas milhões de burguezes e burguezes que a seguirão por onde ella quizer. Até hoje só a Verdade encarnou-se. « Ego veritas qui loquor tecum », e os senhores sabem como foi recebida. Ah! não se enganaram um instante. Crucifigatur! Só a verdade offende. »

Estava apenas pouco lembrado de que essa verdade não passava de uma interessante mentira como tantas outras que vieram depois e hão de vir! E estava tambem completamente enganado porque o burguez só ama a mentira quando lhe dizem que ella é a verdade, a boa verdade, a verdade moral, a verdade scientifica, a verdade social, todas essas cousas aborrecidamente falsas, e terrivelmente solemnes. Só o homem superior acompanha a Mentira, — porque só o homem superior sabe aproveitar os erros da existencia, a faculdade de inventar, em obras de facto interessantes para seu uso proprio e para a humanidade.

Tudo é bluff, tudo é mentira. Mas exactamente por isso, pensam os homens que são verdadeiros e erram. Ha uma historia antiga bem caracteristica. Em certo reino felicissimo havia um principe, irmão do rei, que resolveu dizer ver-

dades. A sua verdade era apontar as mentiras dos outros e dizer o que lhe parecia ter visto. Um mez depois desse fatigante exercicio, o principe era odiado por todos os vassallos de Sua Magestade. Dous mezes depois, a cidade inteira com elle antipathisava convulsivamente. Mostrara a cupidez dos vassallos, abrira os olhos aos maridos, notára a hypocrisia dos religiosos, apontára o mal que finge ser dominado pelo bem, mas que só elle governa, como o general Pinheiro Machado pretende fazer com os presidentes. Quatro mezes depois, o proprio irmão, Sua Magestade, que resistira escudado na tradição illusoria do amor á familia, já não resistia.

— E' irmão, mas é insolente, não ha duvida.

Ao cabo de um anno, o principe dissera tantas inconveniencias que foi para o desterro, acorrentado como um galé, acompanhado de guardas armados. Na cidade apuparam-no victoriando o rei. Nos campos atiraram-lhe lama. O principe arrastava-se exausto na floresta, quando encontrou uma velha zarolha que apanhava gravetos.

— Pobre! chamou a velha. Que fizeste para tamanho castigo?

— Disse verdades.

— Meu Deus! Que crime! E quem és?

— Eu sou o principe, irmão do rei...

Ao saber disso, a velha, apezar de viver na floresta, transformou-se em cuidados e lamu-

rias. Um príncipe pôde sempre vir a ser rei. E soluçando :

— Coitadito ! Nossa Senhora ! Queres agua ? Corro á fonte. Queres repartir commigo o pão do almoço ? Tens fome ? Tens sêde ? Toma, dou-te tudo, acompanho-te.

O príncipe sorriu, vendo que nem todos no mundo repelliam a verdade. E reconfortado com taes carinhos, fallou :

— Nem tudo está perdido no mundo. Vou contente. Adeus. Obrigado, minha zarolha...

A esse qualificativo a bondosa velha ergueu a face demudada em furia :

— Zarolha ?

— Pois não és zarolha ?

— Zarolha ? Zarolha é a avó. Zarolha ? E assim que pagas a minha bondade ? Zarolha ? Grande malcreado ! Não foi atôa que Deus te castigou. Vai-te para as profundas, patife. Vai-te !

E como uma bréca espumante, atirando-lhe com os gravetos, com as pedras, com os pedaços d'arvore, perseguiu o príncipe até cair extenuada. O príncipe esquecera a vaidade, a propria, pensando não errar, e a dos outros, desprezando o cimento da sociabilidade, o balsamo da vida : a mentira.

Oh ! não ha duvida. Pilatus foi inconscientemente o maior philosopho da humanidade, com uma pergunta e um gesto. Perguntou : Que é a verdade ? e logo tratou de lavar as mãos para

que não o julgassem capaz de a ter tocado. Se fosse possível a alguém ser o detentor de todas as verdades, isto é, de todas as fórmulas do erro, esse alguém seria um grande criminoso se as não soltasse. Porque se não nos mantivessem illusão e mentira, o homem seria para o seu proprio eu um monstro, a sociedade desabaria e nada, nada existiria sob este céu azul, que não é céu, não é azul, nem está por cima.

Eu amo os mentirosos, os que amontoam contrasensos, os que mentem inutilmente, os que só fallam mentindo a mentira. São os derviches urrantes da religião, que em cada um de nós tem um crente. Eu amo as crianças que prégam mentiras. São as intelligentes. Eu amo as mulheres, essas deliciosas mentiras que de uma mentira ossea fez Adão para se torturar com a incognita. E eu digo mentiras, não mais do que qualquer outro, mas gosando o prazer destruidor de desfiar a lista das illusões diante dos homens.

Quantos ficariam aterrados em descobrir a inaniedade, o vazio, o vacuo, o horror do nada, e levam a vida a encher-a de illusões como o tonel nunca cheio da fabula. Outros, porém, vêm esse esforço, louvam-no e tiram delle o lucro que é possível tirar, o lucro de comprehendel-a. E é esta a delicia de mentir.

Mas ainda assim é a mentira como o sangue da vida social, a mentira fingir, a mentira obri-gatoria das salas a mentira anecdotica, a men-

tira utilidade para vencer, ou não morrer — mentira mulher, mentira congresso, mentira crime, enfim a polyforme mentira social que se analysa. A mentira é mais. A mentira é a unica razão porque o homem anda nos dous pés, olhando para cima. A mentira é a creadora da terra. A mentira é a forja de todas as bellas coisas, de todas as fórmulas da vida, de todas as esperanças, de todos os ideaes, a mentira é a imaginação dos vates, é a suggestionadora dos atomos — a Mentira, filha da Luz, formadora da illusão...

A mentira esplendida e superior creou os deuses. A mentira sonhou a guerra de Troya, a mentira fez de uma molestia o rito bachico, a mentira fez partir para o desconhecido barcos cheios de homens, a mentira fez o frio e o calor, e na natureza dispoz tudo como um scenario que ella muda de tempo em tempo. Foi a mentira que fez o vapor, que fez a electricidade, que até resolveu o céo a obedecel-a tomando a fórmula que ella queria. E' a mentira idéa, a mentira criação, que plasma a natureza e ordena a materia — a mentira Homero, a mentira Dante, a mentira Papin, a mentira certeza persistente que dos egypcios aos americanos, atravez centenas de seculos, olha as quedas d'agua com o desejo de fazel-as luz e força e acaba fazendo. E' a mentira geradora da Belleza, formadora da Arte, a mentira que prende os homens aos astros e cria o gosto, a graça, o

sentimento inatingido do Perfeitó. A mentira que nos faz acreditar nas sereias e nas nixes, que nos faz ver as arvores e os prazeres da vida, que faz as mulheres gordas ou magras, segundo a tyrannia do seu paladar, e que modifica as paysagens e que nos incutiou o prazer de imitar e o prazer de descobrir — a mentira Hesiodo, a mentira Pasteur.

Nitzsche diz : — Tudo o que a humanidade fez de serio até agora não é mesmo realidade; são chimeras, mais verdadeiramente mentiras.

Zola, quando a Mentira dava a maior prova da sua força, dizia pesadamente : *La vérité est en marche; rien ne l'arrêtera!* Quando a verdade — seria : A illusão caminha e jamais a alcançaremos. Por isso o pratico Voltaire exclamava :

— *Mentez, mes amis, mentez!*

E o psalmo grave censura :

— *Omnis homo mendax!*

O homem é o saciado insaciavel. A mentira é a sua razão de ser. Tudo quanto consegue do semelhante é pela mentira social, tudo quanto consegue da hostile natura é devido ao ideal, suprema mentira. E' preciso saber gozar a mentira, veneral-a e respeitl-a, em vez de denegril-a. Mintamos com a delicia de mentir sabendo estar mentindo. Mintamos divinamente para vencer, porque o homem que sabe estar mentido vale por elle proprio, pelo mentiroso, pelo sujeito que engana e pelo mundo que julga conhecer.

Mas eu falo ha muito tempo...

— Nem parecia ! dirão os senhores fingindo embevecimento para me dar prazer e captivar a minha gratidão.

— Não ! não ! basta de aborrecimentos ! respondendo eu mentindo, porque tenho a illusão de estar sendo interessante.

Ainda a mentira, a delicia de mentir.

Entretanto levanto-me, junto as notas. Vejo que os senhores levantam-se tambem. E com pressa. Perdão. Um instante ainda. Fallei tanto da mentira que preciso dizer-lhes pelo menos uma verdade :

— Meus senhores, tudo quanto eu disse não passou de uma grande mentira.

DISCURSO DE RECEPÇÃO

DISCURSO DE RECEPÇÃO

NA ACADEMIA BRASILEIRA

MEUS SENHORES.

Por uma certa manhã dos fins do seculo passado — quasi quatro lustros antes da terminação desse memoravel seculo da sciencia, da luz e do positivismo — um joven poeta de Maceió resolveu acompanhar a bordo trez amigos, que de viagem se faziam para a Côrte, capital do Imperio. O poeta era um bello mancebo tropical. Alto, elegante, biceps gigantes, largo busto como o desabrocho da cintura estreita, longas mãos, cabelleira crespa, formavam-lhe a belleza mascula ; e, quando ria, um riso jovial, entre a ironia satisfeita e a ingenuidade ironica, mostrava aos que o ouviam uma esplendida dentadura de trinta e dois bellos dentes. Era forte, era são, esse mancebo amavel. Chamava-se Sebastião Cicero dos Guimarães Passos, e, já na cidade provinciana

cabeça das Alagoas, de costume abandonava o lar que o adorava, aprazendo-se em viver pelas reuniões bohemias e tendo como unica profissão a de fazer versos e como unico ideal o de continuar a fazer versos.

O moço poeta entrou para o navio com as melhores disposições de voltar á terra uma hora após. Como sempre foi e, ainda é costume apenas nas viagens por mar afogar as despedidas numa bebida qualquer bebida em commum, o poeta e os tres viajantes abancaram no convéz em tórno a uma pequena mesa. A conversa animou-se. Os que partiam confiavam esperanças ; o poeta animava tão nobres sentimentos de lucta e de victoria. De leve a brisa soprava ; uma quieta paz modorrava no convéz ensolado ; asas de passaros riscavam rapidas o ar de azul brilhante. O poeta sentia-se bem. E a tarde vinha caindo docemente...

Quando por tal deu, Sebastião dos Guimarães Passos ergueu-se, estreitou nos braços commovidos os tres amigos, e com o seu passo solemne — o passo heraldico como vieram depois a denominá-lo — encaminhou-se para o portaló. Ahi viram seus olhos mover-se a paisagem e no oceano, que é mais ou menos verde, borbotões de espuma branca. O navio singrava havia meia hora e dentro em pouco estaria em alto mar. Sebastião sorriu e voltou aos amigos. Os amigos foram ao commandante. O commandante, velho lobo do mar, como em geral os commandantes

dos romances inverosímeis, riu bondosamente. Que fazer? Já agora era continuar. Deu ao poeta cama, a sua propria roupa branca e de tal forma se agradou daquelle mancebo importante que, ao chegar á Bahia, propôs trazê-lo á Côrte. O poeta acceitou. Em Salvador escreveu um soneto saudoso, e verificando ter apenas nas algibeiras duas moedas de tostão, resolveu, para não ter nenhuma, comprar uma laranja. O commandante a quem pretendia offertá-la, comprehenderia o sacrificio. Mas ao voltar para bordo, collocou a laranja na cabine e, ao chegar ao fim da imprevista viagem, após despedidas, agradecimentos, promessas de eterna lembrança e o desembarque difficil sob o calor pesado, achou-se no cáes do Mercado o poeta com a laranja na mão. Ha esquecimentos providenciaes. Esquecendo dar ao bondoso lobo do mar o presente modesto, agira o poeta movido pelo destino. Assim, pelo mesmo destino removido, olhou a rua, reparou nos mercadores, fitou a laranja, e logo pensou em desfazer-se de duas dessas trez cousas por uma quarta. Passou o pomo cheiroso ao primeiro fruteiro em troca de uma pequena moeda de prata. E, seguro da sua mocidade, caminhou como velho frequentador para a rua do Ouvidor que nunca vira.

De certas figuras humanas não se póde falar se não no estylo das historias romanticas. Sebastião Cicero dos Guimarães Passos foi sempre uma phy-

sionomia da narrativa, uma criação do romance alheia á vida normal. Nunca agiu por conta propria, deixando ao destino tal esfôrço. O destino estimava a confiança, e, talvez agrade-cido, fêz dessa vida uma serie de acasos simples, uma perpetua legenda. Guimarães deixou a terra natal por acaso e chegou ao centrointel-lectual do país com quinhentos réis e alguns sonetos, por acaso. Era da provincia. Podia conquistar tudo quanto os provincianos con-quistam com um pouco de perseverança. Apenas continuou entregue ao destino, com tranquillidade e calma sorridente. Ao entrar a rua do Ouvidor, outro teria temores. Elle não. Parou á porta de um jornal, viu um literato tambem joven e tambem de cabelleira, indagou-lhe o nome, apresentou-se, recitou o seu soneto mais bonito. A' noite era amigo intimo da joven geração daquelle tempo, e, uma semana depois, os ardentes reformadores da esthetica de então já o citavam pelas gazetas e delle não prescin-diam nas noitadas bohémias. Guimarães Passos não queria mais. E toda vida mais não desejou com a derradeira personificação do que chama-mos bohemia.

A bohemia! A bohemia é uma feição transi-toria da mocidade, que deve ser brevissima. Nella desperdiçamos energias e criamos a hos-tilidade ao ambiente real. La Bruyère se a conhecesse certo havia de considerá-la um vicio. Na literatura ella foi bem sempre um vicio

intermittente, que chegou ao apogeu da moda no periodo romantico. A nossa arte, propriamente nacional, começou nesse periodo, de maneira que tomou o vicio como qualidade fundamental. Durante muito tempo, o escriptor não passava no Brasil de um curioso anormal, desprendido das coisas terrenas, sem roupa, sem conforto, sem dinheiro, sem pouso certo, lacrimosamente dentro do seu sonho, a escrever sôbre mesas de duvidoso asseio os poemas inspirados por uma bella hypothetica. Não era conveniente para ter estro pensar no dia de amanhã, beber com medida vinhos bons e julgar-se normalmente feliz. A literatura era desgraçada. A influencia européa de grandes artistas, aliás bem praticos, agindo entre nós com o auxilio do Equador, exaggerava e abusava. Os poetas como Castro Alves, Alvares de Azevedo, o pobre Casimiro, julgavam-se infelicissimos. A poesia era uma sinistra floresta, onde o soluço vivia. As gerações literarias custavam a mudar de ideal. Emquanto Victor Hugo economizava, e Théophile Gautier e a banda romantica installavam no alvorecente *boulevard* o dandysmo dos succulentos jantares do Café de Paris, só pensando em imitar Victor Hugo, Lamartine, Chateaubriand, os nossos poetas cantavam como o trovador que ainda hoje apparece nas chromolithographias morrendo de penuria em frente á janela de uma senhora intractavel.

A ultima geração, a que se veio junctar Sebastião Cicero dos Guimarães Passos, já não tinha esse paciente ideal. Ao contrario. Queria mais, aspirava mais, fazia com furia a bancarrota da bohemia, e, vivendo ao Deus-dará, desfazendo idolos, atacando o burguez, republicana na monarchia, revolucionaria na ordem, aristocratica pôsto que igualitaria, esperava o momento de vencer.

Guimarães Passos tinha em parte o fundo da primeira geração e o aspecto da ultima. Chegou e foi envolvido pelo turbilhão. Pelo turbilhão, sim! Era um curioso estado d'alma geral. Os jovens literatos viviam barulhentemente impondo-se. Andavam com barulho, comiam com estrepito, dormiam com ruido, moviam-se com espalhafato, trabalhavam menos e davam muito mais na vista. Se os passados eram os cyprestes de um campo santo onde a desgraça os prendia, elles eram o clarim de guerra infrene contra uma porção de coisas que ninguem ao certo sabia quaes fôsem. Se os outros amavam Lamartine e o Sr. Visconde de Chateaubriand, elles amavam Musset, Banville e Shakespeare. O egoismo era no bando os de saldunes creanças. Quando um ia, levava os outros e dos outros escrevia. A fama transitoria não se fazia assim de um, mais de todos. Se caminhavam pelas ruas era como conquistadores; quando abancavam nos cafés, abancavam tremendamente, Diziam versos, jogavam o murro, propunham

duellos. Eram os mosqueteiros literarios. A sua vida economica baseava-se nesse principio que os economistas repelliriam : nunca ter dinheiro e ser sempre generosissimo. A caridade officiosa desfrutava-os para as conferencias em pról das creanças sem pae, das mulheres sem protecção, dos escravos sem liberdade. Quando um delles por acaso tirava o premio na loteria ou na tom-bola, ia com espalhafato, applausos e palmas á directoria de qualquer asylo e entregava o premio intacto. Depois ficavam furiosos contra o burguez rico, julgando-se victimas, mas victimas de um orgulho tão impertinente que, quando algum philistea fingia mantê-los para passar tambem por poeta, levavam o caso á satyra e só não o espostejavam physicamente porque já o haviam escorchado pelo ridiculo. O exaggero era o fundamento das suas acções. Implantaram assim o reclamo dos homens superiores pela theoria das falsas apparencias. « A obra de arte é uma serie de attitudes, e o artista criador um mima especializado. » Como na velha Grecia, o esplendido Alcibiades foi o primeiro a criar o reclamo intensivo, aproveitando até a cauda do seu cachorro, a bohemia artistica aproveitava as falsas apparencias para dar que falar. Se um era pacifista de animo, usava collete côr de sangue de boi, se outro não gostava de se singularizar nas reuniões e via que ninguem usava polainas, punha polainas; mesmo no theatro, nos bailes, de seda branca sobre as boti-

nas de polimento. Todos tinham largos chapéus, largos gestos e largas gravatas. Se alguém não lhes agradava, passava a philisteu; se não os apreciava como genios era reduzido a cretino, e os amigos de semanas dormiam junctos sobre jornaes nas redacções transitorias, beijavam-se na face e tratavam-se fraternalmente de irmãos.

Catão, o joven, ao discutir o caso Catilina no Senado de Roma, disse cheio de cuidados : « Jam vera rerum amisimus ». O pobre homem achava que não se dava ás coisas o verdadeiro nome, perdendo os termos a sua propriedade. Catão ficaria louco entre os bohemios de 1886 e, furioso agora, tanto as sementes deram fruto depois... Os bohemios exaggeravam para que lhes dessem passagem. Havia, entre elles, os fazedores de phrases de espirito, que toda a vida não fizeram senão phrases de espirito. Guimarães não tinha esse genio. Havia os grandes poetas, que são hoje a nossa gloria desde os parnasianos até os philosophos e scientists. Guimarães não chegou á pureza daquelles nem á facil cultura destes. Havia chronistas, romancistas, pamphletarios, jornalistas. Guimarães não era pamphletario, nem romancista, nem chronista de indole. Havia violentos que chamavam o criado a tiros de revolver como o Sr. de Bismarck. Guimarães era fortissimo e não detonava o seu revolver, mesmo para chamar o criado como o Sr. de

Bismarck. A mocidade tinha tudo menos a ironia, que é a complacencia do sabio. Guimarães adaptava-lhes os moldes. O credo de arte pela arte era a preocupação geral. Elles bradavam como um insulto aos utilitarios : a arte não se vende ! E desejavam ir para deante.

O dinheiro para o bando não passava de um meio de communição social deprimente. Das quatro operações conheciam apenas a de dividir com os outros, e contar, contavam sim as syllabas até o verso alexandrino. Quando, por acaso, acontecia algum delles ter dinheiro, gastava-o logo todo, para se ver alliviado e cada amigo presente era obrigado a repartir com o infeliz a carga dos bilhetes que tudo conseguem, mesmo o talento, no deploravel leilão da existencia. Mas desse mesmo desprezo pelo dinheiro viviam elles. Achariam mesquinho trabalhar um mez inteiro pouco para receber ao cabo d'elle parca e certa quantia. Mas trabalhavam muito mais sem ganhar nada e pediam emprestado com a maior serenidade. O que é meu é teu, logo o que é teu é meu. Um communismo á Proudhon, que, aliás, considerando a propriedade um roubo, punha nas edições dessas theorias : direitos de propriedade reservados. Por isso não jantavam, não almoçavam, mas banquetevam-se ás vezes. Muito mais simples é para quem não tem dinheiro com brilho e audacia banquetear-se, do que jantar simplesmente.

Se o dinheiro era assim incomprehendido, o

amor tomava para elles sempre as proporções das tragedias e das paixões ardentes do renascimento, no tempo de Cosme de Medicis e de Lourenço o Magnifico. O amor era tormento, furia, delirio, pretexto para excessos, febre má, febre intermittente, que mudava e passava e voltava segundo a occasião. Quando o poeta amava, a inspiradora dos seus sonhos era uma deusa; quando o poeta estava zangado, era uma infame. Muito deviam ter soffrido as musas da bohemia de 1886!

Sebastião Cicero dos Guimarães Passos, filho do mais antigo tabellião das Alagôas, talvez não tivesse esse temperamento de perdulario sem capital. Mas em compensação mais que os outros, real, palpavel, desenvolvidissima, tinha a feição sensual. E fazia versos saudosos ás mulheres, como um trovador. Quando chegou da provincia já trazia o soneto que lhe deu renome, lyrico e ingenuo :

Esse teu lenço que eu possuo e aperto
De encontro ao peito, quando durmo, creio
Que hei de um dia mandar-t'o, pois roubei-o
E foi meu crime, em breve, descoberto.

Lucto, comtudo, a procurar quem certo
Possa nisso servir-me de correio;
Tu nem calculas qual o meu receio,
Se em caminho te fôsse o lenço aberto...

Porém, ó minha vivida chimera!
Fita as bandas que habito, fita e espera,
Que enfim verás em tremulos adejos,

Em cada ponta um beija-flor pegando,
Ir o teu lenço pelo espaço voando
Pando, enfunado, concavo de beijos.

Guimarães era um troveiro simples de alma, naturalmente sonhador, fazendo do sonho a vida e povoando-a de creaturas a quem devia amar em verso. Teria uma unica musa, como Petrarca, como o Dante, ou como alguns que, dirigindo-se a varias, só de uma não podem tirar o pensamento? Muita vez, quando as conversas eram mais satanicas em tórno das mesas dos botequins, Sebastião levantava-se e saía sem cumprimentar aos mais. Ia meditabundo. Criminaram por tal falta em certa occasião, e o poeta suspirou com os olhos rasos d'agua : — « Vou pensar na mãe de Antonio ! » Houve um silencio grave. Coisa importantissima ! Descobriam a musa do poeta. Então elle contou que a mãe de Antonio era uma menina amada desde creança, como em « Paulo e Virginia », á sombra das palmas verdes. Apenas a mãe de Antonio casara, e do consorcio nascera Antonio, filho do seu marido. O poeta, entretanto, não tendo dado um passo para obstar o enlace e nem mesmo após o enlace a apparição de Antonio, considerava esse filho seu — porque ha sempre uma alma á espera da creança ao nascer e essa alma era filha da sua. Curiosa philosophia ! A roda ouvia-o commo-vida. A norma era a extravagancia. Eram assim em 1886. Ninguem riu. A theoria parecia exacta. Todavia o amor platonico á mãe de Antonio

não o impedia de amar outras senhoras com o lyrismo da carne. Eram amores transitorios. Os poetas sentem num segundo o que os outros levam annos a gosar. As mulheres eram motivos emocionaes para a sua musa. Em cada uma encontrava o pretexto para soffrer, chorar, ser lubrico, ser lyrico, ser violento, ser doce. Depois andava, sem pensar nos soffrimentos reaes que talvez pós si ficassem a soluçar. E' que a mãe de Antonio, Claés, Laura, Dulce, Maria, e as outras todas eram apenas para esse romantico formas da Mulher — da Mulher instigadora e victima, companheira e assassina, da Mulher aneio, desejo, dominio, da Mulher que está em todas as coisas, polyforme, e subtil, nas asperezas e nas caricias da existencia, nos espinhos e no olor da flor, no canto das aves e no perpassar da brisa, mulher musa, mulher rima, mulher vida, mulher onda, mulher estrella. Os poetas menores corporificam todos os espantos e todos os encantos na mulher com o intuito de resumir, condensar e fixar o fim da propria existencia. Póde-se dizer que Sebastião Cicero dos Guimarães Passos só falou e só pensou no sexo inimigo. O seu viver é uma supplica, um balbucio amoroso, e, mesmo não amando, amava, prostrava-se, rojava, num permanente espasmo de saudade por uma Venus que era um mixto de paganismo e romantismo...

No momento em que te deixo,
Deixa-me toda a alegria;

A porta dos olhos fecho,
Porque não vejo o que via.

O amor as almas enleva,
Mais eu, por causa do amor,
Caminho dentro da treva,
Por guia só tendo a dor.

Além de ti não conheço
Nada, apenas quero ver-te.
Se te vejo, tudo esqueço,
Não tenho nada a dizer-te.

Estas quadras que o poeta denominou « Simplicidades » e são a sua habitual e fácil maneira de versejar, bastam como profissão de fé. Quando elevava a Musa, falando na « gloria dos helle-nos » e nos « canticos de Orpheu » era para sonhar sonhos de extrema sensualidade, como na « Estatua do Pudor », e para dizer brejeirices por fim.

Misera aspiração humana! Rematada
Ambição do mortal! Terrena pequenez,
O sonho nos eleva ao céu e o sonho é nada!
A vida — uma tragedia, acaba em entremez!

E tu, visão radiosa, alma da cor do lirio,
Cópia viva e immortal da caçadora Diana,
Prefererias, sei, o mais cruel martyrio
A que te visse nua alguma vista humana.

Mas os olhos do amor, os olhos do desejo,
Vêem mais que os que pôs Juno á cauda do pavão.
Que importa ao louco amante a convenção do pejo?
Que importa a veste austera aos olhos da paixão?

Ao curioso olhar perspicuo dos poetas
 Todo mysterio cae, tudo se desaninha,
 E um dia um delles disse, em rimas indiscretas,
 Quando se vê o pé, a perna se advinha.

Olhos de artista são como o sol que vê tudo,
 Olhos de artista são como o invisivel ar :
 Ether que em tudo está completamente mudo,
 Luz que descobre tudo, altisona, a cantar.

Vi teu pré... Meu olhar, lambendo a pelle, ardente
 Esgueirou-se. E ei-lo já no teu rosadô artelho,
 Ei-lo que sobe mais... ei-lo tremulamente
 Serpenteando, a beijar-te a curva do joelho.

A estranha embriaguez não me prostra, ao contrario
 Mais me embriaga o furor de indomito subir.

E continúa. Os versos não são sempre perfeitos, ha até erros mais graves. O poeta, entretanto, beija, continúa a beijar, num delirio, para cima...

Estes versos de paixão, cantando os olhos, as faces, a curva da cintura, os cabellos da amada e as ternuras do amor, quantos antes de Guimarães não os disseram! Quantos após Guimarães não os repetirão? São idéas eternas, pôsto que pequenas idéas. Já estão nos poetas classicos, em Catullo, em Ovidio, em Tibullo, e estão inexoravelmente na abundancia de rimas da nossa excessiva poesia. Guimarães, quando não era o simples Guimarães, com uma certa ironia meio espanhola, repetia os motivos emocionaes de sempre. Elle tambem tem um

ebrio que por mais que beba não esquece o seu amor, tambem tem uma senhora mystica e tambem exaggera os nadas da paixão. Talvez por isso escrevesse num momento sincero este sentidissimo soneto :

Muitas vezes eu li triste e chorando
Sentidos versos que outros escreveram,
Assim, tambem, aquelles que soffreram
Hão de soffrer de novo me escutando.

Hão de reler aquillo que disseram,
Datas apenas e signaes trocando,
E sem pensarem no que estou pensando
Crerão nas maguas que em meus versos leram.

Porque o amor que a todo mundo inflamma
E' o mesmo amor, e um coração quando ama
Nunca esquece o tormento da paixão.

E ás vezes, quando menos esperamos,
Num poeta obscuro que jámais olhamos
Encontramos o nosso coração.

Musset, com justeza insolente, já tinha de resto dito :

*Il faut être ignorant comme un maître d'école
Pour se flatter de dire une seule parole
Que personne ici-bas n'ait pu dire avant vous,
C'est imiter quelqu'un que de planter des choux.*

O poeta não saia a passear sozinho apenas para pensar na mãe de Antonio. Era para pensar em outras, se é forçoso pensar quando se anda só. Ia pelas ruas escuras, noctambulo, a

devanear; e deante do oceano, sob a lua, caminhava dizendo phrases incoherentes. Desejava não encontrar ninguém e quasi sempre, nesses passeios poeticos, tinha encontros desagradaveis. De uma feita um guarda tomou-lhe o passo. — « Que me queres, vermina humana? » O guarda irritou-se. « Onde vae, assim? « Urbi et Orbi » ! respondeu o poeta num gesto largo. Era na pilheria, uma confissão. O policia assim não comprehendeu, levando-o ao pôsto : « Cá trago este homem, gritou ao delegado. insultou a auctoridade, chamou-me de « Urbi et Orbi... »

A policia! Era um dos prazeres da bohemia violentar as leis policiaes. Sebastião dos Guimarães Passos divertia-se com isso. Uma certa noite, depois de bello jantar, indo com um desses amigos que são os satellites dos satellites dos sóes literarios, avistou no meio de uma rua deserta uma barrica. O poeta lembrou o philosopho cynico. — « Vês aquella barrica? Um philosopho que o mundo admira viveu dentro de uma cuba por systema. Um poeta, que o mundo considera, póde dormir numa barrica por necessidade. Ajuda-me a rolá-la para a treva! Um soldado appareceu infelizmente e resolveu impedir a operação. O delegado recebeu-os de cara fechada. — « Como se chama? » indagou do poeta — « Guimarães Passos ». A auctoridade estourou : « Nada de brincadeiras. Fale serio, ouviu? Já outro dia

um typo da sua especie disse que era Fagundes Varella! Deram agora para isso. Não pega! Deixe o nome de um poeta distincto e que além do mais escreve nos jornaes »

Era, porém, o fim da monarchia. O Brasil ia transformar-se. Se a primeira tentativa de Republica sacrificou um alferes dentista amador e degradou varios poetas, é facto positivo que a Republica afinal se fêz tambem de collaboração tanto dos quarteis como da poesia. Talvez fôsse esse o motivo de só haver flores e rhetorica na proclamação e tão pouco juizo nos primeiros tempos. O poetas eram todos republicanos. Michelet, os girondinos, a tomada da Bastilha, — que foi apenas no momento obra de uma suggestão indirecta do Marquez de Sade sôbre as muldidões — a deusa Razão, os lemmas definitivos, a Convenção, prestavam-se a bellas imagens, bellas bravatas, phantasias esplendidas. A mocidade ardente e chimerica discursava ao lado dos propagandistas. Ao contrario do conselho de Cesar : « Fugi á expressão estranha como de um precipio », os oradores empolavam tropos delirantes. Na mais completa liberdade, os poetas pediam liberdade, não a dos romanos, a doce liberdade, *læta pax*, mas a que leva á cadeia, a rubra liberdade da deusa Revolução. Guimarães Passos continuava a amar, a fazer versos e ainda não arranjava um emprêgo. Um emprêgo póde ser um ideal mesquinho para os sonha-

dores. E' sempre, entretanto, um ideal, e o Acaso, o maior dos deuses, ainda não se lembrara de conceder esse ideal pequeno a Guimarães, que com elle aliás não sonhava.

Certa tarde, entretanto, o poeta, ao dar com um amigo, fêz-lhe esta confidencia fascinante : « Se tivéssemos dous tostões, jantariamos esplendidamente. » O amigo realisara na vespera uma conferencia de caridade, recebendo em troca muitos applausos ; trabalhara o dia inteiro a escrever o jornal, apenas com a certeza dos vencimentos dobrados. Mas só tinha um nickel. Foi arranjar outro. E partiram ambos para a Quinta da Boa Vista num bonde de 2.^a classē. — « Onde vamos ? » — « Comer a carne com que Sua Majestade sustenta as feras. » Era uma idéa tão plausivel como qualquer outra nesses remotos tempos de extravagancia normal. Entraram, pois, ambos o grande portão, resolvidos a disputar o « beef » ás pantheras. Juncto ás jaulas estava um homem cabelludo, bronco e insolente. Era o belluario. A tarde caía como uma perola diluida por sôbre a muda harmonia do arvoredos. Guimarães pretendia apenas pedir o « beef ». Dotado de uma fôrça physica enorme, jamais abusara. O confrade, porém, nervoso e imaginoso, sentiu-se cheio de reminiscencias do Baixo-Imperio. Era Byzancio que elle via, eram as feras do basileu que alli dormitavam. E contra o humilde tratador a sua erudição caíu como um azorrhague. O homem a

principio disse : « Os meninos vão embora ou depois não se arrependam. » Sebastião achou ameaçador o conselho e quiz humilhar o belluario. A cada uma das suas phrases, o tratador, sem comprehender, mais colerico ficava. Já rangia os dentes. E, num arranco, furioso : « Ou vão-se ou solto as feras ! » — « As feras ? Pois solte se é capaz ! » Pallido de raiva — pallido e desvairado — o belluario trepou jaula acima a suspender a grade. O urro tremendo de um tigre de Bengala fez-se ouvir. — « As feras ! » bradou o amigo de Guimarães deitando a correr. « As feras ! » bradou Guimarães, imitando o amigo. Ambos, na corrida espavorida, mais apavorados ficavam com o tropel dos proprios pés sôbre a areia, a visão tumultuaria das arvores, e longe de parar, cada vez mais corriam.

Foram esbarrar, extenuados, de encontro a uma das paredes lateraes do palacio. De uma das janelas um homem grave sorria. Era o bibliothecario. « Que é lá isso, amigo Guimarães ? » Mal podendo falar, Guimarães contou o caso, omittindo a fome. O bibliothecario, amator de boas letras e com a tentação dessa juventude irriquieta, ria paternalmente. Mandou-os subir, installou-os com conforto. — « Já agora não vão sem jantar commigo. Façam companhia ao solitario. Certo ainda não jantaram ? » — « Ha tres dias » — « Pois terão mais appetite. » Fèz servir no seu gabinete os

pratos das cozinhas imperiaes, tratou-os com prazer, e para o fim, philosophando, o havana entre os dedos : — « Não lhe cansa esta vida, amigo Guimarães ? A sua obra necessitaria de quietude, de descanso... » — « Oh ! descanso ! Olhe, eu desejava passar a vida como o senhor. O destino é que ainda não quiz... » — « Mas é sempre possivel ajudar o destino. Estava exactamente a precisar de um homem capaz para certos trabalhos da bibliotheca... »

Trez dias depois, tendo lá ido com o desejo de disputar a carne ás feras, Sebastião Cicero dos Guimarães Passos encontrava o seu primeiro emprêgo como archivista da Quinta Imperial. Parece conto, dirão. Sim, conto — o perpetuo conto da sua vida inteira.

Cedo, pela manhã, o poeta apparecia com a tranquillidade do bem estar na nave da bibliotheca. Passeava por deante dos livros, lia, almoçava, contava anedotas. Fez ahi a maior parte da sua cultura, que estava muito por fazer, leu os auctores estrangeiros, amou o padre Vieira, affeioou-se aos espanhoes, de que a sua obra tanto se impregnou. A uma certa hora, Sua Majestade apparecia. Ia ler, estudar. O silencio fazia-se religioso. O soberano, a cabeça pendida, trabalhava. E uma vez em que o poeta tambem lia noutro extremo, o Imperador chamou-o : « Sr. Guimarães, como traduziria você estes versos de Zorilla ? » O poeta, já então monarchista, adeantou-se com respeito. Sôbre o

mesmo livro a imperial barba argentea e a cabeça juvenil do poeta, curvaram-se. — « Já os estudei, Majestade, e até cheguei a traduzi-los. » — « Como ? » — « Assim »... Eram dous versos apenas. O soberano sorriu satisfeito : « Agradavel coincidencia, Sr. Guimarães. Acabo de traduzi-los do mesmo modo e a sua traducção restitue-me a confiança que na minha não tinha. » Tempos que já lá vão, em que os destinados a cuidar da mais difficil das artes, que é a de governar os homens, tomavam pela poesia interesse, protegiam os poetas e com elles traduziam os mesmos versos !

Mas veio a Republica. Tanto tinham feito por ella os soldados, pouco desejosos de sair dos grandes centros, como os poetas ardentes, como o proprio Imperador — talvez o unico grande republicano historico sacrificado pela Republica. Os militares tomaram as posições e os poetas cuidaram de tambem ter o seu pedaço humano. Não houve mortos. Houve apenas um desaparecimento definitivo : o da bohemia. A bohemia literaria falleceu para sempre depois da sua crise hyperesthesica. Os ideaes transformaram-se. Nas revoltas e nos pronunciamentos, havia ao lado de militares homens de letras, no exilio e nas prisões o verso defrontava com o galão e com a divisa. Era a geração pensante tomando parte activa na vida do paíz. A esthetica em que o bello escorraçava o util e o bem negava o interesse, que é, entretanto, a unica e

grande fôrça do bem universal, desapparecia. Na Constituinte, os representantes da bohemia de 1886 davam o seu voto e faziam projectos. Em palacio e nos ministerios, os potentados do momento procuravam o meio de exterminar o literato jornalista, possuidor do florete-satyra, do punhal-pilheria, da adaga-artigo de fundo. Os bohemios, que eram o brinco alegre da opinião, tornaram-se a voz de opinião publica. O ensilhamento, o periodo aureo das concessões e das companhias, tinha poetas no meio. E Guimarães Passos levado na onda, cada vez mais bohemio, agia sem saber, nada desejando, mas accumulando pilherias contra os outros, com o bom humor de sempre.

Nas commoções sociaes violentas sempre apparecem, impondo-se aos partidos, alguns bandidos. O que a Europa viu no periodo escurecido da idade média, a America tambem tem visto. E' lei que as aguas revolvidas de um lago trazem á superficie os horrores do fundo. Ora, os bandidos não toleram pilherias e Guimarães accumulava-as, quando rebentou a revolta, — a grande e até hoje ultima. Fazia-se a resistencia da terra contra o mar, e a onda dos assalariados subia. Um desses, cuja vida foi na America, da Venezuela á Argentina, drama continuo de torpeza e sangue, o *bluff* da ignorancia imponente, de que até hoje ninguém quiz contar a phantastica vida aventureira, era solemnemente pôsto elevado da Guarda Na-

cional em exercício. Ao famoso sujeito sobravam as satyras do poeta. Então, na primeira occasião, antegosando a vingança, prendeu-o e dictatorialmente fê-lo assentar praça no seu batalhão, como cabo. Guimarães não perdeu o grande ar de sempre. Preso, passou a um amigo de jornal favoravel ao govêrno um bilhete rapido : « Salva-me de ser cabo para ser alferes ao menos. Do irmão Guima. » O irmão marchou para o coronel director da folha, tão nobre homem que se commoveu, promoveu em horas Guimarães de cabo a tenente e ainda lhe adiantou o dinheiro para a farda. Montando guarda, Guimarães-cabo esperava. Quando a promoção e a farda chegaram, o poeta enfiou a segunda, pôz o kepi, esqueceu a promoção sôbre a mesa, apertou a mão do cabo substituto e saiu. Ninguém mas o viu. O amigo afflicto recebeu á noite outro bilhete : « Promovido tenente, sigo grato rumo ao mar. » A' mesma hora, num paquete armado em guerra, Sebastião Cicero dos Guimarães Passos atravessava a barra sob a chuva incerta da metralha official — revoltoso e politico.

Era o mar, a quem sempre o prendeu um secreto amor, que pela segunda vez o levava inesperadamente, fechando o cyclo mais alegre da sua existencia. O oceano marcou, de facto, tres grandes partidas em que se dividiu essa vida : a partida para a alegria radiante, a partida para a tristeza solitaria, a partida para a

morte. Um romantico diria desejo consciente do mar atirá-lo aos astros na ancia de vê-lo melhor... A segunda proeza maritima, entretanto, levou-o á guerra, a secretario de govêrno illegal, ao exilio amargo, aliás bem adoçado pela despreocupação e pelo amor — « o amor que não é nem alegre nem triste e sonha trabalhando e trabalha sonhando ».

Da revolta criaram raizes muitas fortunas, de ordem politica e de ordem economica. Elle soffreu revezes, nunca procurou junctar dinheiro, passeou com passo fidalgo, amou, contou com a amizade para alimentá-lo. No exilio vivia, em companhia de alguns amigos.

Do Brasil lembrava-se para fazer troças. Entre as pilherias desse tempo, uma contam que é caracterisca do seu genio alegre e do seu fetichismo da vida livre. Ao chegar a uma esquina, durante vinte dias, Guimarães atravessava a rua a correr e esperava os amigos de outro lado sem dizer palavra, sem uma explicação. Acabaram por perguntar-lhe o motivo daquella extravagancia :

« Não vêem a placa? respondeu o poeta. Vejam a placa. Calle Brasil. Passo por alli correndo, porque se fôr a passo sou preso. » No mais fazia versos. Propriamente nem muitos versos fazia, nem muito os lavorava. O seu poema continuo foi o romance da sua vida de apparencia sensual, e, no fundo, triste sem saber porque.

Elle, de resto, o disse em versos tremulos :

Na noite em que eu nasci, noite profunda e escura,
Em que apenas se ouvia o gemido do mar,
Creio que minha mãe chorava de amargura.

E, abrindo os olhos, sem olhar,
Vi que no quarto em que eu nascia
Um anjo ou um passaro, no ar,
Ruflando as asas, fugia.

Mais tarde, quando entrei na minha adolescencia,
Alguem, piedosamente, abraçou-me a chorar
E, fallou-me a tremer com magica eloquencia.

Porém, apenas volvo o olhar,
Uma figura que me via,
Um anjo ou um passaro, no ar,
Ruflando as asas, fugia.

Depois, na idad em que a alma ébria de gosos vôa,
A minh'alma partiu, deixando em seu lugar
Outr'alma illuminada e compassiva e boa:

E quando a banho em meu olhar
E nos meus braços a envolvia,
Um anjo ou um passaro, no ar,
Ruflando as asas, fugia.

Uma vez que julguei terminada a campanha,
Sôbre os louros dormi a sonhar, a sonhar...
Mas a sombra fatal que me foge e acômpanha,

O meu olhar, ao meu olhar,
Vendo a fortuna que eu fruia,
(Ou anjo ou passaro, no ar)
Ruflando as asas, fugia.

E desde então, em toda a parte,
Ou no prazer ou soffrimento,
Ao ver-me a sombra, num momento,
Rapidamente pelos ares parte.
Mas quando o bem mais me acenava,

E um céu mais claro se me abria,
 Ao ver a sombra fugidia,
 Que bruscamente assim me abandonava,

Eu perguntei-lhe, com tristeza :
 — Sombra que foges, sombra errante,
 Dize-me a tua natureza,
 Em toda a parte em que te avisto,
 Sombra fugaz, no mesmo instante,
 Foges de mim, de mim te vaes,
 Quem és? Quem sou? Eu não existo,
 Sombra, senão para soffrer...
 Desde que a luz do mundo vejo,
 Que sob a luz do sol padeço;
 Do beijo apenas conheço
 O fel que occulta qualquer beijo,
 O mal que existe no prazer.
 E tu, que, quando alguma paz,
 No meu espirito alvorece,
 Levas-me o bem que me apparece,
 E todo o amor, toda esperança.
 Levas na tua asa que não cansa,
 Quem és? Quem és? sombra fugaz?
 E de uma altura inacessível,
 Essa mysteriosa, essa vaga entidade,
 Com um tom de voz indescrível
 Inexorável e terrível :
 « Poeta, me respondeu, sou a felicidade ».

Por isso talvez a procurasse no exílio da Argentina, essa fugace felicidade que o acompanhava afinal, como um anjo da guarda discreto e amavel.

Quando voltou do exílio, a geração em que formara estava victoriosa. E deu-se com elle o triste horror do homem que sobreviveu á sua época. Em vão, queria ver os seus amigos de bohemia tal qual eram. Os amigos estavam

collocados, pretendiam dirigir o paiz, temiam a opinião publica — que a vida começa por affrontar essa opinião, ascende a dirigi-la e pende della escrava, quando se attinge o maximo da fama. Em vão, Guimarães falava no estylo de outr'ora. Os amigos nem riam. Haviam casado, educavam os filhos, junctavam dinheiro. Nos cafés já não havia bohemia literaria e a bohemia era dourada, nos salões. Dia a dia o mal augmentava sem remedio. O poeta era o derradeiro ser vivo de um paiz que desapparecera, de uma época tão remota como a dos Farneses, como a de Cleopatra, como a do rei D. João VI. Resignou-se. Não tinha outros amigos senão aquelles de physico parecido com os antigos. Com elles então fèz-se immortal, com elles elegantemente frequentou salões, com elles obteve o maior exito recitando versos, vestindo uma casaca de panno tão leve que das abas dizia serem asas de borboleta. Mas sendo os outros vencedores, nunca sentiu a necessidade de vencer, elle, que parecia ter vencido... Nunca persistiu na chronica. Escrevia por encommenda, desinteressava-se da obra, tendo pelo esfôrço alheio ironica desconfiança. Como Diderot, que escreveu muito, talvez pensasse: « Feliz o paiz em que não ha nem penna, nem papel, nem tinta senão para escrever os registos das creanças que nascem! » Vivía só, sempre ás voltas com grandes paixões transitorias e breves. Saía tarde. Quasi não

comia. Conversava pouco com um perpetuo ar de troça, e horas inteiras passava nos terraços das confeitarias, deante de um *bock*. Era a ultima negação do trivialismo, o derradeiro bohemio. Abandonou as festas mundanas. Só ainda apparecia na Academia. Para essa creança que continuava a se julgar irriquieto, era prazer surgir nas grandes festas academicas, com o porte erecto, o ar galhardo de sempre e aquelle riso de ironia ingenua que já não mostrava uma esplendida dentadura de trinta e dois bellos dentes.

De vez em quando, os jovens de uma geração que não era já a sua diziam-lhe, sem motivo, coisas desagradaveis. Elle, porém, continuava a caminhar.

Certo nada póde apagar um homem como o elogio unanime. Elogiar sempre é o meio de inutilizar sem luta. Ser elogiado sem um grito de opposição, sem varios gritos, é deixar-se arrastar por uma envenenadora melodia. O homem que sabe, espera apenas o elogio do seu igual porque é victorioso e fatalmente generoso. Como, porém, a victoria é rara nas letras, o artista póde fitar as estréllas, sentir a vida, dar forma e côr á belleza impalpavel, educar a visão da propria natureza. De esconderijos e poças lobregas chega aos seus ouvidos o coaxar dos batrachios, e a seus pés, no terreno viscoso, saltam grotescamente, zebradas de verde limo e de verde bronzeo, as carapaças postulentas dos

sapos, que para elle olham como olhavam o boi do fabulista e a lua dos românticos. Lamenta-veis sapos inoffensivos ! O artista que se inebria na missão de suggestionar, de mostrar o não visto, pára, observa, analysa, sorri. Por onde espinoteam os sapos ha muita vez a innocencia do verde, flores sylvestres, e quem sabe ? grandes flores perversas de olor intenso. Se não houvesse o sapo, ninguem saberia bem o que é a vida. E os risos maus, o rictus da inveja, a torpeza da calumnia, não passam afinal para os fortes, os que vencem, senão do nojo, do asco, da repugnancia que a todos causa a acrobacia macabra de um batrachio emergindo do charco.

Guimarães Passos era um grande affectivo. Nunca muita importancia lhes deu, e como um outro academico, o bohemio Abbé Boissart, o verdadeiro organizador da Academia Francesa, julgava-se de uma bohemia superior. A sua resposta está neste paradoxo :

Se encontrares alguém no teu caminho,
Que do teu pranto menoscabe rindo,
Que, ouvindo gemer, teus ais ouvindo,
Quebre na face o rictus do escarninho ;

Se encontrares alguém que, descobrindo
No recesso da tua alma intimo espinho,
Em vez de dar-te fraternal carinho,
Aprofunde-te a dor que estás sentindo ;

Não te zangues com elle, não te zangues
O desgraçado riso que lhe vires ;
Toca-lhe o peito — que poreja sangue ;

Toca-o : verás, que fementidos modos !
 Sonda-o; verás por tudo que lhe-ouvires,
 Que elle é mais desgraçado que nós todos.

Mais do que nunca o proprio alheiamiento da vida ambiente afastava-o de qualquer luta. Era o homem que sobreviveu á sua época. Quasi no fim, entretanto, sem sentir o sonho fraternal da antiga bohemia, começou de amar as coisas, os objectos, o inanimado. Parava para o sol, murmurava : o nosso sol ! Demorava vendo as arvores urbanas das avenidas. « Estão a crescer, venho vê-las todos os dias. » Pediu certa vez a uma senhora uma boneca e levou-a nos braços. Penteava-a, recitava-lhe trechos de Manuel Bernardes e versos de Tyrso de Molina, fazia-lhe o rol, dava-lhe banho. A tuberculose, a que resistira o seu organismo em vinte annos de vida airada, infiltrava-se com o mal secreto, poindolhe os pulmões. Então Sebastião Cicero dos Guimarães Passos reparou totalmente na verdadeira vida, ao lado da qual passara sem attentar bem, viu o mundo com as suas dores, as suas alegrias breves, a sua eterna ancia de bem no soffrimento, e notou que abaixo das bohémias literarias e artificiaes, muito abaixo, muito lá em baixo, ha uma outra bohemia amarrada ao azar, sem pensar nos ricos, trabalhando, penando, arquejando, entre a cadeia e a dura enxada, entre a lei aspera e a sepultura. E essa bohemia involuntaria, sem tempo para apprender, sem tempo para sentir, sem tempo para pensar, —

essa bohemia sentia a belleza do rhythmo, e nas horas roubadas ao repouso, após a labuta ou o crime — que é o maior dos labores, cantava e transfigurava-se. Nem o poeta a conheceu nem ella sabia do poeta, seu filho legitimo, perdido no artificial.

O poeta sentou-se. Tinha febre. E escreveu para os bohemios miseraveis a « Casa Branca da Serra ». Era o grande amplexo do reconhecimento. Como, por encanto, divulgada nos almanaques do povo a canção dominou mares e selvas, céos e vergeis do Brasil. Em cada canto, nas alfurjas sordidas das cidades, nos campos illuminados pela lua, após a faina, na rotula das perdidas e á janela das namoradas, sòbre a caricia dos violões, a canção adejou, vibrou, suspirou, queixou-se. Era o lyrismo platonico do brasileiro, era a fascinação que domina a nossa raça, era a mesma e immensa paixão da mulher inaccessivel por mais que possuida, paixão dos trovadores, paixão saudosa.

Para o poeta o encontro vinha tarde. Não se volta aos simples mesmo sendo simples quando outro sonho nos fêz a vida. A molestia, ao demais, progredia. Os amigos, alarmados, resolveram retirá-lo da fornalha urbana, dar-lhe leite em vez de cerveja. Arranjaram-lhe um lugar em Minas. Seguiu, passeou, melhorou, e de novo em frente ás confeitarias veio abancar. As faces se lhe encovaram, a febre reapareceu. Encontrei-o uma vez assim. Era no cáes,

perto do mar. O poeta olhava as ondas revoltas. Disse-me : « Todos têm o seu sonho. Sabes qual é o meu agora ? Morrer em Paris ».

Dias depois, quasi tão inesperadamente como quando partira de Maceió e partira para a revolta, o poeta partiu para a ilha da Madeira. Era a ultima viagem.

A ilha, paraíso verdejante para quem não conhece a collecção de paraísos identicos das nossas montanhas, é sem vida. Nos hoteis caros concertam os pulmões ingleses millionarios ou arranjam negocios alemães gordalhudos. Nas praias, adolescentes bellos, como devia ter sido Apollo, mergulham no oceano, e na montanha, toda verde, os incolas de falar cantado, têm no olhar o mysterio da incomprehensão. Guimarães escreveu de lá. Estava peor. « Cá vim pedir á ilha da Madeira a saude que o seu vinho me levou », dizia uma carta que era um esgar. Já a morte o acolytava.

Morte, ha no mundo tanta dor contida
Que tu, que findas todo bem do mundo
E's a cousa melhor que ha nesta vida!...

De repente, entretanto, e antes de morrer, embarcou-se num subitaneo impeto. O Destino queria ser amavel até o fim para quem toda vida só nelle crera. Ia para a Suissa. Abateu no *boulevard* branco de frio, chegou a Paris em pleno inverno, transido e só, olhou com olhos já do insondavel, aconchegou-se a tremer sob

a neve que parecia o deplumar de asas brancas no céu azul. E morreu oito dias depois de lá chegar, á noite, na cidade que ignorava e que o ignorava, realizando o ultimo sonho, sonho de creança, que antes de morrer deseja um enorme brinquedo de feeria; e morreu no grande rumor orgiastico da Cidade Luz — derradeiro presente monstro com que o maravilhava empoeirado de gelo, o Destino, pae dos deuses e dos sonhadores.

Assim acabou o ultimo bohemio romantico. Era na sua modestia de poeta simples bem o reflexo de um momento da nossa raça, era o derradeiro representante da bohemia amorosa em que se crystallizara durante muito tempo a vida contemplativa de todos nós. E a sua grande culpa foi ficar no sonho, fóra da vida, teimosamente fóra da vida sem sentí-la e sem a aproveitar quando os outros marchavam para comprehendê-la como a realização do mais bello sonho.

Delle póde dizer-se que teve tudo e nada teve, que tudo fêz e nada fêz. Sotião, philosopho peripatetico, que amava as anedotas e com ella fêz um livro abundante denominado o « Corno da Cabra Amalthéa », escreveria outro talvez maior com as anedotas da vida dêsse bohemio. A abundancia de anedotas numa existencia é a caracteristica da sua irregularidade.

Sem as anedotas não se faria idéa de Guimarães.

Para os perigosos cultores da moral ao alcance de todas as bolsas, da moral em moeda de cobre, Guimarães surge como o perigoso egoísta amoroso. Para os que estudam a sua obra modesta: dous volumes de versos, uma comedia, um dictionario de rimas e os humores de jornal, contos ariscos, epitaphios, pilherias de duas linhas, será sempre um desses poetas de fonte romantica, satellite de uma escola desaparecida perdido noutra escola e até a morte sem soffrer a menor alteração, a não ser no espirito que rareando a producção nella condensou um triste e profundo amargor. Para os conservadores de coração estreito era uma creatura que estragou a vida. Para os que pensam e sentem e acreditam na illusão como a unica verdade, foi uma deliciosa e enternecedora figura. Não era um creador. Mas era bom, leal, amigo. E Zarathustra disse: « Os bons não podem crear. São sempre o começo do fim. Seja qual fôr o prejuizo causado pelos maus, o prejuizo dos bons é muitissimo maior. » Não era um personalidade fixada pelo proprio esforço, era uma fantasia real inventada pelo Destino, de que o proprio Zeus tinha medo. Da sua vida poder-se-ia escrever um conto muito grande que começasse no estylo de Cervantes, passasse á maneira de Sterne e terminasse como certos romances de Wells, quando colloca os homens de uma época em épocas futuras.

* * *

A Academia aprouve eleger-me para occupar a vaga aberta pela morte do poeta. E' de stylo, em taes solennidades, não deixar o recipiendario de agradecer, cheio de modestia humilde e ás vezes longa, a honra merecida. A honra foi para mim immensa. Seria faltar á verdade visivel negar a minha commoção. Mas eu chego muito joven — o que não é aliás tão visivel — a uma Academia muito moça para poder ábreviar o agradecimento. Á juventude tudo se perdôa, menos a pretensão de parecer velha. Nada mais pretensioso do que abusar da ponderada modestia da velhice. A Academia é já entre nós uma tradição, mas uma tradição juvenil e poderia responder, a quem lhe pediu como o maior elogio um lugar na sua companhia, o que dizia Shakespeare : um elogio feito a idade avançada é um elogio esteril. Ao recebê-lo, antes de considerá-lo esteril, não me prendem só o contentamento da gratidão mas tambem o desejo de explicar a sua intenção.

Ha em todas as coisas uma razão subtil, que é o direito da fatalidade. Sebastião Cicero dos Guimarães Passos foi a ultima physionomia do romantismo. Dar-lhe idade seria diminui-lo. Sobre a sua alma aos annos não passavam, nem por elles o poeta pensava caminhar. Morreu quasi joven de corpo e com a alma de uma época que não envelhece, mas se classifica. Era

egoista fantasista, era o egoista bom. Quem o substitue trocou sempre a chimera pela curiosidade, o entusiasmo pelo facto, o proprio sentimento pela sensualidade dos sentimentos alheios. Veiu para a vida ver. Elle foi actor. Eu sou espectador. Ambos vestiamos aquellas roupas que Carlyle no « Sartus Resartus » dizia serem as idéas divinas ou infernaes susceptiveis da Moda. Elle vestia uma casaca de côr, com bofes de renda. Eu visto uma casaca preta sem bofes. E está principalmente na escolha dessas vestimentas symbolicas que escondem a eterna Idéa Pura, a intenção da Academia. A obra de arte é inteiramente inutil quando não exprime, através de uma personalidade, as aspirações do mundo ou o reflexo dos sentimentos de moral e de belleza da época em que surge. Os grandes poetas reflectiram sempre a aspiração universal, foram os vates, os que diziam as ancias e ao mesmo tempo o immenso desejo de escalada da especie humana. Os poetas descobriram os astros antes dos homens, e poetas como o Dante adivinhavam constellações num hemispherio ainda por conhecer. Antes da realização das ousadias da mecanica, os poetas sonhavam o vapor, o telephone, o phonographo, a machina, o automovel, o aeroplano, que é o mais velho sonho da humanidade. Guardas das tradições, sentiam a natureza plasmada e dominada pelo homem. E, enquanto o poeta ficava assim reflexo incentivo da humanidade e os pequenos aedos serviam á

satisfacção dos egoismos limitados, o homem penava, soffria, fazia do sangue suor e materializava o sonho.

Quando a inspiração ficou abaixo da mecanica e as phantasias delirantes não ultrapassaram a conquista do conforto, os grandes poetas tornaram-se analistas, e a poesia pessoal, repetindo com convicção pequenas coisas particulares, passou á confecção de bugigangas industriaes, em que o molde é tudo. O sonho particular não interessa mais, porque todos nós vivemos num extraordinario sonho de Belleza e de Força. Nunca houve na vida humana um momento igual ao presente, o momento em que todos são poetas e a poesia vive nos menores gestos, nas menores idéas, em cada canto, em cada corpo, em cada cidade. O rhythmo mecanico regra como uma apotheose a belleza, todos os deliros, o do pratico que descobre, o do rico que esbanja, o do ladrão que mata, o do anarchista que incendeia, o da mulher que perde, o da multidão que freme com a furia da satisfacção na belleza. Tudo quanto parecia impossivel ao mundo antigo e não passava de symbolo e de ficção, a immensa e infinita aspiração dos homeens desde os aryas para conhecer e fixar, domar os elementos, crear, gerar, inventar, realizar, descobrir o mundo onde habita e os outros mundos e o seu proprio ser e a sua propria alma, sentir o inanimado, e animar o aço, descer ao oceano, subir aos ares, consciente e

seguro — tudo o homem realizou materializando o sonho. E' o milagre permanente, é a maravilha normal. Nada póde ser impossivel e o impossivel desaparece na lenta audacia secular dos demiurgos. O artista sente os velhos processos ridiculos, o vazio de repetir deante da immensidade actual. O presente creou as coisas que se não vêem mas se presumem, a atmosphera de assombro em que todos nós, sem espanto, erguemos alto o archote da visão. O presente personalizou o inerte, deu cérebro e pensamentos ás machinas, descobriu a não sonhada vida das profundidades oceanicas, a vertigem vencida dos espaços livres, fez a esthetica da velocidade, a furia metallica da rapidez, e ao cérebro deu força infinita e o sentimento do impalpavel. Os oceanos elle os estreitou, o aço e o ferro animou-os com o calor para correr parado, para voar deitado, pensado. As grandes florestas, onde outr'ora os semi-deuses moravam, elle as desfez; os montes ingalgaveis, galgou-os; as entranhas da terra e o fundo do mar impenetraveis, penetrou; dos rios fêz estradas, das quedas d'agua tremendas força represa; e, com todas as energias dispersas reunidas, creou o conforto, que é maravilha da rua, da casa, da roupa, do conjuncto, das cidades, das sociedades em que a vida parece acudida por um bando de fadas legendarias. E pensando, querendo ser mais. Em cada craneo ha uma particula de um metal mais forte que o

mundo que é a idéa. E jamais cansado, o homem possuidor do Egoismo, a qualidade fundamental que cria a solidariedade pelo interesse e o amor pela satisfação mutua, o homem tem mais ambição. E' a aspiração maxima, um conjuncto exasperante em que todos querem ter mais, ser mais, vencer mais, do artifice ao que mais póde — em pleno sonho, o sonho ainda maior de superar, de criar o super-homem, de ser maior que a especie.

A arte é a placa sensível da vida. Phidias diz o mundo grego como Rodin o mundo de agora. Uma esthetica nova surge, a esthetica do milagre animador. A natureza é outra, utilizada pelo homem, vista na corrida dos automoveis. A vida das cidades tem esse frenesi de saber, esse desespero orgiaco do dominio, de audacia, de energia cerebral. O homem é outro com os instinctos aguçados e os sentidos duplicados. A mulher é ainda mais mulher.

Para que repetir o que disse o veneravel Lamartine? Para que reproduzir os desesperos de Byron? Para que fingir lagrimas e escrever sonetos contando velhas coisas comicas que já se não usam e sabem tanto a recantos de antigas bibliothecas? A vida fez a renovação de todas as figuras estheticas, dos velhos moldes literarios.

A paisagem com a vegetação dos canos das usinas, as sombras fugitivas dos aeroplanos e a disparada dos automoveis, os oceanos sul-

cados rapidamente, desventrados pelos submarinos, os dramas que esses ambientes novos dão ás cidades cortadas de aço, cachoeirando, por cima, por baixo, em borbotões, as multidões apressadas, a exhibição do luxo, a nevrose do reclamo em iluminação de magica, os negocios, o character, as paixões, os costumes, em que o sentimento das distancias desaparece, o crescente esmagamento do inutil, a flora formidavel do parasitismo e do vicio, o amor, a vida dos nervos centuplicada, obrigam o artista a sentir e ver doutro feitio, amar doutra forma, reproduzir doutra maneira. Faz-se um poema de maravilha visivel e de emoção aguda vendo uma fabrica. Têm-se todos os horrores e todas as delicias do mundo, sentindo uma rua. E em tão dramatico deslumbramento, no maelstrom do sonho realizado, no excesso de poesia activa que diminuiu os poetas, o artista é, mais do que em outra qualquer época, o primeiro, porque vê enquanto os outro agem, reflecte enquanto os outros sentem, e, dominador, guarda comsigo a immensa e suave força transformadóra, a força que mostra os ridiculos, indica as falhas, reduz a vaidade, diminue os poderosos, mata os imbecis, esmorece os fracos, incentiva os fortes e julga o mundo, a força da ironia que nas figuras de Leonardo é o sorriso da esphinge, nos bronzes de Benevenuto o desafio voluptuoso, nos marmores gregos a placidez inquie-

tante, e se torna o cunho da obra d'arte perduravel e fixa a immortalidade, num pequeno poema, numa pagina, numa phrase — porque é o sorriso complacente da cultura, a flor do espirito subtil, o scepticismo tranquillo do raro, a divina ironia, que nem os deuses tiveram, a ironia polyforme que sorri em Luciano e faz pensar em Christo, a ironia de que um escriptor disse — sem a ironia o mundo seria uma floresta sem passaros.

A Academia — para que dizer cousas por todos sentida? — é o escol mental do paiz. Rénan disse que um pais vale pelo seu escol. Neste momento, o paiz entra na grande corrente humana, com a fôrça e a ingenuidade de um gigante criança, que muito tempo passou sem nada fazer além de castellos no ar e versos á sombra das palmeiras. É a transformação nos habitos, nos costumes, nas idéas, um subito grito de triumpho, a grande fôrça do progresso que é a fôrça de fugir de si mesmo. ». Da vida desappareceram os bohemios lyricos. Na arte extinguiu-se o sentimentalismo. A aspiração dos artistas novos seria a de fixar através da propria personalidade o grande momento de transformação social de sua patria na maravilha da vida contemporanea; a de reflectir a vertiginosa ancia de progresso, esse aspecto incompleto, pouco constituido, aggregado heteroclitico de appetites barbaros e delicadezas civilizadas da raça, agora; a de gravar o instante em que

os velhos sonhos afundam, com todas as valedudinarias superstições de outr'ora, inclusivé a da moral, na eclosão de uma vida frenética e admiravel.

Não quizestes em tal hora, senhores meus, chamar para vossa companhia e para a cadeira de Laurindo Rabello alguém que, como Laurindo e Guimarães, fôsse na vida o prisma azul, por onde não se vê a vida. Preferistes o espectador incompleto dessa sociedade que se constitue. Em vez da obra perfeita e de sabor conhecido, tomastes como exemplo da época na Academia aquelle que fixa tumultuariamente alguns aspectos do esplendido espectáculo. A ironia é também incentivo, quando generosa. Ha intenções subtis que esperançam e deliciam. Ao entrar na Academia sob o louro deste acolhimento, quero ver apenas no vosso gesto para o companheiro muito joven a doce e boa ironia de um incentivo amigo.

INDICE

Amavel leitor	3
O Amor carioca	17
O Figurino	63
Flirt.	105
A Delicia de mentir	143
Discurso de recepção na Academia Brasileira. . .	185

Index

~~65~~
5

Sebastian de
Alvarez
Machado

==

PSYCHOLOGIA URBANA

DE JOAO DO RIO

As Religiões no Rio. 8.^a edição.

Alma Encantadora das Ruas. 3.^a edição revista.

O Momento Literario.

Cinematographo (chronicas cariocas).

Frivola City.

Era uma vez... (contos para creanças em colaboração com Viriato Correia).

Jornal de Verão, chronica de Petropolis.

Portugal d'Agora.

Dentro da Noite (contos). 3.^a edição.

Fados e Canções de Portugal. 4.^a edição.

Vida vertiginosa.

Os dias passam.

A profissão de Jacques Pedreira, romance.

TRADUÇÕES :

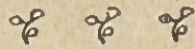
Salomé. — **O retracto de Dorian Grey.** — **Intenções.** — **O Leque de Lady Windermare.** Obras de **Oscar WILDE.**

THEATRO :

Ultima Noite, episodio dramatico em 1 acto.

JÓAO DO RIO

(DA ACADEMIA BRAZILEIRA)



Psychologia Urbana

*Bubens
Doppler*

O Amor Carioca — O Figurino

Flirt

A Delicia de mentir — Discurso de recepção

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

*Le serpent perit quand il
ne peut pas changer de
peau. De même les esprits
que l'on empêche de chan-
ger leurs opinions cessent
d'être des esprits.*

NIETZSCHE.











